

Sua Igreja Está Preparada?

Motivando Líderes para Viver uma Vida Apologética

Ravi Zacharias
Norman Geisler

A apologética hoje permanece tão relevante e vital como sempre. Entendido apropriadamente, o cristianismo integra todas as dimensões de nossa humanidade — espiritual, intelectual, emocional, ética e social — e as razões que apresentamos para nossa fé devem ser capazes de falar de modo convincente a todas essas áreas. *Sua Igreja Está Preparada?* ajuda você — especialmente se ocupa uma posição de liderança na igreja — a instilar uma apologética bem equilibrada em todos os níveis, desde o púlpito e departamentos ao mundo do trabalho, da escola e do lar em que os membros de sua igreja vivem.

Ideal para ser usado em parceria com o livro *Who Made God?* (Quem É Deus?) — um manual de respostas a mais de 100 perguntas difíceis acerca do cristianismo — este livro destaca as contribuições do editor-geral Ravi Zacharias, J. Budziszewski, Peter Grant, John Guest, Dean Halverson e Judy Salisbury. Você encontrará esclarecimentos instigantes sobre:

- O papel dos pastores na apologética
- As três tarefas da apologética
- O papel crucial da apologética em uma igreja saudável
- Restaurar o lugar da apologética para que as necessidades do mundo sejam supridas
- Evangelismo através da pregação, da música e da adoração
- Preparar os pais para lidar com o questionamento dos filhos
- O que estudantes universitários precisam ouvir dos líderes da igreja
- Fazer amizade com estrangeiros

Os capítulos terminam com perguntas para reflexão e debate, a fim de que o livro possa ser usado em atividades de grupos.

Sua Igreja Está Preparada?

Ravi Zacharias
Norman Geisler

Sua Igreja Está Preparada?

Motivando Líderes para Viver uma Vida Apologética

1ª Edição

Traduzido por
Daniele Pereira

CPAD

Rio de Janeiro
2007

Todos os direitos reservados. Copyright © 2007 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: *Is Your Church Ready?*
Zondervan, Grand Rapids, Michigan, EUA
Primeira edição em inglês: 2003
Tradução: Daniele Pereira

Preparação dos originais: Gleyce Duque
Revisão: Elaine Arsenio
Adaptação de Capa e projeto gráfico: Leonardo Marinho
Editoração: Flamir Ambrósio

CDD: 239 - Apologética Cristã
ISBN: 978-85-263-0860-2

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-21-7373

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1ª edição/2007

Agradecimentos

Muitas pessoas colaboraram para esta realização. Nos primeiros dias, Joan Cattell, assistente de pesquisa de Norman Geisler, trabalhou com afinco para organizar o material de cada colaborador. Sua paciência foi um bom exemplo de uma apologista com uma amável disposição. Danielle DuRand, assistente de pesquisa de Ravi Zacharias, serviu como editora, e trabalhou generosa e incansavelmente a fim de apresentar à editora um manuscrito bem organizado e completo. Sem ela, nunca teríamos cumprido todos os prazos. Nossos sinceros agradecimentos. Os diversos escritores desta obra e a valiosa assistência da equipe editorial da Zondervan também merecem nosso franco "obrigado". Somos gratos a Deus, pois o trabalho finalmente foi impresso.

Ravi Zacharias
Norman Geisler

Prefácio

O livro que você tem nas mãos é fruto da visão do Dr. Norman Geisler, que tem trabalhado por longo tempo a fim de preparar líderes de igreja — e outros que desejam compartilhar o evangelho de modo cativante e efetivo — para serem apologistas. Embora Ravi Zacharias lhe preste homenagem no volume intitulado *Who Made God?*, em cujos escritos se destacam, é relevante reconhecer, também, sua contribuição em solicitar autores e capítulos para este livro.

Em João 13, vemos Jesus lavando ternamente os pés de seus discípulos, sabendo que apenas algumas horas mais tarde Ele seria traído por um deles e abandonado pelos outros no caminho. Jesus lhes disse: "Ora, se eu, Senhor e Mestre, *vos lavei os pés*, vós deveis também *lavar os pés uns aos outros*. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também" (vv. 14,15, grifos do autor). Essa singular construção paralela de unir palavras com o mesmo sentido como "lavei... os pés" e "lavar... os pés" usando o verbo *dever* é encontrada quatro vezes nos escritos de João, que era identificado como o discípulo a quem Jesus amava. Por exemplo, em 1 João 2.6, ele escreve que "aquele que diz que está nele [em Cristo] também deve andar como ele andou". E em 1 João 3.16 e 4.11, esse mesmo paralelismo liga o verbo *dever* com dar a vida por alguém e amar aos outros: Assim como Deus nos amou de modo sacrifical, devemos amar também. Parece significativo, então, ouvirmos Jesus dizer esta frase imediatamente depois de lavar os pés dos discípulos, porque, em essência, Ele *está dando exemplo* — com palavras e ações — o que é um servo-mestre.

O exemplo de Jesus de servo-mestre é uma convocação para os líderes de igreja, mas também o é para cada um de nós como seus discípulos, qualquer que seja o nosso chamado principal. E é com esse entendimento que esta obra tem origem. Conseqüentemente, visto

que o conteúdo é direcionado de certa forma a pastores e líderes de igreja para a apologética — ou seja, "dar uma resposta" (*apologia*) pela esperança do evangelho em você (1 Pe 3.15) — o objetivo vai além disso. Muitos de nós também somos pais, estudantes ou jovens profissionais lutando com questionamentos que deixam perplexos não só o intelecto, mas também o coração. Com isso em mente, esperamos que você considere o seguinte: Não fomos chamados apenas para darmos respostas, mas como escreveu Ravi Zacharias, para sermos portadores de respostas, que respondem com mãos gentis e pés velozes em vez de apenas com palavras. Esse é o modelo de encarnação que Jesus demonstra ao longo dos Evangelhos, e é o exemplo que esperamos que você encontre nos capítulos à sua frente.

Danielle Durant,
assistente de pesquisa de Ravi Zacharias.

Sumário

Agradecimentos 5
Prefácio 7
Colaboradores 11

1. O Pastor como um Apologista 13
   Ravi Zacharias

2. Quatro Desafios para Líderes de Igrejas 23
   Ravi Zacharias

3. A Igreja como o Coração e a Alma da Apologética 37
   John Guest

4. A Prioridade da Apologética na Igreja 53
   Peter J. Grant

5. Flechas e Espadas na Igreja 71
   Ravi Zacharias

6. Criando um Clima Apologético no Lar 87
   Judy Salisbury

7. Quando Vão para a Faculdade: Podemos Protegê-los? 101
   J. Budziszewski

8. Questões e Abordagens no Trabalho com Estrangeiros 123
   Dean C. Halverson

Notas 145

Colaboradores

J. Budziszewski

J. Budziszewski (Ph.D., Yale, 1981), um estudioso da lei natural nacionalmente conhecido, ocupa cargos nos departamentos de Governo e Filosofia da Universidade do Texas, em Austin. É autor de seis livros escolares, sendo o mais recente *What We Can't Not Know: A Guide* [O que não Podemos Deixar de Saber: Um Manual] (Spence Publishing, 2002), bem como um livro de apologética intitulado *How to Stay Christian in College* [Como se Manter Cristão na Faculdade] (NavPress, 1999). O Dr. Budziszewski também escreve uma coluna mensal, "Office Hours" (Horas de Expediente), para *Boundless*, uma revista na internet para estudantes universitários cristãos (http://www.boundless.org). Tem colaborado com inúmeros artigos, tanto para jornais acadêmicos quanto cristãos. Sua atual pesquisa está voltada para patologias pessoais e culturais que surgem da repressão do conhecimento moral — de tentarmos nos convencer de que não sabemos o que realmente sabemos sobre certo e errado.

Peter J. Grant

O Reverendo Dr. Peter J. Grant é pastor-presidente da Cumberland Community Church no subúrbio de Atlanta, Geórgia, onde tem servido desde sua fundação. A igreja estabeleceu um ministério pioneiro em apologética, "Reasons for Faith", para preparar os crentes e se envolver com a cultura articulando uma visão de mundo cristão. A igreja também possui uma associação com vários ministérios apologéticos na região de Atlanta, e o Dr. Grant faz parte do Faith and Science Lecture Forum, um ministério que promove debates entre cientistas e filósofos e cristãos apologistas como Dr. William Lane Craig, Dr. Ravi Zacharias e Dr. Norman Geisler.

John Guest

John Guest nasceu e cresceu em Oxford, Inglaterra, e aceitou a Cristo depois de ouvir Billy Graham em uma cruzada em Londres. Agora, ele mesmo já falou a mais de 1,5 milhões de pessoas frente a frente desde sua primeira grande cruzada em 1985. É chamado de "o evangelista dos pensadores", um termo que corretamente descreve seu dom de combinar uma brilhante apologética com um poderoso estilo de discurso que tem conquistado o respeito de críticos históricos de cruzadas evangelísticas. John Guest se graduou na Trinity College em Bristol e foi para os Estados Unidos em 1964, onde formou um dos primeiros grupos de música contemporânea cristã, o Excursions, levando milhares de jovens aos encontros para ouvir o evangelho. É fundador do Coalition of Christian Outreach, uma organização evangelística singular que emprega aproximadamente 150 funcionários em campi universitários. Também é co-fundador da Trinity Episcopal School of Ministry e participa do Lausanne Committee on World Evangelism e membro do conselho da National Association of Evangelicals. Autor de dez livros, John Guest é pastor da Christ Church em Grove Farm, Sewickley, Pensilvânia.

Dean C. Halverson

Dean Halverson trabalha com International Students, Inc., desde 1988. É diretor de apologética e pastor do campus. Durante seus anos com a ISI, teve a alegria de conhecer vários estudantes estrangeiros de várias partes do mundo e partilhar o amor de Cristo com eles. É co-autor de *Crystal Clear* ([Claro como Cristal], NavPress, 1990), um guia de discussão para testemunhar aos adeptos da Nova Era, e editor de *The Compact Guide to World Religious* (Manual Compacto de Religiões do Mundo, Bethany House, 1996), que foi traduzido para o russo. Antes do período com ISI, Dean Halverson trabalhou como pesquisador e escritor para o Spiritual Counterfeits Project em Berkeley, Califórnia.

Capítulo 1

O Pastor como um Apologista

Ravi Zacharias

Um antigo poema diz:

> Havia um jovem estudante em Trinity
> Que calculou a raiz quadrada da infinidade.
> Mas trabalhar com dígitos
> Deu-lhe tantos tormentos
> Que ele deixou a matemática e dedicou-se à teologia.

Quem escreveu essas palavras certamente expressou seu preconceito de forma bem-sucedida: ou seja, de todas as atividades acadêmicas, o ministério cristão é o que menos envolve o intelecto. Isto é uma caricatura infeliz, mas em um mundo que valoriza os estigmas, é difícil de ser derrubada. Em uma recente visita à França, enquanto minha esposa e eu éramos conduzidos até a faculdade bíblica onde ministraria a minha palestra, o estudante que estava dirigindo nos disse: "Aqui na França, se eu falasse para meus amigos que meu objetivo na vida é ir à lua, eles achariam isso mais digno de crédito do que ser aluno da faculdade bíblica". Ouvi isso com pesar. Na terra de Pascal, Voltaire ainda zomba porque nada poderia ser tão "estúpido" quanto alguém seguir a educação teológica.

Distorções sempre incomodam, mas faríamos bem se procurássemos algum fragmento de verdade em cada punição radical de críticos

da fé cristã. Para agir assim, entretanto, devemos fazer algumas perguntas difíceis a nós mesmos. Quando digo difíceis, não significa perguntas que forcem a mente tanto quanto perguntas que são inflexíveis para a consciência. A comunicação a mais preciosa mensagem de todas tem sido reduzida ou considerada sem qualquer credibilidade porque esta é a maneira como ela realmente é, ou porque temos feito com que seja assim? Para a comunicação ser efetiva, especialmente em questões tão a favor da vida, como a mensagem do evangelho, a verdade e relevância são os dois braços indispensáveis em que ela se apóia. Quando essas características "gêmeas" se combinam, a mensagem se eleva a sua altura suprema, porque está profundamente enraizada na realidade.

Todavia, se alguém fosse falar com um cético típico nos dias atuais, este questionaria pelo menos uma dessas características. Com que freqüência ouvimos alguém dizer: "Ah! Só isso não suporta o teste da verdade". Ou uma outra pessoa pode opinar: "Simplesmente não acho isso relevante". Qualquer pessoa que conhece a natureza atraente da mensagem bíblica sabe muito bem que não é pelo fato da mensagem desafiar a racionalidade, mas porque a crítica tem se esquivado da razão ou o comunicador fracassou na tarefa de levar significativamente a mensagem. Segundo a opinião dos críticos, uma análise cuidadosa da disposição cultural revela que não é apenas a mensagem de Jesus Cristo que tem sido desapropriada da realidade em nosso mundo pós-moderno, mas a verdade como uma categoria. O transmissor da mensagem do evangelho pode demonstrar isso com facilidade. Porém, o outro lado da questão, no tocante ao transmissor, é que freqüentemente temos cometido o erro de supor que se falamos a mesma língua somos facilmente entendidos.

MOLDANDO O EVANGELHO

A mensagem de Jesus Cristo é imensamente profunda, pois trata a vida, de forma precisa, com o poder da verdade, embora reconheça por que existe resistência a tal. Esta mensagem apresentada de forma apropriada revela a situação desagradável do coração, em termos de mero discurso, e mostra a linguagem como uma disposição da imaginação e cultura. Assim, embora a linguagem possa ser a mesma em uma cultura, o que freqüentemente muda é o filtro através do qual ela alcança os ouvintes. A menos que entendamos esse filtro, estaremos

falando em termos adulterados àqueles que estão presos nessa mistura de uma vida em ritmo acelerado e um pensamento que se tornou confuso por causa da idade.

Deixe-me ilustrar. Quando alguém olha para a tela de uma televisão, apesar de seu tamanho, a imagem é moldada pelos parâmetros daquela tela. Pode ser uma tela de 29 polegadas, uma tela plana de 36 polegadas ou o que é considerado um modelo de tela ampliada para *home-theater* de mais de sessenta polegadas hoje em dia. Qualquer que seja o tamanho da tela, este, de fato, torna-se uma moldura. Contudo, o telespectador involuntariamente compra algo além do que está vendo — a *limitação* de seu pensamento, que é muito mais sutil e atraente do que o tamanho físico da tela. Alguma coisa na própria natureza do meio de comunicação torna isso um "portador" da verdade, mesmo se a mensagem não for, de fato, a verdade. Todo o mundo sabe que a mídia é tão fria que precisa de um "calor" extra para produzir o efeito necessário. Tudo tem de se mover em passos rápidos. O humor precisa estar no padrão de algumas piadas em um minuto. A dramaturgia deve explorar a violência e a sexualidade, sendo a razão para isso trazer energia a uma mídia sem vida por meio do choque ou do exagero. Agora, é possível assistir a dois programas ao mesmo tempo para que, em pelo menos um deles, esteja ocorrendo alguma ação. Fico admirado da violência contra a mente humana, a qual é forçada a se concentrar no assassinato com os olhos bem abertos. O que, de fato, tem acontecido é que a ficção, na mídia, parece ter um impacto maior como "verdade" do que um grupo verdadeiro que é freqüentemente visto como portador de ficção. Essa inversão pode muito bem ser a inclinação mais mortal de nossa época. A verdade tem sido "moldada" por uma mídia que distorce a realidade.

Essa distorção carrega um mundo de condicionamento que forma a mente moderna. "Falatórios" aparecem agora como uma mídia fria, e "algo dramático", dizem, é necessário para trazer vida à mensagem transmitida. Quão mundano soa para o ouvinte moderno a frase: "No princípio era o Verbo". Muito mais imaginativo seria se dissessem: "No princípio era o vídeo". Porém o Senhor do céu e da terra nos deixou uma mensagem. Ela está arraigada na Palavra, e temos de fazer com que essa Palavra seja ouvida e sentida por uma geração como esta.

Com tal desafio, alguém pode seguramente dizer que o chamado pastoral, de fato, é o mais difícil de ser atendido atualmente. É ao mesmo tempo uma tarefa inevitável e um alvo fácil para qualquer um

atingir, mas não conheço nenhum papel mais importante para o pastor em cuidar da alma nesta cultura errante em que a nossa se transformou. O chamado e o dom são de puro valor se desempenhados de forma sábia e apropriada em uma sociedade acostumada a fingir. Reconhecendo esse desafio, vamos analisar o pastor como um apologista.

UM CUIDADO DIGNO

Antes de prosseguir, eu gostaria de fazer uma observação muito pertinente. Faço isso no início porque é fundamental, por tudo o mais está baseado nisto. O famoso pastor e pregador F. W. Boreham escreveu um artigo sensato intitulado "A Baby's Funeral" (O Funeral de um Bebê). Nesse artigo ele fala sobre uma mulher que estava andando freneticamente de um lado para o outro em frente a casa dele em um sábado de manhã, e parecia evidente que ela queria entrar, mas estava relutante para ir até a porta. Finalmente, o pastor Boreham saiu a fim de colocar algumas coisas em seu carro para um piquenique com a esposa, esperando, é claro, que sua saída tornasse mais fácil para a mulher se aproximar dele. Ela aproveitou a oportunidade e foi falar com ele.

Não demorou muito para que sua história de partir o coração jorrasse através de suas lágrimas. Seu bebê havia morrido, contou. Ela não pertencia a nenhuma igreja e, desesperadamente, precisava de alguém para realizar o funeral. Boreham se informou sobre os pormenores, inclusive o nome do pai, que ela revelou de modo hesitante, e todos os outros dados necessários para que o sepultamento fosse feito. Ele telefonou no dia seguinte, pois estava com a sensação de que havia algo mais nessa história além do que ela contara. Quando voltou para casa naquela noite, ela estava esperando por ele.

"Eu não lhe disse a verdade", falou. "Tive que voltar." O bebê — uma menina — não era legítimo e nasceu terrivelmente deformado, com apenas "meio rosto". Ela viveu apenas alguns minutos e morreu. "Só preciso de alguém que me ajude a lhe dar um sepultamento digno. Faria isso por mim, senhor?"

O coração de Boreham estava profundamente ferido pela dor dessa história, e ele ofereceu qualquer ajuda possível.

Nesse artigo, Boreham descreve o funeral, assistido por apenas um amigo. O bebê foi sepultado em meio a uma terrível chuva em um cemitério novo. Tudo em relação a isso falava de desolação e morte.

Nesse ponto do artigo, Boreham muda de cena e fala de um outro tempo, quando estava em uma viagem de trem com o superintendente distrital de sua denominação. Em cada estação em que paravam, um grupo de pastores estava lá para se encontrar com o superintendente, e ele ouviria acerca dos desafios e lutas enfrentados em suas pequenas e variadas congregações. Não importa o cenário, Boreham se lembra de que o superintendente sempre terminava dizendo-lhes: "Apenas estejam lá para eles". Em meio a suas lágrimas e alegrias, "apenas esteja lá para eles". Em meio a suas lutas e vitórias, "apenas esteja lá para eles". Enquanto ouvia as palavras do superintendente, Boreham disse que, de repente, essa mulher e o funeral de seu bebê lhe vieram à mente. Muitos anos haviam se passado desde aquele funeral. Porém, em todos aqueles anos, uma pessoa nunca faltou aos cultos de domingo — a jovem mãe cujo filho ajudamos a sepultar.

Essa é a essência de pastorear. Os pastores estão lá para o povo. Estão no meio de todos os desgastes emocionais e sucessos dos membros de suas igrejas. Isso é o melhor que podem fazer. Nada que eu diga daqui a diante diminuirá esse papel. Pastores como apologistas têm a melhor apologética quando *estão presentes*, e esse é um privilégio singular.

UMA HEMORRAGIA INTERNA

Tudo o mais sustenta essa presença, e é para esse suporte que, neste momento, volto a minha atenção. A pregação é um elemento vital no chamado pastoral. É uma confiança sagrada e alguém que Deus escolheu como um recurso efetivo por meio do qual a verdade da fé cristã é declarada. Por mais que alguém possa lamentar o que a mídia ilustrada tem feito ao comandar nossa mente, não se aproxima da tragédia do que poderíamos ter feito a nós mesmos. Muitos ao ministrarem uns aos outros têm chegado a questionar o valor da pregação. Em nenhuma outra profissão tal dúvida sobre seu próprio requisito fundamental seria capaz de sobreviver. Testemunhando o triunfo da figura, e o que Jacques Ellul chamou de "a humilhação do mundo", nós, também, temos caído na mentira de que as palavras, de certa forma, são menos eficazes do que o visual. Eu ousaria sugerir que poucas conclusões na sociedade estão tão erradas quanto essa. O visual pode imediatamente envolver a imaginação e as emoções, porém as palavras são o primeiro meio de comunicação ordenado por Deus e, pode-se dizer, a forma mais duradoura de conquistar a consciência.

Você pode recordar-se da história que Jesus contou sobre Lázaro e o homem rico (Lc 16.19-31), na qual, depois da morte, o rico clama em tormentos no Hades, suplicando por um pouco de água. Abraão, ao lado de quem o mendigo Lázaro descansa, lembra o homem rico de que o abismo é decisivo. Mas então vem esse apelo: "Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos, para que lhes dê testemunho, a fim de que não venham também para este lugar de tormento". Abraão lhe respondeu: "Eles têm Moisés e os Profetas". "Sim", diz o rico, "mas se algum dos mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam". Então Abraão fez a surpreendente declaração de que se eles não acreditaram em Moisés e nos profetas, não acreditariam mesmo se alguém ressuscitasse. A partir dessa clara afirmação, parece-me que aos olhos de Deus a palavra tem um impacto mais duradouro do que um simples milagre.

A notícia confortante é que Deus tem providenciado tanto a Palavra quanto os milagres, e de modo semelhante, hoje podemos receber tanto ouvindo quanto vendo, mas o valor que permanece é a veracidade da declaração da palavra de Deus. O desafio de encontrar equilíbrio sem compromisso e efeito sem corrupção é imenso. Por essa única razão, ao longo dos anos tenho aprendido a respeitar mais a cada dia o chamado para pregar. Deus, entretanto, em sua misericórdia, nos faz lembrar muitas vezes da natureza básica da comunicação: "E como ouvirão, se não há quem pregue?" (veja Rm 10.13-15) Parte dessa pregação requer a capacitação de homens e mulheres para dar uma razão para a esperança entre eles (1 Pe 3.15). A Apologética é, de fato, um componente indispensável, e qualquer pessoa que ache que não, vive se iludindo. A reflexão profunda e prolongada deve fazer parte da preparação e da transmissão da mensagem que é ouvida, trazendo salvação e compromisso mais íntimo ao ouvinte que está cercado por todos os lados por motivos para desacreditar.

POR QUE A RESISTÊNCIA?

Com uma responsabilidade tão ampla e um desafio tão grande, existe de imediato, uma onda de preocupação no coração do líder da igreja, e uma rajada de questionamentos que vêm à tona.

Antes de tudo está o seguinte: Em meio a inúmeras informações, como alguém pode se adaptar ao crescimento veloz do conhecimento? Este salto gigantesco da massa de informações, agora acessível a todos,

torna o volume do material vasto demais para ser compreendido. Lembro-me de um médico que me disse certa vez: "Mal consigo manter-me atualizado com a literatura da *minha* área; como poderia manter-me a par da literatura da *sua* área? Imediatamente falei que a dificuldade é a mesma para ambos os lados. O estudo de teologia é extenso o bastante, então como alguém pode se adaptar às numerosas disciplinas representadas em uma congregação de tamanho médio em uma grande cidade? Muitas profissões dispõem de apenas uma linha de pensamento. Se, sou um professor de biologia, por exemplo, esta é a minha disciplina; ninguém espera que eu seja um teólogo ou um filósofo. Se sou um filósofo, além de não precisar ser um cientista, posso me dar ao luxo de ser um especialista em apenas a um campo limitado pela exclusão de vários outros. Se sou um jogador de futebol, ganho a admiração de grandes multidões só porque jogo futebol. Se sou uma celebridade, posso fazer qualquer declaração sobre qualquer área e alcançar um ouvinte sem ter assistido a uma hora de aula acerca do assunto. Porém, um pastor ou líder de igreja ativo tem de saber para onde está indo a ciência, estruturar filosoficamente argumentos sensatos, conversar com interessados em esporte na congregação e ilustrar sermões a partir do filme mais recente. Deixando o sarcasmo de lado, o pastor está sob uma imensa pressão para estar a par de muitas disciplinas diferentes e, com freqüência, incompatíveis porque a audiência é bem diversificada e as necessidades são muitas.

Se o primeiro desafio para o pastor ou líder de igreja é a intimidação diante da tarefa de lidar com demandas exteriores, o segundo é uma questão interna. É aquela incerteza, se não desconfiança. Muitos no ministério pastoral, bem como aqueles que ocupam cargos de liderança nas igrejas, questionam o método e o impacto da apologética na forma como tem sido habitualmente usada — ou deveríamos dizer mal-utilizada? Ouvimos isso quase como um refrão: A apologética não se concentra no intelecto e deixa de lado o coração? A apologética não diminui a autoridade da Bíblia enquanto exalta a razão? A apologética não acaba tirando o papel do Espírito Santo de convencer o coração? Não se trata de uma disciplina que nutre o orgulho do indivíduo? Enfim, não aceitamos as coisas pela fé? Quando essas indagações são somadas, a apologética é, na melhor das hipóteses, um filho ilegítimo na família da fé e, na pior das hipóteses, um enganador que rouba a riqueza do crente. Não importa o preço a ser pago por oferecer um cristianismo morno ao lado de um secularismo ardente.

Essa combinação de uma disciplina que exige tempo e uma incerteza interior pode ter deixado o desafio intelectual sem destinatário. Mas colocar as duas preocupações em perspectiva ajuda a trazer uma resposta correta à tarefa da apologética. A fim de ajudar a responder a essas preocupações, volto agora ao tema do pastor como um apologista e confiantemente encontro algumas respostas no processo.

COMEÇANDO ONDE IMPORTA

O primeiro aspecto a ser tratado é o caráter do apologista. As Escrituras não separam o conteúdo da apologética do caráter do apologista. Apologética, é claro, vem da palavra grega *apologia* — "responder" ou "defender". O texto em 1 Pedro 3.15 nos dá a declaração decisiva: "Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração; e estai sempre preparados para responder [*apologia*] com mansidão e temor a qualquer que vos pedir razão da esperança que há em vós". Sempre achei esse versículo fascinante porque o apóstolo Pedro, sob a inspiração do Espírito Santo, conhecia os riscos e perigos de ser um portador da resposta às questões sinceras que as pessoas fariam acerca do evangelho. A verdade é que, quando alguém compara as respostas de Jesus com as de seus detratores, não é difícil ver que a resistência não é da mente, mas do coração. Além disso, tenho pouca dúvida de que o maior obstáculo individual para o impacto do evangelho não tem sido sua inabilidade para fornecer respostas, mas a falha de nossa parte em vivê-lo completamente. O evangelista irlandês Gypsy Smith disse certa vez: "Existem cinco Evangelhos. Mateus, Marcos, Lucas, João e o cristão, e algumas pessoas nunca lerão os quatro primeiros". Em outras palavras, a apologética, com freqüência, é vista primeiro, antes de ser ouvida. Por esta razão, as Escrituras nos dão uma clara imagem do pastor como um apologista: alguém que primeiro coloca Cristo em seu coração como seu Senhor e que então apresenta respostas aos que questionam, e o faz com muita gentileza e respeito.

Nessa questão de caráter surgem dois imperativos imediatos. Primeiro, a maneira como o pastor e os líderes de igrejas vivem determinará o impacto no descrente. Existem poucos obstáculos à fé tão sérios quanto comentar sobre um modo de vida que não é colocado em prática. Muitos descrentes vêem a qualidade de uma vida cristã e acreditam firmemente que é tudo teoria, e que isso não envolve nenhum componente sobrenatural. Lembro-me de quando conversei com

um hindu nos primeiros dias de minha fé cristã. Ele estava questionando os clamores estridentes de cristãos que afirmavam que o cristianismo era sobrenatural. Ele insistiu de forma absoluta que a conversa era nada mais do que uma decisão para conduzir a uma vida mais ética e que na maioria dos casos o cristianismo não tinha qualquer diferença em relação a outras religiões "éticas". Até aqui esse argumento não tinha nada de novo. Mas então ele disse algo que nunca esqueci e sobre o qual reflito freqüentemente: "Se essa conversa é mesmo sobrenatural, por que não é mais evidente na vida de muitos cristãos que conheço?" Sua pergunta incomoda. Afinal, nenhum budista afirma que sua vida é sobrenatural, porém muitos budistas vivem de modo mais coerente do que os cristãos. Pode-se dizer o mesmo a respeito de muitos que seguem outras crenças. Com que freqüência os chamados cristãos, mesmo enquanto ensinam verdades grandiosas que alguém poderia transmitir, vivem sem essa beleza e caráter?

Esse chamado a uma vida que reflita a pessoa de Cristo é a convocação fundamental do pastor como um apologista. Se o pastor não vive como deveria, como as ovelhas podem seguir o caminho certo? O descrente não demora a perceber essa disparidade e, por causa disso, questiona o aspecto sobrenatural do verdadeiro evangelho.

O segundo imperativo em relação ao caráter é a disciplina. Durante os anos pelos quais muitos pastores e membros se submetem no seminário, a realidade não mencionada é que para aqueles que estão saindo da graduação, o futuro será determinado pelo o quanto eles estudaram. John Stott, pastor durante muitos anos da All Souls Church, em Londres, Inglaterra, e autor de vários livros sobre o ministério, fez um comentário bem simples que tem profundas ramificações. Ele apontou para o fato de que quando o "estudo" é considerado "ofício" isso é um reflexo do fim do chamado pastoral. O conhecimento aumenta de forma notória, e faz parte de nosso chamado trabalhar com afinco para entendermos tanto quanto possível sobre os temas que devemos tratar. Aceitos como verdadeiros, alguns assuntos irão iludir a compreensão de muitos, mas alguém deve saber pelo menos onde o questionador poderia encontrar ajuda na área de seu conflito.

O famoso professor de Bíblia e escritor A. W. Tozer tinha uma linha de chegada para aqueles que se sentiam intimidados pelas pessoas cultas. Ele havia acabado de chegar a Toronto para iniciar seu ministério pastoral depois de servir por vários anos em Chicago. Mui-

tos dos líderes cristãos de Toronto e outros eruditos estavam presentes em seu "jantar de boas vindas". O homem que seria seu assistente caminhou em volta da sala e depois de olhar os cartões com os nomes e títulos, dirigiu-se até o Dr. Tozer e confessou: "De fato, sinto-me um ignorante em um grupo de pessoas tão qualificadas". O Dr. Tozer, tão inexpressivo como costumava ser enquanto fazia as declarações mais dignas de serem citadas, virou-se e disse-lhe: "Irmão Bill, somos todos ignorantes — apenas em assuntos diferentes". Vindo de um homem que nunca foi para a faculdade e mesmo assim tocou o coração das pessoas profundamente, isso é digno de ser lembrado.

Não estou sugerindo que o ensino formal não seja importante. Entretanto, estou dizendo que um nível mais alto de educação pode não ser para todos. Por conseguinte, todos nós devemos subordinar nossos talentos ao melhor de nossas habilidades, usando-os com disciplina e estudando o máximo que pudermos.

No próximo capítulo iremos falar de alguns desafios enfrentados pelos líderes de igreja hoje e perguntar que tarefas centrais os líderes devem realizar.

Questões para Reflexão e Debate

1. Quando transmite o evangelho, por que você acha que "freqüentemente temos cometido o erro de supor que se falamos a mesma língua somos entendidos facilmente"? De que maneira podemos nos comunicar com mais eficácia?
2. Que frase, segundo o autor, resume a "essência de pastorear", e o que você acha que essa descrição vincula?
3. Descreva como deve ser o caráter do apologista segundo as Escrituras.
4. O que o autor diz ser "o maior obstáculo individual para o impacto do evangelho"? Você concorda com essa visão? Por quê?

Capítulo 2

Quatro Desafios para Líderes de Igrejas

Ravi Zacharias

Como eu disse no capítulo 1, não tenho dúvida de que o maior obstáculo individual para o impacto do evangelho não seja a sua inabilidade para fornecer respostas, mas a falha de nossa parte em vivê-lo completamente. As Escrituras não separam a mensagem do mensageiro. Não somos chamados apenas para dar as respostas, mas para sermos portadores das respostas, sempre respondendo com mãos gentis e pés velozes em vez de apenas com palavras.

Reconhecer o papel a fim de sobreviver a uma vida cristã disciplinada é o ponto de partida para assumir a responsabilidade da obra da apologética cristã. Há numerosas tarefas que alguém pode determinar, mas gostaria de ressaltar quatro delas. Quando iniciei minha jornada nesse campo anos atrás, foi através dos escritos de Os Guinness que aprendi essas verdades. Fico-lhe agradecido por elas. Agora tomo a liberdade de expandi-las e considerar essas tarefas tendo em mente o pastor e o líder de igreja. Contudo, essa informação poderia ser aplicada por qualquer pessoa tentando lidar com a responsabilidade com compromisso.

ESCLAREÇA AS REIVINDICAÇÕES DA VERDADE

A primeira atribuição para líderes de igreja é *esclarecer as reivindicações da verdade.* Esse propósito é supremo porque o cristianismo tem sofrido muito por flertar com métodos e tentações mundanos. Recordo-me bem de uma palestra que apresentei na Lenin Military Academy em Moscou alguns anos atrás. Foi uma daquelas experiências que no meio de meu discurso queria saber por que havia aceitado o convite para falar. Estava claro que eu era um convidado indesejado na mente de muitos dos oficiais compelidos a se sentar e ouvir. Um, em particular, permaneceu fazendo o sinal de estrangulamento para mim. Tentar transmitir minha mensagem por meio de um intérprete com essa intimidação constante não era uma tarefa simples. Porém, assim que terminei, percebi o erro quase imperdoável que cometi. Esse mesmo oficial levantou-se de um salto e disse: "Você ficou usando a palavra *Deus* durante a última hora. O que você quer dizer com esse termo?" Meu Deus! Quão afastado eu estava de minha audiência. A sala estava cheia de ateus, e eu não me dei o trabalho de definir meus termos fundamentais.

Podemos balançar a cabeça ante esse infeliz descuido, mas cheguei à conclusão de que é cometido atrás de nossos púlpitos pelo mundo afora. Mesmo o termo *cristão* em muitas partes do mundo hoje é ouvido com imenso preconceito. No Oriente Médio, por exemplo, é quase impossível para alguém ouvir essa palavra sem sua bagagem histórica e distorção. Os títulos de Cristo aparecem repetidas vezes em sermões, palestras e testemunhos, mas raramente explicamos o que queremos dizer quando falamos as coisas mais básicas. Muitos ouvintes têm uma visão mais deturpada do que autêntica quanto ao que significa ser um cristão. Respostas estereotipadas não satisfazem mais.

Os Guinness conta a história de um protegido de Francis Schaeffer que estava partilhando sua fé com um francês existencialista em um restaurante parisiense. Embora o jovem schaefferiano não soubesse, o francês havia lido a maioria dos livros de Schaeffer. Com cada resposta que o cristão dava, o ateísta começava a ver o óbvio, até que finalmente revelou seu segredo e disse: "Desculpe, mas você também escreve com uma caneta Schaeffer?" Aquilo encerrou a discussão. Na verdade, se os termos são repetidos sem que tenham sido compreendidos, a mensagem parece adulterada e ilegítima.

Deixe-me fazer uma importante afirmação aqui. Uma das idéias mais errôneas já produzidas em atitudes no Ocidente em torno da verdade é a declaração repetida muitas vezes de que reivindicações exclusivas à verdade é um modo ocidental de pensar. Fica implícito que o Oriente aceita todas as religiões como igualmente verdadeiras. Isso é evidentemente falso. Toda religião, sem exceção, tem algumas crenças fundamentais que são categoricamente inegociáveis e exclui tudo o que for contrário. Você percebe? A verdade por definição é exclusiva. Se a verdade incluísse tudo, nada seria falso. E se nada fosse falso, qual seria o significado de *verdadeiro*? Além disso, se nada fosse falso, seria *verdadeiro* dizer que tudo é falso? Rapidamente se torna claro que o absurdo sucederia.

Até o budismo, que freqüentemente é considerado o exemplo de "tolerância religiosa", não está isenta do dogmatismo. Os budistas se esquecem ou negligenciam o fato de que Buda nasceu hindu e rejeitou alguns dos preceitos fundamentais do hinduísmo. A declaração do próprio Buda foi que a verdade importa mais do que a conformidade. Contudo, o que acontece no pensamento popular é um reflexo da maneira como a cultura tem sido projetada para lidar com essas questões sobre a verdade. Esta é a essência do problema na comunicação. É a tarefa sagrada de um pastor lembrar seu rebanho periodicamente da natureza da verdade, porque se a verdade desvanece, mesmo no altar de sensibilidades culturais, assim ocorre com o evangelho nos ouvidos dos ouvintes. A tarefa primordial do apologista é defender a verdade e esclarecer as reivindicações do evangelho.

Defendendo a Verdade

Esclarecer e defender a verdade é a parte difícil da apologética, porque é fundamental. Muitas pessoas hoje em dia, quando lhes pedem para definir verdade, hesitam e gaguejam porque nunca pararam para entender o que elas mesmas querem dizer quando falam que Jesus é "o caminho, e a verdade, e a vida".

A verdade, explicada com simplicidade, concentra dois testes: as afirmações devem *corresponder à realidade*, e o sistema de pensamento que é desenvolvido como resultado deve ser *coerente*. Os testes de correspondência e coerência são aplicados por todos nós em questões que nos afetam.

Quando Jesus disse: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6), fez uma declaração racional afirmando a exclusividade da verdade. A pergunta que alguém pode legitimamente fazer é se Ele demonstrou aquele título em vez de apenas mencioná-lo sem qualquer defesa aceitável. Por esta razão, é muito importante esclarecer as asserções da verdade diante da audiência antes de mencioná-las. Essa tarefa é o primeiro e mais importante passo na apologética.

Na pregação feita por uma outra pessoa, um pastor deve ser capaz de neutralizar muitas questões. Podemos ilustrar esse processo usando a terminologia do campo da eletrônica. O pastor ou líder que está no púlpito pega os dois pinos da tomada do coração e do intelecto de quem está procurando e liga na estrutura de sua própria mensagem, conectando-os ao receptáculo do poder de Deus que fortalece a alma do receptor. Quando isso acontece, o pastor serviu como um "adaptador" para a necessidade, e a apologética alcançou sua reivindicação. Isso é o mínimo que alguém que está pregando deve fazer. Ao responder às questões, o pastor torna-se portador da resposta de Deus.

Se o assunto é vasto demais para o pastor ou líder, este deve encontrar recursos ou contatos que possam auxiliar as pessoas a passarem por seus questionamentos. Pastores não necessitam serem peritos em todas as áreas, mas devem estar preparados para indicar às pessoas os recursos que lhes fornecerão respostas às suas questões. Nunca houve antes tanto material, escrito e gravado, disponível para ajudar as pessoas a lidarem com questões difíceis. Representantes bem conhecidos lidam com questões que mentes jovens abraçam, e, cientes desse material, os líderes de igreja demonstram um conhecimento desses assuntos.

ASSUMA A RESPONSABILIDADE DE REMOVER OS OBSTÁCULOS

Segundo, os líderes têm uma responsabilidade para *remover obstáculos* no caminho dos ouvintes a fim de que possam olhar diretamente para a cruz e a pessoa de Cristo. Essa tarefa da apologética pode ser comparada ao que Os Guinness descritivamente chama de "limpador de arbustos". Aqui a sensibilidade à experiência e ao raciocínio do indivíduo torna-se fundamental.

Lembro-me de um período no início do meu ministério quando um jovem casal perguntou se poderiam falar comigo por alguns mi-

nutos. Sentamo-nos e começamos a conversar, e a primeira pergunta foi sobre a existência da dor e do sofrimento nesse mundo. Como Deus poderia ser um Deus de amor? Durante o processo de resposta, vi de relance que o bebê deles estava dormindo no banco de trás. Instantaneamente percebi que o pequenino havia nascido com algumas deformidades lamentáveis. Então constatei que a última coisa de que precisavam era de uma resposta intelectualmente distante da dor que sentiam. Havia obstáculos à sua fé em Deus que não podiam ser deixados de lado por uma onda acadêmica. Possibilitar que eles olhassem para Jesus Cristo sem aquela barreira era a longa e árdua tarefa da resposta. Toda proclamação precisa antecipar barreiras. Somente quando essas barreiras são removidas pela mensagem, e o Espírito Santo traz convicção, é que o coração pode abrir caminho até a cruz. Ao longo dos anos tenho testemunhado o que os cristãos maduros já sabem, isto é, que no final das contas os problemas não são intelectuais, mas sim morais. Esse conhecimento, porém, ainda precisa de um processo pelo qual a crítica possa ser feita consciente de sua verdade.

Alguns anos atrás, eu estava em uma das principais universidades do mundo. Na segunda noite de fóruns abertos, um aluno levantou-se e disse: "Ontem à noite eu trouxe os ateístas mais francos do campus para ouvi-lo desafiar o ateísmo. Eles vieram preparados para atacar sua palestra, mas no final, quando você abriu espaço para as perguntas, ficaram em silêncio. Então, em nosso caminho de volta para os dormitórios, perguntei-lhes por que não falaram algo no momento destinado às perguntas. Um deles respondeu que seus argumentos eram fortes demais para serem contrariados e se apoiavam muito bem. Fiquei surpreso com tal atitude. Houve um silêncio, e então ele acrescentou o seguinte: 'Mas ainda somos ateístas'. O que você pode dizer a respeito disso?"

A pergunta do estudante era bem simples de se responder. Eu disse: "Se você se lembra de minha frase de abertura ontem, verá o ponto estabelecido. Comecei minha palestra dizendo que minha tarefa era tentar demonstrar que, para muitos ateístas, seu ateísmo está baseado em um problema moral em vez de em um problema intelectual. Eles queriam sua autonomia moral e, por esta razão, apresentavam sua oposição ao teísmo como intelectual em vez de o contrário. Portanto, devo considerar que o ponto está provado". Os presentes ficaram em silêncio, e depois aplaudiram. Na verdade, eu não queria os aplausos, mas até uma audiência basicamente dividida percebeu

onde estava o problema. A tarefa da apologética é, com a ajuda de Deus, auxiliar o questionador a enxergar seu próprio coração como a raiz do problema e pedir ao Espírito Santo que o convença do pecado, pois é isso o que realmente representa. Uma vez que essa convicção surja e o coração seja visto pelo que ele é, a cruz manterá a sua magnificência como fonte do perdão.

DÊ RESPOSTAS ESPECÍFICAS CONSIDERANDO A VISÃO DE MUNDO DO QUESTIONADOR

A terceira tarefa dos líderes de igreja é dar *respostas específicas* — e isso é essencial — *considerando a visão de mundo do questionador.* Aqui o desafio torna-se um pouco mais complexo. Como alguém responde à legítimas perguntas fundamentais e o faz com integridade e sensibilidade de coração e mente? Por exemplo, uma adolescente pode dizer ao pai à mesa na hora do jantar: "Pai, minha professora falou que a sexualidade basicamente é apenas algo cultural, e cada cultura estabelece seus próprios termos de certo e errado. Isso é verdade?" Se o pai lhe dissesse: "Não, a Bíblia diz que existem claras leis estabelecidas por Deus quanto ao que Ele planejou para ser o sexo". Ela pode responder: "Mas *minha professora* não crê na Bíblia".

O pai está certo em lidar sozinho com o problema, mas coloca a filha na posição indefensável de apresentar uma conclusão sem defender sua fonte de autoridade. Se a professora considerasse a Bíblia como autoridade, a questão seria mais simples. Porém, se essa posição é negada à Bíblia, o pai está enviando a filha à cova dos leões sem nada para defendê-la. Por essa razão, estou convicto de que a defesa e a ofensa mais eficaz da fé contra a falsidade deve estar fundamentada em uma investigação de visões de mundo, e o desafio com base nessa investigação. Ao longo dos anos que pensei sobre essa questão, formei uma rota de abordagem na qual muitos têm sido capazes de identificar, em especial no que concerne à pregação. Eu a chamo de "Os Três Níveis de Filosofia".

Devemos começar sabendo como a mente funciona e, de forma mais específica, como temos de passar do pensamento à ação. Isso requer um rigoroso discernimento prático, particularmente no processo pelo qual as pessoas passam a crer em certas coisas. Alguns pastores e líderes de igreja podem não ter o pensamento filosófico, mas todos lutamos com essas questões em algum nível, como certamente faz nossa audiência.

Os Três Níveis de Filosofia

Uma breve explicação filosófica será útil aqui. A filosofia, como vejo em nosso contexto atual, chega a nós em três níveis. O primeiro nível é a fundação, *a estrutura teórica de lógica* na qual os raciocínios são feitos e as deduções são postuladas. Obviamente, isso depende em grande parte da forma e da força de um argumento. Lógica, para muitas mentes, nunca excedeu com romance e raramente provocou entusiasmo. Porém, a verdade tem um apoio direto na realidade, e as leis da lógica se aplicam em todas as esferas da nossa vida.

Como as leis da lógica se aplicam à realidade, é fundamental que sejam entendidas se qualquer argumento quiser permanecer firme. Isso pode se tornar um assunto vasto em si mesmo, mas para a maioria dos propósitos, as leis fundamentais são indispensáveis à transmissão da verdade. Peter Kreeft, professor de filosofia na Boston College, trata de forma breve acerca da importância da argumentação correta em seu livro *Three Philosophies of Life* (Três Filosofias de Vida). Em uma subseção intitulada "Rules for Talking Back" (Regras para Dar uma Resposta), ele escreve o seguinte:

> Três coisas que devem estar diretamente ligadas a qualquer argumento:
>
> 1. Os termos devem ser claros, sem ambigüidade.
> 2. As premissas devem ser verdadeiras.
> 3. O argumento deve ser lógico.[1]

Em qualquer argumento, a aplicação dessas regras não pode ser comprometida se a conclusão for defendida ou refutada. A verdade é indispensável a cada dedução. Essa combinação dual é fundamental para a habilidade de persuasão de qualquer argumento, e se houver uma falha em um dos dois, o argumento fracassa.

Esse é o primeiro nível em nossa abordagem filosófica, o campo teórico no qual as leis da lógica são aplicadas à realidade. Negar sua aplicação é inútil e autodestrutivo, porque uma pessoa deve usar a razão para sustentar ou para desafiar um argumento. Resumindo, o primeiro nível lida com *por que* alguém crê naquilo em que acredita, e é sustentado pelo processo de raciocinar, incorporando verdade e lógica.

Por exemplo, lembro-me de um debate que ocorreu no campus da University of the Philipines, em Manila. Repentinamente, um aluno bradou que tudo na vida era sem sentido.

Eu respondi:

— Você não crê nisso.

Ele replicou de imediato:

— Sim, eu creio.

Automaticamente me opus:

— Não, você não crê.

— Creio com toda certeza. Quem é você para me dizer o contrário? — falou exasperado.

— Então, por favor, repita sua frase — pedi.

— Tudo na vida é sem sentido — afirmou outra vez, sem modificações.

Eu disse-lhe:

— Por favor, permaneça em pé por um momento. Suponho que você acredite que seu argumento seja significativo. Se seu argumento for significativo, então nem tudo é sem sentido. Por outro lado, se tudo for sem sentido, então o que você acabou de falar é sem sentido também. Assim, na verdade, você não disse nada.

O jovem ficou chocado por um momento, e mesmo quando saí do auditório, ele ficou andando lentamente e murmurando: "Se tudo é sem sentido, então..." E foi isso!

O segundo nível de filosofia não percebe o limite da razão ou está sujeito às críticas ligadas ao argumento. Encontra seu refúgio na *imaginação e nos sentimentos.* Formas de pensar nesse nível podem entrar na consciência de alguém através de uma peça ou de um livro, ou atingir a imaginação por intermédio da mídia visual, causando um impacto que altera a fé capturando as emoções. Isso é muito eficaz, e, historicamente, a literatura, o teatro e a música têm moldado, a alma de uma nação mais do que raciocínio sólido. O segundo nível é existencial, e erroneamente alega que não é necessário se curvar às leis da lógica.

No entanto, muitas pessoas que tomam suas emoções como ponto de partida para determinar a verdade, ao agarrarem o dedo do sentimento, acham que seguraram a mão da verdade. Pensando exclusivamente nesse nível, elas são levadas cada vez mais para dentro de si de forma sistemática, até que todo o seu mundo gire em torno de sua paixão pessoal, com uma perigosa absorção de si mesmo. Eles reformam suas visões de mundo passando a uma perspectiva de que "é melhor você sentir do que ouvir alguém lhe contar" — caso se sinta bem, faça, ou, conforme diz a letra de uma canção: "Como isso pode estar errado quando parece tão certo?" Infelizmente, até mesmo muitas igrejas têm permitido pensar de forma quase exclusiva nesse nível,

conforme evidenciado no louvor e na pregação. Porém, defraudamos nossa audiência quando separamos nossa pregação do envolvimento sério com idéias difíceis e, em vez disso, pregamos no nível da emoção.

O terceiro nível de filosofia é aquele que chamo de "*conclusões de mesa de cozinha*". É surpreendente como a moralização e o estabelecimento de preceitos na vida continuam durante conversas casuais. O cenário pode variar de restaurantes de beira de estrada — onde filósofos frustrados falam a respeito de temas profundos — a mesas de cozinha — onde os filhos interagem com os pais fazendo perguntas relacionadas a assuntos de grandes conseqüências. A questão pode surgir da última notícia ou do escândalo do dia, ou poderia ser uma pergunta que foi feita na sala de aula, como a que a filha expôs ao pai. Este nível de filosofia não escapa da criança nem do reitor de uma prestigiada instituição, pois a expressão "Por quê?" é uma das mais antigas da vida humana.

NÍVEIS DE FILOSOFIA

Nível 3 Conclusões de mesa de cozinha	Por que alguém elabora leis para os outros	Isso é transferível	Aplicação
Nível 2 Imaginação e sentimentos	Por que alguém vive	Isso é digno de ser vivido	Ilustração
Nível 1 Fundamento da lógica	Por que alguém crê	Isso é defensável	Argumentação

Em resumo, o primeiro nível diz respeito à lógica, o segundo baseia-se no sentimento e o terceiro é onde tudo é aplicado à realidade. Para expressar tudo isso de outra forma, o primeiro nível explica por que cremos naquilo em que acreditamos, o segundo nível indica por que vivemos da maneira como vivemos, e o terceiro nível determina por que criamos leis para os outros como fazemos. Para cada vida que é vivida em um nível racional, essas três perguntas devem ser respondidas. Primeiro, posso defender minha fé mantendo as leis da lógica? Ou seja, *isso*

é defensável? Segundo, se todos dessem a si mesmos as prerrogativas de minha filosofia, poderia haver harmonia na existência? Ou seja, *isso é digno de ser vivido?* Terceiro, tenho o direito de fazer julgamentos morais em questões da vida cotidiana? Ou seja, *isso é transferível?*

Nenhum desses níveis pode existir de forma isolada. Eles devem seguir uma seqüência própria. Aqui está a chave: Alguém pode argumentar no primeiro nível, ilustrar no segundo e aplicar no nível três. A vida deve passar da verdade à experiência e, por fim, ao estabelecimento de preceitos. Se o teísta ou o ateísta violar esse procedimento, não está lidando com a realidade existente, mas criando a sua própria realidade.

Lembra-se do debate entre pai e filha à mesa do jantar sobre sexualidade e cultura? Observe que o pai fundamenta seu argumento no terceiro nível — prescrição — enquanto a questão surge de outro nível, a saber, "Existem absolutos?" Por conseguinte, o pai deveria, em vez disso, estabelecer no primeiro nível a razão, ou *racionalidade*, de sua alegação. Ele deveria mostrar que, por natureza, um absoluto não é determinado culturalmente. Percebi que isso não é feito com facilidade por pessoas de qualquer idade, mas deve ser feito quando a mente é capaz de envolver-se no argumento.

Em certa ocasião, deparei-me por acaso com essa questão feita por uma repórter. Eu havia acabado de apresentar uma palestra em uma universidade, e ela assistira a toda a palestra embora tivesse outros compromissos urgentes. Após o encerramento, ela se pôs ao meu lado e disse: "Posso lhe fazer uma pergunta que realmente me incomoda acerca dos cristãos?"

Eu teria prazer em responder. Então ela perguntou: "Por que os cristãos são publicamente contra a discriminação racial, mas ao mesmo tempo, discriminam certos tipos de comportamentos sexuais?" (Ela fez referências mais específicas aos tipos de comportamento que achava que discriminávamos.)

Respondi-lhe: "Somos contra a discriminação racial porque a etnia é sagrada. Você não pode violar o caráter sagrado de uma raça. Pela mesma razão somos contra alterar os padrões e propósitos de Deus para a sexualidade. O sexo é sagrado aos olhos de Deus e não deve ser violado. O que você precisa explicar é por que trata a raça como sagrada e dessacraliza a sexualidade. Na verdade, a questão é sua, não minha. Em outras palavras, *nosso* raciocínio em ambos os casos provêm da mesma base fundamental. De fato, você troca a base do raciocínio, e é por isso que vive em contradição".

Depois de um período de silêncio, ela falou: "Nunca pensei sobre isso dessa forma".

Como você pôde ver, quando um argumento é colocado no primeiro nível, imediatamente encontra um ponto de referência em comum. Quando salta para o terceiro nível, é edificado sem um alicerce.

Líderes de igreja aplicam os componentes dos três níveis em seus sermões: o *argumento* (ou proclamação), a *ilustração* (ou história) e a *aplicação* (ou "para quê"). As Escrituras fornecem a verdade; as artes, a literatura, ou fatos da atualidade fornecem as ilustrações; e a aplicação deve ir direto à vida cotidiana. Essa abordagem essencialmente ressalta os três níveis de filosofia e ajuda a associar idéias com a realidade concreta.

PRODUZINDO UM EQUILÍBRIO ENTRE O CORAÇÃO E A MENTE

A quarta tarefa dos líderes de igreja é *produzir um equilíbrio entre coração e mente*. O perigo de se atolar no lado técnico de discutir a verdade é que alguém pode perder contato com as necessidades sentidas e, conseqüentemente, a conexão deve ser estabelecida. A relevância entra precisamente na etapa da aplicação. Por exemplo, se todas as declarações de Jesus fossem apoiadas apenas por atestações históricas, empíricas, alguém que trabalha apenas no nível existencial não seria capaz de fazer a conexão. A razão por que Jesus traz sentido é quem Ele é.

Pessoas de todas as gerações têm vivido vários conflitos particulares, mas as gerações de hoje enfrentam alguns conflitos distintos. As investidas à imaginação por meio do visual têm trazido novos horizontes, mas por outro lado, fantasias decepcionantes. A beleza e a arte têm rendimentos decrescentes sem uma visão de mundo para interpretá-las e para completar os vazios. Depois de algum tempo, mera estética ou experiências de entretenimento acabam em divertimento, e a mente busca mais. Esse é o preço embutido no prazer. Enquanto o mundo do entretenimento pode divertir alguém, mesmo sujeito a exigir mais, o mundo do conhecimento deixa antigas formas de atividade intelectual em um terreno incerto.

Essa saturação da imaginação e ceticismo do puramente cerebral apresenta uma oportunidade incrível para o pastor ou líder da igreja.

O naturalismo deixa o espírito insatisfeito, e o materialismo absoluto deixa a pessoa exausta. O vácuo criado por essas realidades é o que tem impelido a cultura ocidental a fazer incursões na espiritualidade oriental a procura de uma forma de satisfazer o espírito. A linha final é que a vida tem se tornado desarticulada, embora ocupada, e o coração tornou-se emocionalmente vazio, embora tolerando todas as fantasias. A visão de mundo da média da população é uma maneira *ad hoc* de abordar cada oportunidade. Não há uma forma de pensar sem emendas, e o resultado é um colapso do sentido da vida em seus níveis mais profundos de necessidade.

Com freqüência, o pastor é o único que pode ajudar as pessoas a compreender tudo isso. Que privilégio! Mas para um pastor e outros líderes de igreja, ajudar a congregação a conectar suas vidas fragmentadas e enxergar a evidência da providência de Deus envolve tanto o coração como a mente. Mesmo quando questionamentos atacam violentamente a fé cristã e a preocupação desempenha o papel da apologética, o ministro se empenha para encontrar outras formas de "satisfazer necessidades". Todavia, tal ministro conseguirá isso com muito sofrimento se a apologética for negligenciada. Isto é precisamente o que pode ter causado um emocionalismo tão alterado na atitude cristã contemporânea, resultando uma mente sepultada em processo. As emoções são uma parte vital de nosso ser e devem estar comprometidas, mas o emocionalismo é a perversão das emoções, descartando a razão. Como resultado disso, para o cristão comum, ir à igreja é apenas algo que ele faz a mais. É uma injeção incidental na corrente sangüínea da vida, somente pelo fato de o espírito permanecer desnutrido na destruída atitude da rotina diária.

O nível da confiança de um cristão no evangelho é um "compromisso de fé" necessário para sobreviver, mas a vida permanece sistematicamente desconectada. A existência torna-se um balcão de restaurante *self-service*, no qual se enche o prato com o que melhor satisfaz o gosto; nutrição e moderação são lançadas ao vento. A vida é preenchida com muitas escolhas, mas não sobra nenhuma unidade da diversidade do que escolhemos. Falarei mais sobre isso no capítulo 5. Por enquanto, é bom observar que o pastor como um apologista edifica com essa unidade e diversidade na mente.

Lembro-me bem de uma aluna graduada na Cornell University, no final de uma palestra que apresentei em defesa da fé cristã,

dizendo-me o seguinte: "Cada vez que acordo sou compelida a viver dentro de uma moldura naturalista. Em nome da razão, como posso fazer uma mudança de paradigma para o sobrenatural?" Ir à igreja para obter a resposta aos seus questionamentos foi o máximo que fez. Ela estava vivendo de modo compartimentado, ansiando que seu espírito fosse tocado, mas sem pensar que o pastor da igreja pudesse providenciar isso. Jesus falou aos rejeitados da sociedade, mas, de maneira fascinante, dois de seus mais eficientes oradores — Moisés e Paulo — possuíam mentes perspicazes e paixões profundas. Essa combinação deve modelar nossa comunicação a fim de que a vida seja vista como um todo, e não em fragmentos. Nestes dias, quando tanta coisa está errada e espúria em muitos lugares do mundo, deve haver um lugar onde existam respostas e integridade na mensagem. Esse é o lugar onde o povo de Deus está reunido e é pastoreado por aquele que sabe como atravessar a distância entre o conflito e a esperança.

COM BONDADE E RESPEITO

Infelizmente, pastorear é uma visão que está desaparecendo em nossa cultura. O pastor que faz visita tem se tornado uma espécie em risco. Entre o crescimento e os meios de comunicação de alta tecnologia, alguns pastores tornam-se solitários e distantes. Pelo bem de nossa cultura, almejo ver o retorno da presença deles. Devemos ouvir nossas congregações — e, com freqüência, a *pergunta por trás* de suas perguntas. Quando recebidas *com bondade e respeito*, muitas pessoas admitem suas vulnerabilidades.

Somos chamados para sermos fiéis em viver e pregar a Palavra. E Deus promete honrar aqueles que o honram. Se a nossa pregação conduz as pessoas ao genuíno arrependimento e louvor, ajudaremos a satisfazer aos mais profundos anseios do coração e da mente, e eles encontrarão o local onde está a verdade.

Talvez então o poema do capítulo 1 possa ser reescrito:

> Havia um jovem estudante em Trinity
> Que calculou a raiz quadrada da infinidade.
> Mas a emoção chegou aos seus limites
> Quando trabalhava apenas com dígitos
> Então ele foi além da matemática e estudou teologia.

Questões para Reflexão e Debate

1. Qual é a primeira tarefa da apologética? Dê um exemplo de como você poderia realizar essa tarefa ou como já fez em seu ministério.
2. Na terceira tarefa da apologética, qual é a defesa e a ofensiva mais eficaz da fé fundamentada contra a falsidade?
3. Quais são os três níveis de filosofia? Como você pode aplicar essa abordagem apologética em seu próximo sermão ou palestra?
4. O que você acha que o autor quis dizer com a seguinte declaração: "Devemos ouvir nossas congregações — e, com freqüência, a *pergunta por trás* de suas perguntas".

Capítulo 3

A Igreja como o Coração e a Alma da Apologética

John Guest

Este capítulo, descrevendo a igreja como uma instituição de apologética, faz as seguintes afirmações a partir do óbvio:

- A igreja local normalmente é o lugar onde os crentes, cujos amigos desejam ver, são alcançados pela fé; portanto, a igreja local é o coração e a alma do evangelismo. Este foi o caminho designado por Deus.
- A prática da apologética cristã está diretamente relacionada ao evangelismo. Isto é uma necessidade.
- A apologética cristã não é simplesmente o domínio intelectual de estudantes de teologia em seu caminho até que se tornem mestres em divindade — embora, com freqüência, aparente ser isso. É uma pena!
- A igreja como uma instituição de apologética traz consigo as dinâmicas *racional* e *relacional* do evangelismo. A igreja saudável possui as duas. E esta é a sua força.

A igreja como uma instituição de apologética, conhecida por sua tarefa evangelística, vê a apologética como uma arma ofensiva na

mão de cada crente para que possa convencer os não-crentes da validade da fé. A apologética não é apenas a defesa intelectual da fé para que os cristãos possam se sentir racionalmente justificados naquilo em que crêem, mas também é a persuasão intelectual que exercem a fim de ajudar outras pessoas a conhecerem a fé.

Em nossa cultura ocidental pós-moderna, é comum o ceticismo em relação ao processo racional e as conclusões racionais a que chegamos. Portanto, a qualidade de vida dos cristãos, e em particular da comunidade cristã, é uma parte essencial do processo de evangelização. O evangelismo, hoje, trata de persuasão existencial bem como de persuasão intelectual.

PERSUASÃO EXISTENCIAL

Sou cristão há mais de quarenta anos. Por vinte anos, tentei transmitir o evangelho ao meu irmão, Anthony. Ele era bem-sucedido nos negócios, e embora mais tarde tenha reconhecido que tinha uma verdadeira consciência de Deus, não dera nenhum sinal de interesse em coisas espirituais. Ele nunca foi à igreja, e nunca fez menção à fé ou à oração.

Convidei Anthony e sua família para saírem de nossa terra natal, a Inglaterra, e nos visitarem nos Estados Unidos. Junto com minha família, passamos duas semanas espetaculares na Flórida. Todos tínhamos filhos pequenos, e expliquei que daríamos graças na hora das refeições e iríamos à igreja no domingo. "Fiquem à vontade", disse-lhes, "mas esses são os costumes de nossa família". Como resultado, todos foram aos cultos na igreja conosco e encontraram um grupo de crentes que criaram um clima propício a fim de que ouvissem falar de Jesus.

No final das férias, pouco antes de meu irmão e sua família retornarem à Inglaterra, voltamos para a minha casa na Pensilvânia. Naquela noite de domingo, convidei alguns amigos para jantarem conosco. Anthony e eu já havíamos jogado golfe com vários desses amigos umas duas vezes, então eles não eram totalmente estranhos para meu irmão e sua esposa. Corri o risco de pedir que meus amigos se apresentassem e relatassem como eles alcançaram a fé em Jesus Cristo.

Eu não tinha noção do impacto que aqueles momentos teriam. Meu irmão se lembra daquela noite até hoje. Foi a parte mais significativa das férias, disse-me depois. É surpreendente que ele tenha vindo da Inglaterra em fevereiro para o clima da Flórida, ficaram na praia em casas mais do que adequadas, tiveram grandes momentos de re-

creação, e mesmo assim escolheram uma noite em minha casa como o destaque. Por quê? A dimensão espiritual daquela noite teve um impacto poderoso. O que ele ouviu de meus amigos em um cenário íntimo e amistoso foi uma parte essencial de sua aceitação à fé cristã genuína. Para a minha alegria, Anthony é cristão há mais de vinte anos e atuante no estudo da Bíblia e em programas evangelísticos. Subseqüentemente, sua esposa se converteu, e essa fé está sendo passada à próxima geração.

Deus criou a igreja como a instituição primária de evangelismo e apologética. A inclinação de nossa cultura em direção ao individualismo pode nos fazer esquecer disso, mas o que acontece na congregação local e entre os cristãos reunidos, forma o coração e a alma da prática da apologética. Não importa se ocorre em cultos de louvor, encontros evangelísticos, grupos pequenos ou reuniões informais em casa como aquela que estimulou a conversão de meu irmão a Cristo, o testemunho associado do corpo de Cristo é indispensável.

Afinal, é a congregação local que os cristãos encontram semanalmente, então é lá que a qualidade de sua fé cristã — para o bem ou para o mal — é largamente determinada. É à igreja que os crentes convidam seus amigos para ir quando desejam que eles conheçam a fé. E é nessa experiência de culto que os aspectos relacional e racional dos cristãos se encontram. Lá o questionador não-crente vê de perto como é a fé. A vida congregacional fornece o habitat para a fé e o batimento cardíaco para nosso trabalho de dar uma razão para a esperança que temos.

A natureza insalubre de nosso ambiente social nos dias de hoje fica em contraste com a saúde da igreja cristã. O acúmulo constante de más notícias e o concomitante desespero existencial é uma apologética negativa para o mundo, ficando em contraste com o caráter positivo da vida em comunidade na igreja. Nossas "razões para acreditar" são todas as mais plausíveis por causa da percepção da realidade de um modo de vida mais satisfatório na comunidade cristã.

A igreja nunca deve renunciar seu nobre e urgente chamado de empenhar-se na apologética. Qualquer que seja o papel de organizações paralelas à igreja — e Deus as tem abençoado com grandes resultados — um testemunho completo requer uma reunião de crentes, pois apenas na igreja todos os desígnios de Deus podem encontrar a realização.

Minha própria experiência é pertinente aqui. Sendo pastor por aproximadamente quarenta anos e evangelista itinerante por quinze anos, posso dizer claramente que a apologética como vivenciada na igreja local oferece ao não-crente muito mais que uma defesa intelectual. O ambiente da igreja proporciona uma riqueza e profundidade que vai além do mero convencimento da mente. A igreja e os cristãos se opõem a um ceticismo intelectual tão enraizado em nossa cultura ocidental que o relativismo, o subjetivismo e o existencialismo têm desgastado a confiança na verdade racional e sensata. Porém, junto com as razões em busca da fé cognitivamente compreendida, a qualidade de vida na congregação cristã torna-se outra arma poderosa, persuasiva, no arsenal dos cristãos.

Embora isso sempre tenha sido verdade, ainda mais nesta época pós-moderna, quando a pesquisa e a procura cresceram tanto que se tornaram visíveis. Pesquisas nos dão evidências para isso: de cada dez americanos, três dizem que atualmente fazem parte de algum tipo de grupo de apoio; de cada quatro, um afirma que gostaria de pertencer a um desses grupos.[1] Pequenos grupos de todos os tipos modelam poderosamente a vida dos pós-modernos. As pessoas encontram nesses grupos recursos tremendos para os desafios da vida diária. Ao testemunharmos tal desejo por raízes comuns e sentido relacional, somos lembrados de que a comunhão da igreja oferece o que tantos anseiam. As reuniões nas igrejas de todos os tipos e tamanhos pode dar o senso de comunidade e ligação que as pessoas em nossa era almejam com tanto desespero.

Por meio de sua vida unida, pregação, ensino, grupos pequenos, atos de bondade e até conversas no estacionamento, uma congregação pode desarmar a desconfiança no processo racional de modo cativante e gentil. Ela o faz no contexto da realidade vivida, relacional. Ela faz o que nenhum mero indivíduo pode fazer a fim de trazer outras pessoas à fé cristã.

Como podemos tirar vantagem da comunidade cristã, com seus armamentos apologéticos adicionais de amor, confiança, alegria e propósito, a fim de ajudar a trazer pessoas a Cristo?

CULTO E APOLOGÉTICA

Em seu livro *Worship Evangelism* (Louvor e Evangelismo), Sally Morgenthaler fala sobre convidar não-crentes para cultuar a Deus. O ato de reunir-se para louvar oferece uma experiência única em poten-

cial para os não-crentes. Com a palavra *louvor* quero dizer uma expressão vital de pessoas que amam a Deus e demonstram esse amor através de canções e hinos, orações, pregações inspiradas e da comunhão que desfrutam. Por meio disso, os céticos podem testemunhar a persuasão *existencial* bem como a *intelectual* quando as pessoas se reúnem. Eles podem sentir a poderosa presença de Deus.

Ouvi falar de agnósticos céticos que entraram em um culto de louvor e, sem qualquer motivo para explicar, se encontraram chorando ao sentirem a presença de Deus. O louvor ignorou o ceticismo racional deles. Deus se comunicou com eles quando o louvor da comunidade cristã invocou sua presença sobrenatural. Essa mesma dinâmica está presente em grandes reuniões como as cruzadas evangelísticas ou conferências. O encontro de um grupo no qual o Espírito Santo se move e trabalha, concede às pessoas que estão em busca de algo a mais, o gosto de uma outra realidade. Nossos amigos não-crentes percebem que temos outras dimensões além do intelecto. Eles se tornam conscientes de uma realidade que está além de uma explicação imediata, racional. E assim, ficam suscetíveis à mensagem do evangelho.

O louvor também acarreta uma profunda experiência de comunidade. A qualidade da vida cristã em comunhão — o cuidado que é demonstrado, as necessidades pelas quais oramos, os sorrisos ou abraços e apertos de mão — tudo proporciona ligações potenciais no processo evangelístico. Tais ações de modo tangível transmitem o convite de Deus para que abram suas vidas para o amor que Ele tem "derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5.5). Desta forma, a qualidade de vida da comunidade cristã faz mais do que renovar a confiança dos cristãos naquilo em que acreditam; ela também convence a pessoa a quem o cristão procura trazer à fé. O amor é a apologética suprema; ele alcança a pessoa por completo.

Um dos mais potentes instrumentos evangelísticos é a reunião dos crentes em uma casa. Pequenos grupos, como uma família reunida em um momento devocional ou um grupo de amigos que se reúne para louvar, estudar a Bíblia e orar, podem transmitir realidades profundas, como meu irmão experimentou. Nosso simples partilhar de testemunhos naquela noite ajudou-o conhecer o Deus a quem servíamos. A qualidade dos relacionamentos expressada pelas pessoas que amam ao Senhor e estão empenhadas em se relacionar uns com os outros com integridade, compaixão, disponibilidade para ajudar e

honrar a Deus, fala poderosamente. Pequenos grupos permitem que as pessoas expressem uma curiosidade intelectual nas conversas, diferentemente das conversas seculares comuns que acontecem nos locais de trabalho ou clubes sociais.

APOLOGÉTICA NA PREGAÇÃO

O culto de adoração aos domingos pela manhã, com a pregação semanal das Escrituras, é lugar comum para uma classe de apologética. O pregador chega com um entendimento da *Palavra* e um entendimento do *mundo* para o qual se dirige. As pessoas reunidas ouvem ao mesmo tempo.

A pregação concede à congregação uma oportunidade de relacionar a verdade com questões práticas que confrontam a todos na vida cotidiana. Novamente, isso não é apenas um empreendimento particular; a Palavra de Deus fala de uma vida inteira, fazendo sentido à vida e das questões da sociedade. A Bíblia, pregada nos planos imperfeitos de nossas estruturas sociais, apresenta os motivos por que a fé cristã faz sentido e proporciona a apologética para pessoas saturadas (em geral, de modo indiscriminado) na cultura contemporânea.

O pregador faz isso como uma parte regular do ato de ministrar semanalmente ao povo de Deus e, desta forma, demonstra, como em um *workshop*, a aplicação apologética. Ele o faz em uma comunidade de fé esforçando-se para tornar real as promessas do evangelho, e as ordenanças do discipulado. A responsabilidade do pregador, então, não é só entender as nuances das Escrituras através do estudo da língua, do contexto e da história, mas também as nuances da cultura em que vivemos a partir da observação de propagandas, notícias, moda, música, entretenimento e decisões relacionadas às leis e ao governo. O pregador então mostra como as verdades bíblicas entram em choque com a cultura.

O pregador também se lembra de que as pessoas em nossas igrejas em geral são inteligentes, educadas e dispostas a pensar. Nós lhes apresentamos mais do que ilustrações emotivas inteligentes e discursos superficiais sobre psicologia em nossas pregações e ensinos. As pessoas conseguem digerir fortes conteúdos que estimulam o pensamento e, na verdade, estão famintas por eles. Nossa recusa de alimento substancial para o pensamento tem levado a uma fome intelectual e espiritual.

Décadas atrás, a novelista e ensaísta Dorothy Sayers citou um ex-reitor da Mansfield College, em Oxford, que declarou: "A tragédia é que toda essa doutrina, embora interessante para os teólogos, é desesperadamente irrelevante para a vida e pensamento do homem comum". Sayers respondeu com as seguintes palavras:

> Se os ministros cristãos realmente acreditassem que isso é apenas um jogo intelectual para teólogos e não tem nenhum propósito na vida humana, não seria de se admirar que suas congregações fossem ignorantes, enfadonhas e confusas. Não é verdade que todos os dogmas são "desesperadamente irrelevantes" para a vida e pensamento do homem comum. A verdade é que aqueles ministros da religião cristã que afirmam o contrário o fazem por consideração, como se fosse verdade, e, de fato, por sua exposição imperfeita disso, o fazem assim.[2]

Dado o relativismo e subjetivismo de grande parte da mídia e da educação nos dias atuais, as pessoas estão morrendo de fome desse conteúdo no qual se dedicam a questões na base da verdade bíblica. Lembro-me de quando preguei em uma grande, bem-educada e próspera congregação episcopal em Dallas, Texas. Não preguei mais de vinte minutos. Quando terminei, a congregação ficou em pé e irrompeu em aplausos! Por quê? Acho que, em grande parte, eles estavam cansados do pábulo artificial que era sua dieta. Também acredito que foi porque a mente estava sedenta pela verdade, e o Senhor Jesus, presente em sua própria integridade imaculada, é a Verdade. As pessoas estão dispostas a pensar, contanto que sintam que isso irá ajudá-las a se encontrar com algo que possua integridade intelectual e pessoal.

Uma forte apologética no púlpito também encoraja nossas congregações a verem que a convicção religiosa profunda não é apenas para os homens intelectuais de Neandertal, como determinados elementos em nossa cultura nos fariam acreditar. Tão surpreendente quanto pode parecer para os céticos contemporâneos, o mundo em volta deles é que tem enterrado o intelecto, como avestruzes! Sem desculpas, o modo de pensar relativista/subjetivista que envolve nossa cultura tem "fechado a mente" da pessoa comum. Em seu livro *The Closing of the American Mind* (O Fechamento da Mente Americana), Allan Bloom nos dá amplas evidências da incapacidade dos estudantes (e professores) universitários americanos de pensarem com

integridade intelectual ou diversidade genuína.[3] Entretanto, o dogma cristão é vigorosamente sensato. A igreja é a instituição para afirmar isso de modo constante. A seguir estão exemplos do que estou querendo dizer com isso.

Misticismo Oriental

O misticismo oriental se infiltrou completamente em nosso pensamento ocidental. Com isso surge a idéia de que todas as religiões de alguma forma estão dizendo a mesma coisa e têm méritos iguais. O "círculo de vida" e a reencarnação também vêm com esse paradigma oriental. Como uma forma de tratar esse completo sistema de pensamento, levantei algumas questões sobre a reencarnação:

- Se a reencarnação fosse um fato, e por meio dela as pessoas constantemente se aperfeiçoassem de modo evolutivo, tornando-se mais e mais perfeitos quanto à moral, da mesma forma o mundo não estaria melhorando, tornando-se um lugar moralmente melhor?
- Se no aperfeiçoamento moral evolutivo está a esperança de que as pessoas estão em algum ponto de progresso suficiente para atingir o estado do nirvana e não reencarnarem, quem você conhece que já esteve perto desse estado? Quem você conhece que é bom a esse ponto? Se você não conhece praticamente ninguém, não temos uma porta de entrada estreita demais e impossível em relação à oportunidade de alcançar o "céu" se essa teoria for verdade?
- Se as pessoas de fato estivessem se desenvolvendo rumo a um estado moral perfeito e deixando essa terra permanentemente, até que não fosse mais necessário reencarnar, a população mundial não estaria diminuindo em vez de aumentar? De onde essas almas extras estão vindo?

Muitos cristãos nunca pensaram a partir das implicações das incoerências de outras religiões. Porém, se os cristãos leigos precisam afirmar e articular sua fé cristã devemos dar-lhes a "apologética do dia-a-dia" para ser usada na conversa cotidiana comum com os amigos que declaram de forma sutil que todas as religiões são iguais.

Jesus Foi apenas um dos Grandes Líderes Religiosos do Mundo

Que Jesus foi um bom homem ou um profeta e não tem mais autoridade do que outros líderes religiosos, faz parte desse mesmo paradigma secular "que não discrimina". C. S. Lewis respondeu isso muito bem em seu livro *Cristianismo Puro e Simples*:

> Aqui estou tentando evitar que alguém repita uma tolice que as pessoas freqüentemente dizem sobre Ele: "Estou pronto para aceitar a Jesus como um grande mestre moral, mas não aceito sua declaração de ser Deus". É isso que não devemos dizer. Um homem que foi simplesmente um homem e disse o tipo de coisas que Jesus disse, não seria um grande mestre moral. Seria um lunático... ou mesmo um demônio. Você tem de escolher. Ou esse homem era, e é, o Filho de Deus, ou um louco ou algo pior. Você pode fazê-lo se calar como um tolo, pode cuspir nEle e matá-lo como um demônio ou pode cair aos seus pés e chamá-lo de Senhor e Deus. Mas não venhamos com qualquer condescendência sem sentido sobre Ele ser um grande mestre humano. Ele não deixou isso em aberto para nós. Não era essa a sua intenção.[4]

Ao pregar sobre essa questão, podemos citar várias declarações de "Eu sou" ditas por Jesus:

- "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida" (Jo 8.12).
- "Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá" (Jo 11.25,26).
- "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6).

Então surge a pergunta, como fez C. S. Lewis: Jesus estava louco quando disse essas coisas? Ele deliberadamente iludia pessoas sabendo que suas palavras não eram verdadeiras — confirmando assim que era perverso? Surpreendentemente, você nunca encontrará uma única alma dizendo que Jesus estava louco ou enganava; nem alguém dizer que Ele era enganosamente mau! Pregar essa mera idéia reducionista causa três coisas:

- Incentiva os crentes a serem confiantes acerca de sua fé.
- Concede aos crentes as ferramentas necessárias para uma discussão franca, não-arbitrária da parte deles, forçando aqueles que

chegam até a nós com uma "falta de senso condescendente" para fazerem julgamentos ao exigirem a integridade de Cristo.
- Isso compele aqueles que estão indecisos quanto ao ceticismo ou em dúvida em nossas congregações (e há muitas pessoas nessa condição) a escolherem a Cristo e, assim, serem evangelizadas e receberem a salvação.

Como um pastor episcopal que prega em igrejas importantes, vi um terço de uma congregação em um culto matinal apresentar-se em resposta a um chamado feito no altar para se renderem a Cristo, apenas por meio do estímulo à questão da identidade de Cristo. Se as pessoas não podem chegar à conclusão de que Jesus era perverso ou insano, dada a evidência do que declarava a seu respeito, ficam apenas com a conclusão restante — Ele era quem dizia ser — e alegremente se rendem.

A Questão do Aborto

Se o relativismo/subjetivismo é a grande desonestidade intelectual de nossa cultura pós-moderna, então o aborto é a grande aberração moral. Isso é visto mais claramente na justificação do aborto e o que o pró-aborto faz a fim de proteger a escolha de mães e médicos de acabarem com vidas inocentes.

Certo domingo, cheguei no púlpito e fiz as seguintes perguntas retóricas como introdução à pregação da Palavra:

- Como é possível que na América moderna, educada, sofisticada haja mulheres marchando pelas ruas em prol do direito de matar bebês que não nasceram?
- Como é possível que o controle de natalidade lute pelos direitos dos filhos adolescentes em nossas escolas para que façam aborto sem que os pais sejam notificados?
- Como é possível que a Suprema Corte usasse uma lei antiextorsões para interromper protestos legais e jurisconsulto de mulheres que estão a caminho de uma clínica de aborto?
- Como é possível que tantas pessoas que se dizem cristãs e vão à igreja sejam pró-escolha, pró-aborto, e pró-morte?
- Como pode ser que um presidente que freqüenta a igreja não fique contra o aborto?

- Como é possível não percebermos que a violência no útero só estimula a violência nas ruas?
- Como é possível não percebermos que quando se diminui o valor do bebê que vai nascer, o valor de toda vida humana é depreciado?
- Como é possível não percebermos que uma consciência pública reprimida tornará insensível a consciência de todos nós quanto à indignidade feita à vida humana?
- Como é possível que preservativos não só sejam colocados à disposição de estudantes que ainda não atingiram legalmente a maioridade, mas também que sejam vendidos nos banheiros das escolas em Massachusetts?
- Como é possível que no Estado da Pensilvânia seja "homicídio" matar a criança no útero por causa de um ato de brutalidade contra a mãe, mas a própria mulher, com seu médico, possa matar o bebê por meio do aborto e esse ato ser considerado legal e aceitável?

Quando terminei o último "Como é possível...", uma apologética quase completa estava perfeitamente desafiando as irracionalidades evidentes de nosso dia, tornando possível uma apologética franca da Palavra de Deus para a santidade da vida humana.

Todas as Religiões Levam ao Céu

"Jesus é apenas um dos caminhos para o céu", você ouve freqüentemente. Para enfrentar essa questão sem atacar outros pontos de vista religiosos, faço perguntas simples acerca das afirmações dos Evangelhos: Se de fato existe outro caminho para Deus, que escapa da necessidade da morte de Cristo na cruz pelos pecados do mundo, então Deus não é "bom"; Ele é perverso! Na noite que antecedeu sua execução, o Senhor Jesus fez o seguinte pedido: "Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres" (Mt 26.39). Se houvesse um caminho no qual o Pai pudesse ter evitado a morte sacrifical de Jesus e mesmo assim tivesse ignorado essa opção, então Deus não é bom nem é amor; Ele é excêntrico ou sem sentimentos.

Continuo pregando que eu não gostaria de conhecer um Deus como esse! Como uma apologia, isso novamente impele a conclusão

racional de que se foi necessário que Jesus morresse por meus pecados, então não existe nenhum outro caminho para o Pai. Nenhuma outra religião requer um Salvador. Faço minhas as palavras do apóstolo Pedro diante do Sinédrio judaico: "Em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos" (At 4.12). E Jesus queria dizer exatamente isso quando declarou: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida" (Jo 14.6).

Todavia, no final das contas, nossa pregação e ensino precisam apontar duas grandes verdades:

- A luta pela mente de homens, mulheres e jovens é uma batalha espiritual, e não meramente intelectual. A oração é uma arma espiritual dada por Deus que deve acompanhar uma boa apologética.
- A verdadeira questão não é intelectual, mas sim moral. Aqueles que resistem ao evangelho podem usar uma abundância de objeções morais contra as reivindicações cristãs em suas vidas, mas você pode muito bem levar em conta que o aparente ceticismo intelectual é uma cortina de fumaça para que não seja preciso lidar com os estilos de vida e idéias imorais que eles detestam abandonar ou mudar.

Lembro-me de quando estava em Cincinnati, Ohio, e passei uma noite inteira conversando com um estudante universitário, em um nível bem sofisticado sobre a apologética em relação à fé cristã. Por fim, depois de ouvi-lo apresentar evasivas e mais evasivas, perguntei-lhe: "Você está envolvido em um relacionamento sexual imoral?" Ele apenas sorriu e balançou a cabeça afirmativamente, e então sujeitou-se à real natureza de seu problema. Era uma questão de imoralidade, não de incredulidade!

APOLOGÉTICA NA SALA DE AULA

Nunca podemos consentir com o irracionalismo de nossa época — a negação pós-moderna da verdade. O modo como essa entrega muitas vezes é expressa na igreja, é uma satisfação agradável em relação a uma experiência de louvor emocionante na qual comove naquele momento, mas existe uma semelhança completamente separada da vida cotidiana e do discurso cultural que isto envolve.

Como a pregação pode e deve ter um lado apologético, é necessário que seja acompanhada pelo ensino sistemático no contexto da sala de aula. Para que a igreja seja uma instituição de apologética, nós que estamos na liderança devemos buscar um compromisso mais sério de nossa congregação. Esse é um imenso desafio em virtude das exigências já feitas para sobrevivermos no mundo tão ocupado de hoje.

Felizmente, muito trabalho tem sido realizado por professores e pastores. Chamo a atenção para quatro recursos muito úteis para ensinar e estimular a apologética no dia-a-dia dos leigos instruídos.

1. *The Case for Christ* (Em Defesa de Cristo), de Lee Strobel, é uma "investigação particular de um jornalista em busca de evidências de Jesus".[5] A grande força desse livro é que o autor não é um especialista, mas no estilo jornalístico, ele aborda seus tópicos como um jornalista, entrevistando especialistas em vários campos. Strobel, um ex-repórter investigador, utiliza ilustrações de suas reportagens sobre crimes a fim de abrir as portas fechadas do pensamento contemporâneo. Então por meio de um formato investigativo/de entrevista, ele traz alguma variedade de testemunhas especialistas para caminhar por essas portas com informações bem pesquisadas e bem apresentadas que dão ganho de causa para Cristo. Não conheço uma obra melhor no nível popular.
2. *Darwin on Trial* (Darwin no Tribunal), de Phillip Johnson, e *Darwin's Black Box* (A Caixa Preta de Darwin), de Michael Behe, são duas das melhores obras apologéticas sobre o criacionismo.[6] A contínua discussão científica sobre haver uma "ordem criada" no universo ou se nós, seres humanos, bem como tudo mais que existe, somos resultados "do acaso" é um assunto polêmico constante nos debates da vida cotidiana. A evolução é ensinada como fato científico nas escolas, e o criacionismo é banido. O cético conclui facilmente que se os seres humanos estão aqui por acidente por meio de um processo de bilhões de mutações ao longo de bilhões de anos, então Deus deve ser ficção. A obra de Johnson e Behe é extraordinária e fornece grande munição intelectual para a apologética nos campos da evolução e da criação.

3. C. S. Lewis foi um profeta para a nossa geração. Ele deu aula nas universidades de Oxford e Cambridge, na Inglaterra. Sua educação fez dele um agnóstico de proporções ateístas. O despertar de sua fé foi uma batalha intelectual monumental. Em sua descrição, ele fala sobre uma noite em que subiu para o seu quarto em Magdalene College, Oxford, e se rendeu às declarações de Cristo como "o mais relutante convertido inglês". Seus escritos, que tinham a finalidade de persuadir outros crentes relutantes em potencial, são prolíferos. Sua obra *Cristianismo Puro e Simples* é uma manifesto clássico combinando razão filosófica e imperativos morais com as declarações de Cristo.[7] À frente de seu tempo, em particular, ele ataca o sempre presente relativismo, que previu que se tornaria tão destrutivo.
4. *More than a Carpenter* (Mais que um Carpinteiro), de Josh McDowell, é uma declaração breve, porém clássica da singularidade de Cristo.[8] Ele usa com grande efeito o mesmo processo redutivo de C. S. Lewis, impelindo o leitor a chegar a uma conclusão a favor de Cristo. McDowell analisa as declarações de Cristo sob os títulos de mentiroso, lunático e Senhor, e dirige a pessoa reflexiva a determinar qual desses títulos expressa a melhor descrição.

ESTRATÉGIA PARA A IGREJA

A dificuldade é colocar a apologética bem pensada e notavelmente usável nas mãos e mentes dos cristãos. A estratégia mais bem-sucedida que encontrei é reunir um grupo de líderes principais das congregações e convencê-los de sua própria necessidade de treinar e recrutar outras pessoas para o treinamento. Apenas anunciar nas classes e convidar pessoas em geral para comparecerem, raras vezes é uma forma bem-sucedida de criar um movimento. Liderança gera liderança, e o recrutamento da equipe pastoral dos líderes que levarão a congregação a prosseguir deve ser específico e intencional.

Lembro-me de pregar sobre a necessidade de testemunhar e reunir algumas pessoas (com um convite geral) a fim de treiná-las. Então, por meio de um de meus leigos que recebeu o treinamento Evangelism Explosion na Coral Ridge Presbyterian Church, percebi quão ineptamente eu estava procedendo. Uma vez que compreendi o problema,

a solução tornou-se direta. Fui com outros quatro membros do ministério para a Coral Ridge Presbyterian Church para sermos treinados em uma reunião semanal sobre como partilhar a nossa fé. Ao retornarmos a Pittsburgh, recomendei que cada um de nós recrutasse dois líderes importantes para uma turma matinal e dois para uma turma à noite. Nossos recrutas deveriam ter três requisitos essenciais:

- Deveriam ser líderes/influenciadores.
- Seriam treinados por dezessete semanas.
- Recrutariam, então, dois outros recrutas cada um e os treinariam por dezessete semanas.

O crescimento exponencial mudou a igreja completamente.

5 ministros treinando 20 pessoas = 25
25 treinando 50 = 75
75 treinando 150 = 225

Os números não foram exatamente como aparecem aqui, mas você entendeu a idéia. O segredo era membros treinados recrutarem líderes importantes que poderiam atrair outros líderes importantes para o treinamento. Qualquer ministério precisa de uma estratégia similar para fazer a diferença de qualquer resultado. Temos em nossas igrejas crentes inteligentes esperando por tal movimento. O trabalho da apologética tem sido feito. A carência de nossa sociedade é aparente. A igreja está pronta e esperando a conclusão do trabalho.

CONCLUSÃO

Na pregação e no ensino da igreja, devemos ajudar as pessoas a entender o contexto diante do qual elas transmitem e comunicam o evangelho, e então devemos incentivá-las a não se sentirem desencorajadas quando o que lhes parece um raciocínio perfeitamente bom avança contra alguma dura resistência. É aí que a igreja como uma comunidade que louva e encoraja é tão crucial para a missão do evangelismo em sua totalidade.

A igreja saudável como uma instituição de apologética tem a vantagem de ser uma explicação do evangelho por causa de sua simples presença. A qualidade de vida em uma reunião de crentes é surpreen-

dentemente apologética para um mundo que é crítico, negativo, competitivo e cético. No contexto mais amplo da igreja local, uma grande variedade de considerações pessoais de como a dignidade tem sido recuperada pelo evangelho e como os casamentos tem sido restaurados pela graça de Deus permanece em contraste com a evidente angústia no local de trabalho e na sala de aula. Acrescente a isso um código de ética que funcione, e por outro lado, um senso de pertencer a este propósito.

O fim da apologética não é simplesmente amparar a credibilidade da fé cristã para o crente, mas abrir caminho na incredulidade do não-crente. E enquanto houver uma evidência racional opressiva à fé cristã — porque no mundo pós-moderno a razão é suspeita e moral, e os valores espirituais têm sido reduzidos a opiniões relativistas — o poder existencial da comunidade cristã saudável será uma apologética forte (talvez até mais influente a princípio do que qualquer imagem intelectual que tenhamos a oferecer). É como se a verdade do evangelho devesse ser existencialmente percebida — pelo menos a princípio — em vez de compreendida de modo racional.

Questões para Reflexão e Debate

1. O que o autor quer dizer quando sugere que "o evangelismo hoje trata de persuasão existencial bem como de persuasão intelectual"?
2. O autor pergunta: "Como podemos tirar vantagem da comunidade cristã, com seus armamentos apologéticos adicionais de amor, confiança, alegria e propósito, a fim de ajudar a trazer pessoas a Cristo?" Como você responderia a essa pergunta?
3. Interaja com a citação de Dorothy Sayers sobre a diminuição do papel da doutrina na igreja e sua aparente irrelevância para os leigos. Você concorda com essa afirmação? Por quê?

Capítulo 4

A Prioridade da Apologética na Igreja

Peter J. Grant

Diversos fatores podem levar um pastor a minimizar a apologética no ministério da igreja — não menos importante do que muitas outras carências que exigem sua atenção. Como pastor a serviço de uma igreja em crescimento, posso entender bem a pressão sentida quando outras prioridades tomam o lugar da apologética. Não é fácil dedicar-se ao estudo e às habilidades da apologética quando solicitações urgentes são feitas pessoalmente, pelo celular, por e-mail, mensagem de voz e fax! Muitas pessoas leigas enfrentam pressões semelhantes e sentem-se menos dispostas quando o pastor pesquisa a apologética. Isto considerando os cristãos que já se sentem desconfortáveis testemunhando ou tendo que defender sua fé, bem como uma aversão para que a abordagem do apologista possa crescer rapidamente na igreja.

Além disso, o papel mínimo do apologista na maioria das igrejas tem levado os crentes a sentirem que a apologética é uma intrusa no verdadeiro ministério da igreja. Sempre que um pastor ou membro faz algo diferente da maioria da igreja (e cria um papel vital para a apologética *é* diferente), a inovação será criticada. As tentativas do pastor ou da liderança de formar o perfil da apologética, ensinando-a ou dirigindo-a de maneira especial às reais questões dos não-crentes nos

principais cultos da igreja são garantias de receberem críticas e reclamações. Qualquer pastor que deseje dar à apologética seu lugar bíblico na igreja deve estar preparado para enfrentar e resistir a estes desafios e ensinar a verdade de modo convicto. Restaurar o papel bíblico da apologética requer liderança, dedicação e uma profunda convicção de que o chamado fundamental de Deus para os pastores é nutrir a vida da igreja e tratar as necessidades do mundo.

APOLOGÉTICA NA IGREJA

No Novo Testamento, Jesus disse aos seus discípulos: "Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra" (At 1.8). Pelo que sabemos da Igreja Primitiva, está bem claro que a apologética estava no âmago de seu ministério em relação a testemunhos. Os líderes da igreja no Novo Testamento empreendiam sua missão quando "argumentavam", "debatiam", "persuadiam" e "convenciam" seus ouvintes, nas sinagogas e nas praças.[1] Vale considerar, porém, que apenas os que foram cheios do Espírito Santo fizeram isso; ou seja, o Espírito Santo, atuante na vida dos crentes, afetava o modo como eles defendiam a Cristo. O livro de Atos, por exemplo, registra o seguinte:

> E, entrando na sinagoga, falou ousadamente por espaço de três meses, disputando e persuadindo-os acerca do Reino de Deus. Mas, como alguns deles se endurecessem e não obedecessem, falando mal do Caminho perante a multidão, retirou-se deles e separou os discípulos, disputando todos os dias na escola de um certo Tirano. E durou isto por espaço de dois anos, de tal maneira que todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus, tanto judeus como gregos. E Deus, pelas mãos de Paulo, fazia maravilhas extraordinárias, de sorte que até os lenços e aventais se levavam do seu corpo aos enfermos, e as enfermidades fugiam deles, e os espíritos malignos saíam.
>
> *Atos 19.8-12*

Quando o Espírito Santo encheu os cristãos primitivos, não agiu apenas para ensinar-lhes a Palavra de Deus e realizar milagres (At 19.10,11), mas também para que se entregassem corajosamente ao trabalho com os não-crentes "disputando e persuadindo-os acerca do Reino de Deus" (v. 8). O apóstolo Pedro ensina que a conseqüência de colocar Cristo como único Senhor, é que estaremos sempre preparados para dar uma resposta a quem nos pedir a razão da esperança

que temos; e que "mansidão e temor" caracterizam nossa forma de lidar com os não-crentes (1 Pe 3.15). Além disso, Judas nos diz que temos de nos apiedar "de alguns que estão duvidosos" (Jd 22).

Quando o Espírito Santo enche uma pessoa e está verdadeiramente liderando a igreja, seu efeito pode ser evidente no envolvimento ativo e amoroso de um mundo perdido com a mensagem do evangelho. Um pastor cheio do Espírito encontrará oportunidades de empenhar-se em uma defesa racional da fé e assegurará que sua congregação, de igual modo, esteja preparada para agir assim. Essa preparação pode ser realizada por meio de seminários, grupos de estudo, classes em salas de aula ou ensinamentos nos principais cultos da igreja. Uma outra idéia é iniciar um ministério específico voltado para a apologética; em muitas igrejas, é comum algumas pessoas terem o dom e o chamado para servir nessa área.[2]

Um pastor também deveria tratar em suas mensagens as questões complexas que são feitas pelos não-crentes ou fazer delas o ponto principal de séries completas. Um pastor não estaria cometendo um erro ao pegar os títulos dos capítulos deste livro e transformá-los em uma série de estudos para o domingo de manhã. Na Cumberland Community Church, fazemos uma série anual intitulada *Reasons to Believe: Beyond a Reasonable Doubt* (Razões para Crer: Além de uma Dúvida Racional), ou algo parecido. Nossa série mais popular foi *God, I Have a Question* (Deus, Tenho uma Pergunta), na qual lidamos com uma questão diferente a cada semana (por exemplo, "A Bíblia é confiável?", "E quanto ao sofrimento e o mal?" e "Jesus é o único caminho?") e então abrimos espaço para uma sessão de perguntas e respostas. Com freqüência, a maneira como o pastor responde aos não-crentes é tão crítico quanto o conteúdo do ensino; a apologética efetiva é saber como lidar com as questões e os questionadores. As mesmas questões que esclarecem os não-crentes também esclarecem as séries de dúvidas de alguns crentes também!

Jim Petersen, vice-presidente internacional do Navigators, pioneiro do ministério Navigators no Brasil — e participante de outros ministérios semelhantes em outros países — bem como autor de vários livros sobre evangelismo e discipulado, fala eloqüentemente das necessidades dos não-crentes:

> Quando um não-crente começa a estudar a Bíblia com você, uma das maiores perguntas que ele não menciona é: "Até que ponto eu serei capaz de expressar o que penso realmente? Qual será sua rea-

> ção se eu revelar minhas verdadeiras dúvidas e questionamentos?" Primeiro, a pessoa irá enunciar algumas perguntas experimentais "seguras". A forma como reagimos a essas questões afeta, a partir de então, o nível de comunicação entre nós. Se respondemos com dogmatismo (que é uma forma de insegurança) ou de modo defensivo (que é uma outra forma de insegurança), o não-crente entenderá rapidamente as regras do jogo e procederá de acordo com elas. Ou ele agirá em nossas limitações — ou desaparecerá. Porém, se demonstrarmos uma atitude que encoraje a expressão de dúvidas e questionamentos, nossa efetividade será muito maior.[3]

O pastor e a igreja que aprendem a usar a apologética no lugar apropriado, descobrirão que ela se torna muito eficaz no evangelismo. O filósofo Jean-Jacques Rousseau declarou certa vez: "O cristianismo começou quando a primeira aldeia de ignorantes encontrou a primeira aldeia de homens que estudavam". Desde o Iluminismo, uma crescente cultura de ceticismo e cinismo tem gerado uma espécie de "abismo cultural" que afasta os não-crentes da cruz.[4] O abismo cultural é real — os não-crentes geralmente têm uma visão negativa do evangelho e seus proponentes. Eles acreditam que isso é irrelevante, e sua mensagem, negativa. O "exclusivismo" percebido é menosprezado por uma cultura que valoriza a tolerância acima de todas as coisas (e, contudo, tolera apenas companheiros pluralistas).

Nós, como crentes, sabemos que o evangelho é o poder de Deus para a salvação, e que partilhá-lo é nosso objetivo final. Entretanto, muitas vezes somos negligentes para ver questões intelectuais, emocionais, volitivas e outras — o abismo cultural — que o não-crente deve navegar antes de vir a um lugar onde possa ou poderá ouvir o evangelho. A apologética tenta ajudar os não-crentes a atravessar a jornada até a fé em Cristo — ir além do abismo cultural e encarar o abismo da cruz a fim de que possam ouvir a mensagem clara do evangelho. Mesmo em um mundo pós-moderno, esclarecer equívocos sobre Deus, a Bíblia, a deidade de Cristo, o problema da dor, a igreja e outros, auxilia nesse processo. Sem uma apologética efetiva, um não-crente que ouve o evangelho pode geralmente parecer indiferente, resistente ou hesitante. A medida que estes preconceitos e questionamentos sejam tratados em um ambiente seguro, o evangelismo se torna a tarefa mais simples de deixar as pessoas responderem acerca do que já crêem.

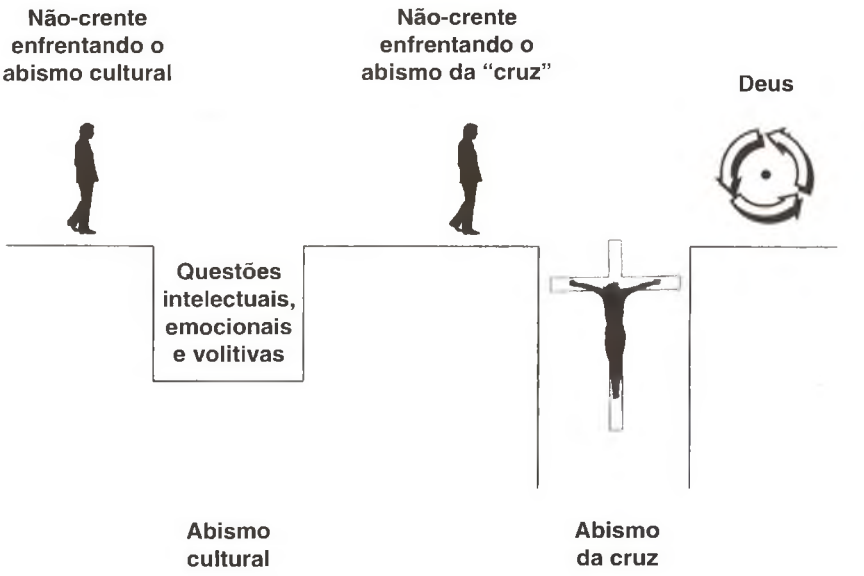


Figura 4.1. O abismo cultural e o abismo da cruz[5]

Esse capítulo não trata muito de questões difíceis que surgem de objeções intelectuais genuínas a uma crença em particular, mas com as questões desafiadoras sobre a vida a qual pode impedir o processo de alguém tornar-se um cristão. Tais questões ou objeções freqüentemente têm um forte componente experimental ou emocional. Quando não-respondidas, resultam em confusão generalizada e resistência à fé em Deus. As mesmas envolvem a futilidade que se percebe na existência humana, a natureza da dúvida e da fé, e questões sobre o sofrimento pessoal.

O QUE TUDO ISSO QUER DIZER?

Uma das questões mais difíceis que as pessoas enfrentam é em relação ao propósito e sentido da vida. A Bíblia trata desta busca ao longo de seu texto; em particular, o livro de Eclesiastes atenta para a vida "debaixo do sol" — ou vivida sem referência a Deus. Uma existência desse tipo é considerada "Vaidade de vaidades! — diz o pregador, vaidade de vaidades! É tudo vaidade" (Ec 1.2). No entanto, o Livro de Eclesiastes conclui que viver com Deus dá um novo significado à vida.

Antes que um pastor ou outro líder de igreja possa partilhar a verdade do evangelho ou mesmo voltar-se à Bíblia, entretanto, ele deve mostrar que compreende a busca e pode responder a essas questões espirituais mais básicas. Uma resposta bem formulada levará a uma abertura para que o evangelho seja compartilhado; uma resposta trivial fechará as portas.

O não-crente precisa entender que se a vida humana resultasse de uma eventualidade ou de uma "disposição acidental de átomos" , como o filósofo Bertrand Russell declarou, seria impossível obter seu sentido. Como o escritor e filósofo cristão C. S. Lewis apontou, "o ateísmo tornou-se muito simples. Se o universo inteiro não tem sentido, nunca deveríamos ter descoberto que não tem sentido: se não existisse luz no universo, conseqüentemente, nenhuma criatura com olhos saberia que estava escuro. A *escuridão* não teria sentido".[6]

Além disso, o sentido não pode resultar de acidentes. Por exemplo, suponha que você estivesse passando por nossa igreja e um bando de gansos canadenses estivesse voando a caminho do sul. Suponha que você observasse surpreendido enquanto eram atingidos por um pequeno aeromodelo e suas penas caíssem no estacionamento para formar uma mensagem: "Entre para se encontrar com o presidente dos Estados Unidos" (embora isso pareça improvável). Você teria algum bom motivo para afirmar que tal mensagem tinha sentido e que o presidente estava mesmo lá dentro? Não! Isso seria coisa do acaso; logo, não poderia ter sentido. Nenhum sentido foi colocado nisso, e, assim, nenhum sentido pode ser obtido. O problema é evidente para aqueles que acreditam que o mundo e a vida humana começaram por acaso: porém, se você não tivesse visto os gansos, e mesmo assim se deparasse com a mensagem no estacionamento, você imaginaria que alguém a colocou lá e que, seguindo as instruções, você poderia se encontrar com o presidente.

A Bíblia relata que a mensagem da existência de Deus está escrita no universo. No Salmo 19, Davi nos diz que "os céus manifestam a glória de Deus": eles mostram sabedoria e suas palavras são ouvidas "até ao fim do mundo" (veja Sl 19.1-4). Em Romanos, Paulo nos lembra: "O que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis" (Rm 1.19,20). Quando "vemos" a revelação que Deus faz

de si mesmo na criação, isso pode nos levar a um relacionamento com Ele. Para desenvolver a analogia acima, a "mensagem escrita com penas" não seria a única evidência de que o presidente estava no interior do edifício e se encontraria com o público. Outras evidências levariam a essa mesma conclusão — o helicóptero presidencial no estacionamento, os guarda-costas do serviço secreto nas portas, os amigos saindo e descrevendo o encontro. A aceitação da mensagem da existência de Deus entrelaçada no universo é confirmada na Bíblia por intermédio da vida de Jesus Cristo, por exemplo, e pelo testemunho daqueles que o encontraram. A questão do sentido leva ao criador do sentido.

Também é importante ressaltar que a Bíblia nos dá uma explicação *pessoal* para a criação da vida e do universo. Todo acontecimento tem uma explicação pessoal e científica; a ciência é boa para responder o *como*, mas cada evento também precisa de uma resposta para o *por quê*. Se ao voltar para casa eu encontrasse uma janela quebrada e uma bola de beisebol por perto, perguntaria ao meu filho: "Collin, por que a janela está quebrada?" Se ele respondesse: "Papai, isso é óbvio; um objeto pesando cerca de 170 gramas, em uma velocidade de 400 quilômetros por hora encontrou uma vidraça de 4 milímetros de espessura em um ângulo de 90° — a janela se quebrou!" Eu não teria o agradecido se não fosse pela idéias de Einstein. Em vez disso, insistiria na explicação pessoal. Da mesma forma, embora os não-crentes possam querer argumentar com a explicação científica da origem da vida, nós os satisfazemos melhor enfatizando a explicação pessoal apresentada na Bíblia.

Gênesis não é primeiramente uma explicação científica sobre *como* a vida e o universo se originaram, mas uma explicação pessoal sobre *por que* tiveram origem. Apesar de tudo o que a Bíblia afirma como fato científico seja verdade, a ciência não é o propósito ou a mensagem principal das Escrituras. Mesmo se pudéssemos resolver a questão de *como* Deus fez isso, ainda precisaríamos saber *por que* Ele o fez. Paulo lembrou aos atenienses no Areópago que Deus "fez o mundo e tudo que nele há", Ele é o que "dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas", que "determinando os tempos já dantes ordenados e os limites da sua habitação, para que buscassem ao Senhor, se, porventura, tateando, o pudessem achar, ainda que não está longe de cada um de nós" (At 17.24-27). Paulo iniciou de forma que os seus ouvintes entendessem — um debate sobre o Deus que dá sentido a tudo o que eles vêem e experimentam — mas usa isso para levá-los ao evangelho: "Esse, pois, que vós honrais não o conhecendo é o que

eu vos anuncio" (At 17.23). O pastor ou líder de igreja como um apologista que aprende a responder a perguntas difíceis sobre o significado da vida achará, de igual modo, que essas mesmas questões são uma ponte para o evangelho.

E QUANTO À DÚVIDA?

Uma outra batalha é a compreensão da natureza da fé e da dúvida.[7] Líderes e pastores de igreja devem ser capazes de ajudá-los a identificar suas dúvidas e reconhecer como podem passar da descrença e da dúvida à fé. Quando se trata de fé e dúvida, os equívocos, concepções errôneas e caricaturas são abundantes. Um exemplo disso é encontrado no filme *Milagre na Rua 34*, depois que Susan, a menininha no papel principal, encontra-se com Kris Kringle, a quem ela acredita ser o verdadeiro Papai Noel. A mãe de Susan é cética quanto às crenças de sua filha e tenta dissuadi-la daquela idéia falsa, e ao fazer isso ela declara: "A fé é acreditar em coisas quando o senso comum lhe diz para não acreditar!" Outra falsa idéia é que a fé começa onde o fato desaparece, de modo que a fé é ter 100% de certeza e a dúvida é ter menos do que 100% de certeza, e que a fé é um dom misterioso concedido arbitrariamente a alguns, mas não a todos.

Primeiro, é importante esclarecer que a dúvida é, de fato, incerteza e não é sempre algo ruim. Se eu estivesse ao lado de uma piscina vazia e decidisse não pular por não ter certeza de que a piscina estava cheia de água (e de fato não estava), minha dúvida me salvaria de um mergulho dispendioso e doloroso! A dúvida é a falta de certeza sobre fatos ou falta de preparação para dar um passo de fé baseado em fatos. Em questões de fé, Gary Habermas, presidente do Departamento de Filosofia e Teologia, e um distinto professor de apologética e filosofia na Liberty University, em Lynchburg, Virgínia, descreve a dúvida como "uma falta de certeza em relação aos ensinamentos do cristianismo ou um relacionamento pessoal com eles".[8] Essa falta de certeza pode vir de questões intelectuais, emocionais, espirituais ou volitivas. Em seu livro *In Two Minds* (Com a Mente Dividida), Os Guinness escreve o seguinte:

> A palavra latina para dúvida, *dubitare*, vem do radical indo-europeu que significa "dois". Acreditar é estar "em uma disposição" quanto a aceitar algo como verdadeiro; desacreditar é estar "em uma disposição" quanto a rejeitar isso. Duvidar é oscilar entre os dois, acreditar e duvidar ao mesmo tempo, e assim estar "com a mente dividida".[9]

A dúvida pode ser uma forma de inconstância, sempre oscilando de um lado para o outro entre a crença e a descrença. Muitas pessoas reconhecem isso como algo que desejam evitar. O papel da apologética pode ser ajudá-las a chamar a atenção para as razões de sua incerteza e tomar uma decisão com base nos fatos.

Segundo, se a dúvida é incerteza quanto aos fatos ou falta de preparação para dar um passo de fé baseado em fatos, então a solução para a dúvida começa com *evidências* — responder às questões e apurar o nível de certeza que os fatos fornecem. Voltando à ilustração da piscina — se eu fosse convencido por uma preponderância de boas evidências de que havia água na piscina, então minhas dúvidas seriam eliminadas, e eu poderia escolher entre pular ou ficar na margem. Eu poderia verificar os fatos antes de decidir pular; a evidência poderia ser que observei a linha da água a quase dois metros, medi a profundidade com uma longa vara, vi outros nadadores na piscina, vi alguém pulando, molhei o dedão, etc.

Os cristãos que não entendem o papel da apologética freqüentemente se comportam como um homem tentando convencer um amigo a pular em uma piscina — a menos que o amigo acreditasse que a piscina está vazia! Muitos não-crentes sentem-se aliviados por saberem que podem processar suas dúvidas antes de pular; na verdade, dúvidas sobre a evidência e a decisão de pular podem ser tratadas como questões separadas. A evidência apresentada nesse livro (e em outros semelhantes) pode ser o melhor ponto de partida para que uma pessoa fique na margem da piscina.

Depois da ressurreição de Jesus, o discípulo com menos certeza quanto a este fato foi Tomé. Ele duvidou, mas sua dúvida, no fim, o levou a confessar a Jesus como "Senhor meu, e Deus meu" (Jo 20.28). Tomé estava disposto a expressar incerteza sobre os fatos — "Se eu não vir... de maneira nenhuma o crerei" (v. 25). Mas o que parece dúvida às vezes é fé em meio a um processo — "Se eu não vir... de maneira nenhuma o crerei" também pode significar "Se eu vir, acreditarei". A fé, em geral, é mais forte quando chega pelo vale da dúvida. Tomé foi recompensado com uma aparição particular de Jesus e um convite para verificar as feridas no corpo do Mestre — "Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos. Chega a tua mão e põe-na no meu lado" (v. 27). Jesus estava presenteando Tomé com a evidência de que precisava para acreditar. Algumas vezes, ver é acreditar! Os não-crentes precisam ser tratados como genuínos "Tomés" duvidosos. Ao mesmo

tempo, devem ser desafiados a admitir: "Se eu vir, acreditarei". Nós os encorajamos a fazer uma oração como esta: "Deus, se tu existes (e eu ainda nem sei se existes), e se Jesus é o seu Filho (e eu ainda nem sei se Ele o é), perdoe meus pecados e envie o Espírito Santo para habitar em mim (e eu ainda nem sei se podes). Por favor, revele-se a mim e me guie a ti". Tenho estimulado centenas de incrédulos a fazerem essa oração e depois me alegro com eles quando passam a confiar em Jesus Cristo. Sei que Deus honra esse tipo de oração; eu mesmo fiz essa oração quando era um jovem agnóstico, depois de ler o livro *Cristianismo Puro e Simples*, de C. S. Lewis.

Terceiro, a dúvida também pode ser uma ausência de fé cuja solução é um compromisso de acreditar. A dúvida contínua à luz do conhecimento dos fatos é freqüentemente revelada como uma simples relutância em crer. Como alguém afirmou, "Deus com freqüência não pode ser encontrado pela mesma razão que um ladrão não pode encontrar um policial — ele não está procurando!" Para voltar à analogia da piscina, ainda posso escolher não pular apesar das evidências de que a piscina está cheia. Isso ilustra a diferença entre dúvida como uma ausência de fatos (cuja solução é a evidência) e dúvida como uma ausência de fé (cuja solução é *uma decisão de acreditar*).

Existe um elemento volitivo para a fé. Jesus dirigiu-se a Tomé depois de apresentar a evidência dizendo: "Não sejas incrédulo, mas crente" (Jo 20.27). Tomé dissera: "Se eu não vir... de maneira nenhuma o crerei" (ver é crer), mas depois de apresentar os fatos, Jesus essencialmente falou: "A menos que você creia, não verá" (crer é ver). A verdade é que não podemos ver aquilo em que não queremos acreditar. Se Tomé tivesse se recusado a crer nesse ponto, teria revelado que não era *incapaz* de acreditar, mas *não estava disposto* a acreditar; sua falta de fé não era mais incerteza ou dúvida honesta, mas descrença. C. S. Lewis comenta em seu livro *Cristianismo Puro e Simples* que ninguém jamais poderia aprender que dois mais dois são quatro caso se aproximassem desse fato relutantes em acreditar, mas esperando desmascará-lo. A fé é como a confiança — deve ser colocada em prática até que se torne real.

A apologética como ferramenta de evangelismo deve levar a uma clara apresentação do evangelho. Além disso, a única cura para a cegueira não é a informação sobre a *possibilidade* de enxergar, mas a própria visão! David Watson faz uma declaração similar em seu livro *My God Is Real* (Meu Deus É Real):

> A menos que nasçamos de novo, não podemos ver o Reino de Deus. Certa vez um homem fez um discurso em cima de um caixote na Hyde Park Corner, proferindo escárnios sobre o cristianismo. "As pessoas me dizem que Deus existe, mas não posso vê-lo. Também me dizem que existe vida após a morte; mas não posso vê-la. As pessoas me dizem que existe céu e inferno, mas não posso vê-los..." Ele ganhou alguns aplausos e desceu de seu "púlpito". Uma outra pessoa subiu no caixote com dificuldade. "Dizem que há grama verde ao meu redor, mas não posso ver. Dizem que o céu é azul, mas não posso vê-lo. Dizem que existem muitas árvores aqui por perto, mas não as vejo. Como você pode perceber, sou cego!"[10]

Finalmente, é importante enfatizar aos não-crentes que algumas dúvidas são processadas melhor no contexto de um relacionamento com Deus. Às vezes, os incrédulos irão se apegar à visão de que eles não podem tomar uma decisão para crer diante de quaisquer dúvidas. Essa noção, no entanto, ignora a verdade central de que o cristianismo é um *relacionamento* com Deus, não uma religião. Por exemplo, se vejo minha esposa indo a um restaurante para almoçar com outro homem, posso questionar por que ela faria isso sem me contar — e, naturalmente, eu perguntaria quem era ele! Alguns maridos duvidariam da fidelidade das esposas. Mas o nosso relacionamento é tão sólido que eu não ficaria aborrecido com essas dúvidas nem permitiria que elas interferissem em meu relacionamento. Eu iria à fonte e perguntaria à minha esposa, que esclareceria tudo para mim. E, na verdade, o homem era seu primo distante que chegara à cidade inesperadamente. Eu teria solucionado minhas dúvidas com os fatos e fortalecido meu relacionamento.

A dúvida dissipada com uma boa comunicação no contexto de um relacionamento de amor é a chave para um casamento sólido, bem como para uma fé intensa — mas primeiro devo entrar no relacionamento. Entrei no casamento ao responder "sim" à pergunta "Você aceita essa mulher como sua legítima esposa?" Entrei no relacionamento com Cristo respondendo "sim" à pergunta "Você aceita esse Deus-homem como seu Senhor e Salvador?" Uma vez mais, a apologética efetiva prepara o caminho para a verdade do evangelho.

Da mesma forma, o pastor ou líder de igreja como um apologista precisa ter o cuidado de não levantar mais dúvidas do que pode responder ou de falhar na abertura de um caminho à cruz! Por exemplo, se fosse meu trabalho convencê-lo de que minha esposa deu à luz uma menina em 1993, eu poderia fornecer todos os tipos de evidên-

cias para alcançar meu objetivo — fotos de minha esposa antes e durante a gravidez, a ultra-sonografia comprovando que era uma menina, recibos da maternidade, registros hospitalares de que ela esteve na ala da maternidade e uma cópia da certidão de nascimento. Eu também poderia apresentá-lo a testemunhas — o médico e as enfermeiras que ajudaram Fiona a nascer — e deixar que você conversasse com meus parentes na Escócia, para quem telefonamos horas depois do nascimento a fim de contar-lhes a notícia. Você poderia descartar cada uma dessas evidências (a certidão de nascimento pode ser uma falsificação, as testemunhas podem estar mentindo, etc.), mas as evidências consideradas como um todo, provam sem sombra de dúvida que minha filha nasceu. Igualmente, embora nenhum argumento isolado convencerá um não-crente da existência de Deus, o valor das evidências o levarão a concluir que Deus existe.

Ao tentar defender minha afirmação, porém, posso omitir o argumento individual mais convincente e provar que minha esposa deu à luz uma menina em 1993 — posso apresentá-lo a Fiona hoje! A maior descoberta que um não-crente pode fazer não é apenas que Deus é *real*, mas que Ele *realmente* deseja nos conhecer. O pastor que espera que todos os argumentos sejam estabelecidos antes de partilhar o evangelho faz um desserviço à apologética. Não estamos debatendo sobre um conjunto de fatos, mas sim discorrendo sobre os fatos para que um relacionamento possa começar com o Cristo vivo que pode, pelo seu Espírito, entrar na alma humana e conceder a dádiva da vida eterna!

E QUANTO AOS TEMPOS DIFÍCEIS?

Sofrimento, provações e tragédias também parecem oferecer uma barreira à fé, e alguns não-crentes deixarão a fé em Deus por causa de algum dano que entendem como vindo da mão de Deus. Uma resposta pastoral instruída com uma boa apologética pode tratar das barreiras emocionais e espirituais à fé que encontra expressão popular em frases como: "Depois disso, não consegui mais acreditar em Deus", ou "Foi quando perdi minha fé". Um bom aconselhamento pastoral significa saber como lidar com tais comentários de incrédulos e aproveitar a oportunidade para apresentar o evangelho.

A primeira idéia a ser estabelecida é que somos *seres espirituais* e, assim, precisamos interpretar nossas circunstâncias à luz de realidades espirituais. Teilhard de Chandin, um paleontólogo e filóso-

fo francês (1881-1955), disse certa vez: "O homem não é primeiramente um ser físico com uma experiência espiritual, mas um ser espiritual com uma experiência física". Essa verdade é vital quando se busca convencer aqueles que têm algum ressentimento em relação a Deus.

Um homem que começou a freqüentar nossa igreja há pouco tempo telefonou-me marcando um encontro. Ele era um trabalhador dedicado, com trinta e nove anos de idade, pai de dois filhos, e que recentemente recebera um diagnóstico de que estava com um câncer no cérebro que não podia ser operado ou tratado. Ele pretendia "encontrar a religião" em meio a sua tragédia. O problema é que todo padre, pastor, terapeuta ou conselheiro com quem conversava (e ele falou com vários) formavam a idéia de que o câncer era o maior problema na vida dele e o aconselhavam a lidar com a raiva. Ele insultava a Deus enquanto eu ouvia, e ficou em silêncio quando lhe falei que a maior questão que ele precisava enfrentar em sua vida não era a tragédia do câncer, mas sua necessidade de um relacionamento com Deus — não importando quão difícil isso fosse! Eu o lembrei do seguinte: "Você não é primeiramente um ser físico tentando ter uma experiência espiritual, mas um ser espiritual passando por uma experiência física. Sua experiência física é trágica e muito difícil de se lidar, mas você não teve escolha — ter câncer ou não. No entanto, você tem uma escolha em relação à sua experiência espiritual. O que Deus deseja lhe oferecer é a vida eterna — uma qualidade de vida que somente Ele pode lhe dar, uma vida que pode começar aqui e continuar para sempre — e é sua escolha receber ou não esse presente de Deus. Você não pode culpá-lo por uma experiência física insatisfatória quando essa mesma experiência chama sua atenção para que Ele possa oferecer-lhe uma experiência espiritual eterna e satisfatória".

O homem rapidamente admitiu que nem uma vez em todos os aconselhamentos que procurou fora desafiado a pensar desta forma. Nos poucos minutos em que lhe falei acerca do evangelho, ele confessou seus pecados e pediu que Cristo se tornasse o Senhor do que restava de sua experiência física aqui na terra. Alguns meses depois, conduzi seu funeral. Em meio a tanta tristeza, tive o privilégio de lembrar sua família e seus amigos de que, com base nas palavras de Jesus em João 5.24, ele não havia passado da morte para a vida um dia antes de seu funeral, quando sua experiência física chegou ao fim, mas alguns meses antes do funeral, quando

sua experiência espiritual alcançou uma nova dimensão e ele recebeu a dádiva da vida eterna.[11]

Uma outra barreira a acreditar é a idéia de que alguma tragédia ou provação resulta em alguém perder sua fé. A verdade é que tragédias e provações podem edificar nossa fé ou revelar nossa falta de fé, mas raramente nos farão perdê-la.[12] Muitos que pensam que perderam a fé estão descobrindo, na verdade, que nunca exercitaram a fé. Antes de um navio recém-construído ser lançado, passa por testes no mar — uma tempestade é essencial para um teste efetivo. O propósito dos testes não é destruir o navio, mas revelar qualquer defeito que interfira em sua boa condição de navegação. Uma construção recebe um certificado de conclusão depois de testes extensivos em sua rede elétrica, aquecimento, ventilação e sistema de ar-condicionado, bem como na parte hidráulica, elevadores e outros equipamentos. A construção não perde sua adequação para ser ocupada; em vez disso, os testes revelam se está adequada em primeiro lugar. Do mesmo modo, quando Deus nos prova, não podemos perder aquilo que nunca tivemos. Os testes não nos fazem perder a fé; eles revelam nossa fé ou sua ausência. É mais fácil persuadir os não-crentes a abraçarem algo que nunca tiveram antes (a fé real) do que tentar ajudá-los a receber de novo algo que "perderam", o que, na verdade, era uma falsa esperança e uma deficiência.

Os não-crentes com freqüência se referem a terríveis tragédias que aconteceram aos outros (por exemplo, o Holocausto, guerras e os ataques terroristas de 11 de setembro) e comentam: "Não posso acreditar na bondade de Deus depois de acontecimentos como esses". Costumo contra-argumentar dizendo: "Não posso acreditar na bondade dos homens depois de acontecimentos como esses! Não é a fé em Deus que eu perco quando tragédias acontecem; é a fé nos homens. A solução de Deus é o único antídoto para as más escolhas dos homens".

Lembro-me da história de um sábio pastor aconselhando um jovem estudante universitário insensato que declarou: "Decidi que não posso e não acredito em Deus!" O pastor replicou: "Então descreva o Deus em quem você não acredita". O estudante continuou expondo suas dúvidas e acusações contra Deus. Quando terminou, o pastor lhe respondeu: "Bem, estamos no mesmo barco. Eu também *não acredito* nesse Deus".

Fervendo sob a superfície dessas questões quentes está a questão relacionada ao fato de as tragédias serem ou não uma forma de Deus lidar conosco. Jesus respondeu à concepção errônea de que

aqueles atingidos pela tragédia eram necessariamente piores pecadores ou mais culpados do que aqueles que não sofriam (ver Lc 13.1-5). Ele também lembrou a seus ouvintes que, mais importante, todos precisavam se arrepender, ou também certamente pereceriam — um exemplo de ensinamento de Jesus aos seus seguidores de que a experiência espiritual era mais importante do que a experiência física. Olhamos para trás por uma causa ou explicação, enquanto Jesus olha adiante por um propósito. Em uma ocasião semelhante, quando os discípulos perguntaram quem havia pecado para que o homem fosse cego de nascença, Jesus replicou: "Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus" (Jo 9.3).

Mesmo os crentes precisam ser encorajados quando são atingidos por uma terrível tragédia, a fim de não se esquecerem do que é a fé verdadeira. Fé não é ter as respostas para o nosso sofrimento (o livro de Jó nos ensina isso!). Fé é *confiar em Deus apesar de nosso sofrimento*. Várias vezes eu aconselhei cristãos maduros que enfrentaram o divórcio, perdas ou outras provações e, em seu desencorajamento — até mesmo a depressão — duvidaram de todas as verdades que uma vez sustentaram com tanta dedicação. Alguns questionam o porquê de estarem enfrentando provações. De maneira nenhuma devemos minimizar a grande dor e aflição que estão sofrendo nesta vida, mas em vez disso devemos dizer-lhes que, como Larry Crabb declarou, "encontrar a Deus nesta vida não significa construir uma casa em uma terra onde não haja tempestades; ao contrário, significa construir uma casa que nenhuma tempestade pode destruir".[13]

Outras pessoas são dominadas pela dor ou pela aflição, e não conseguem reconciliar suas circunstâncias com o que acreditavam anteriormente sobre Deus. Com freqüência elas sentem-se confusas, achando que não podem ser melhores testemunhas ou não serem mais capazes de fornecer respostas àqueles que estejam enfrentando provações similares. Elas estão presas no presente como se este fosse o futuro; embora a fé seja "o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não vêem" (Hb 11.1). Muitas vezes pergunto a esses crentes: "Supondo que Deus o ajuda em meio a essas provações, e supondo que você passa por isso sendo confortado por Deus, você estaria disposto a confortar outras pessoas com o que tem aprendido?"[14] Quase todos respondem: "Sim!" Isso também é fé.

A verdade é que todo o mundo pode escolher ser fortalecido pela fé ou enfraquecido pela dúvida em meio ao sofrimento. Muitos concordarão que, como afirma um velho ditado, "quando o relógio funciona bem, nos esquecemos do relojoeiro". Segundo C. S. Lewis, a dor é o megafone de Deus para um mundo surdo".[15] Quando sofremos, os efeitos do pecado, tanto quanto as dúvidas intelectuais, nos colocam contra Deus em vez de nos aproximar dEle. A resposta final à questão do sofrimento é a cruz. Tanto quanto gostaríamos de perguntar: "Por que Deus permite o sofrimento?", nosso real problema é o pecado, e nossa real questão deveria ser: "Por que Deus permitiu que Jesus sofresse na cruz?"

CONCLUSÃO

Quando se trata do ministério da apologética na igreja local, o pastor e outros líderes devem conhecer e mostrar o caminho. Eles devem guiar a igreja pela convicção e pelo exemplo em ajudar as pessoas a responderem a questões difíceis sobre a vida. Ao ensinar e liderar, devem preparar os crentes para fornecerem respostas racionais. Devem ajudar os não-crentes a ver que questões de significado, dúvidas e sofrimento podem ajudá-los a deixarem de perguntar a Deus: "Como posso saber que você existe?" para perguntarem: "Como posso conhecê-lo?" O pastor que ignora o papel da apologética para lidar com essas questões se encontrará oferecendo compaixão sem convicção e alívio sem o conforto maior de conhecer a Deus; ele deixará seus ouvintes encalhados em um mar de dúvidas e perderá oportunidades de partilhar o evangelho. As palavras do apóstolo Paulo a Timóteo servem como uma forte lembrança para os pastores:

> Conjuro-te, pois, diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu Reino, que pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina. Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas. Mas tu sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faze a obra de um evangelista, cumpre o teu ministério.
>
> *2 Timóteo 4.1-5*

Questões para Reflexão e Debate

1. Qual é a base bíblica para o uso da apologética no ministério da igreja local?
2. Por que a existência de Deus é a melhor resposta para alguém em busca do significado da vida?
3. De que maneiras diferentes podemos entender e responder dúvidas expressas pelos não-crentes?
4. Como deveríamos responder àqueles que acreditam que alguma provação ou sofrimento obstruíram sua fé?

Capítulo 5

Flechas e Espadas na Igreja

Ravi Zacharias

O pai da Igreja Primitiva Orígenes, em seu comentário acerca do Salmo 36, fez esta observação:

> Todos que falam de Cristo, ou seja, todo homem justo e pregador que transmite a Palavra de Deus para trazer os homens à salvação — e não apenas os apóstolos e profetas — podem ser chamados de uma flecha de Deus. No entanto, o que é triste... vejo pouquíssimas flechas de Deus. São poucos os que ao falarem inflamam o coração do ouvinte, afastam-no do pecado e convertem-no ao arrependimento. Poucos falam que o coração do ouvinte está profundamente convicto e seus olhos, chorando de contrição. Há poucos que revelam a luz da esperança futura, a maravilha do céu e a glória do Reino de Deus, para tal efeito, por meio de sua sincera pregação, serem bem-sucedidos na persuasão de homens a fim de desprezarem o visível e buscarem o invisível, de rejeitarem o temporal e buscarem o eternal. Existem poucos pregadores dessa dimensão.[1]

A descrição visa a referir-se ao evangelista como uma "flecha" de Deus. Porém, eu gostaria de saber: Se Orígenes estivesse vivo hoje, ele lamentaria a escassez de esforços ou a dureza da tarefa? Não tenho dúvidas de que, em algumas partes do mundo, o chamado e até a possibilidade de atender ao chamado é incomum. Mas onde há uma abundância de esforços, mais vejo um desafio de como alcançar melhor eficácia na transmissão da mensagem do evangelho do que a

ausência de oportunidade para transmiti-la. A questão é importante. Como alguém prega o evangelho ao longo de uma vida e conserva o frescor da mensagem? Enfrentar esse desafio apresenta disciplinas extraordinárias.

Porém em um sentido real, essa dificuldade não é de todo nova. C. S. Lewis, em sua obra *Cartas do Diabo ao seu Aprendiz*, mostra o demônio sênior aconselhando o demônio júnior sobre como fazer o ouvinte se cansar do evangelho: "Trabalhe em sua aversão à 'mesma coisa antiga'. A aversão à 'mesma coisa antiga'", diz o demônio sênior, "é um dos sentimentos mais valiosos que produzimos no coração humano".[2]

Essas são palavras sensatas. Quando as Boas Novas tornam-se notícias monótonas, como alguém pode mexer com emoções sem mudar as notícias? Minha esposa conta de um tempo quando ela e suas irmãs ainda eram bem jovens e viajaram de férias com seus pais. Certo domingo, elas estavam em uma igreja que não lhes era familiar, mas apesar disso, assistiram à Escola Dominical. O professor começou a aula com uma dramatização, dando algumas dicas acerca do personagem sobre quem falaria. E então, com grande melodrama e muitos gestos, em um tom de "segredo", ele perguntou: "E adivinhem quem é?" Todos ficaram em silêncio, e ele rapidamente falou: "O apóstolo Paulo!" A irmã mais nova de minha esposa suspirou: "Ele de novo!" Ela tinha certeza de ter viajado para um lugar longe o bastante para ainda ser "perseguida" pela "mesma velha história".

Além do humor de sua reação, ela deu uma indicação de como a mente humana lida com a familiaridade. Quantas vezes nós mesmos, como pregadores, perdemos a força da mensagem apenas porque a ouvimos com freqüência! A aversão à "mesma coisa antiga" é a tendência crônica da mente que tira da gloriosa mensagem que nos conduz a Cristo e reduz a mensagem a ponto de parecer não ter valor.

O DESAFIO LEVADO A NÍVEIS MAIS ALTOS

Não é difícil entender o curto período de vida de escravidão para uma criança. Mas o perigo de mentes sofisticadas atacando a relevância da verdade bíblica é um problema mais sério. Algum tempo atrás, eu estava lendo um artigo de Arthur Peacocke, um renomado erudito da Oxford University. Peacocke dirige o programa interdisciplinar no estudo de religião relacionada à ciência. Ele é um professor altamente respeitado, que recebeu o Prêmio Templeton por Religião, e com

freqüência fornece um material conceituado para os interessados nesta área. No artigo, ele censurou a igreja quanto à natureza de sua mensagem e proclamação. Porém, de modo surpreendente, em uma conclusão lamentável, ele apelou à igreja para que mudasse não só sua abordagem de um paradigma, mas também a mensagem do evangelho. Ele fez a seguinte observação:

> Para ser evangélica de fato, a igreja do próximo milênio precisará de uma teologia que, necessariamente, terá de ser liberal, de modo genuíno, e até radical, em particular quanto a sua relação com uma visão de mundo modelada pela ciência. Para a teologia cristã ter qualquer viabilidade, pode muito bem ter de ser desprovida de princípios básicos concebidos recentemente, minimalistas em suas afirmações; somente então alcançará aquele grau de verossimilhança com respeito às realidades *finais* que a ciência tem como *naturais* — e impor respeito como um veículo de verdade pública.[3]

Alguém pode se maravilhar diante de uma asserção tão impassível que, na verdade, nega o caráter sobrenatural da mensagem de Jesus Cristo. Pense sobre a missão para a qual Ele nos chamou: uma teologia cristã "desprovida de princípios básicos concebidos recentemente, minimalistas em suas afirmações". Como é ridículo alguém possuir habilidades reflexivas tão soberbas para reconfigurar a fé cristã como algo para ser manufaturado em vez de reconhecê-la como uma revelação de Deus em sua Palavra. Tenho uma notícia para este erudito: O que ele deseja é um cristianismo que não é bíblico e que perde a própria razão de sua força.

A implicação do argumento de Peacocke é que o homem chegou a uma fase em que não pode mais "comprar" alguns dos itens básicos da mensagem do evangelho. Ele está errado, muito errado, mas filosófica e empiricamente. Se fôssemos encarar a verdade, quanto mais os finais irresponsáveis a que o espírito humano tem descido — enquanto se gaba das conquistas intelectuais — mais vemos quão empobrecida está a condição humana. Esse erudito faria muito bem se relembrasse a advertência oferecida pelo notável jornalista inglês Malcom Muggeridge: "Toda nova notícia é uma velha notícia acontecendo com pessoas novas".

E assim, entrando nessa situação humana antiqüíssima de construir reinos na terra, Jesus trouxe uma diferente e dramática — embora radical — resposta às necessidades do coração humano. Sua resposta

é um mistério para nós porque estamos subjugados pela cegueira espiritual e seduzidos pelos ídolos feitos por nós mesmos, jogando a partida final de nos iludir pensando que estamos progredindo. Só existe um antídoto para nossa situação — a demonstração gloriosa de Deus trabalhando na alma humana, trazendo sua obra de restauração e nos preparando para vivermos em prol do Reino de Deus. Tal transformação começa na cruz. A resposta de Deus foi um obstáculo naquela ocasião, e é um obstáculo agora. Somente se isso for entendido de modo apropriado e com seriedade é que sua beleza pode ser contemplada.

O PODER DA MENSAGEM

A essência do evangelho é a cruz de Cristo. A cruz permanece um mistério porque é estranha a tudo o que exaltamos — o "eu" acima do princípio, o poder acima da humildade, o jeito rápido acima do trabalho demorado, encobrir acima de confessar, fugir acima de confrontar, conforto acima do sacrifício, sentimento acima do compromisso, legalismo acima da justiça, o homem acima de Deus. Na cruz, uma dor sem par e o mal se encontraram, e, na cruz, um amor sem par e a justiça são encontrados. No amor e na justiça encontramos nosso lar moral e espiritual. Se nos concentrarmos em um dos dois, uma perversão inevitável acontece. Os ideais de liberdade, igualdade e justiça compreendidos isoladamente levam a ideologias com experiências covardes deixadas em seu rastro. Um amor ilimitado por qualquer senso de justiça requer compromisso sem responsabilidade. Na cruz de Jesus Cristo, a restrição da justiça foi encontrada e a generosidade do amor foi expressa.

O pastor que proclama essa mensagem singular por palavras e feitos torna-se a espada do Espírito — de fato, como Origen escreveu, uma "flecha de Deus" — trazendo uma perspectiva contrária a um mundo que se apega ao correto sem entender o errado. O pastor como evangelista, portanto, revela na clareza da proposta de Jesus e confia no poder regenerador do Espírito Santo de Deus. Esse é o nosso chamado e nossa comissão ao testemunharmos dEle. Em duas passagens notavelmente fortes, Deus contrasta seu Filho com dois eminentes proclamadores de sua verdade (veja Mt 12.38-42). O primeiro é Jonas, um profeta teimoso, que mesmo assim foi ouvido pelos ninivitas, o que resultou em um reavivamento nacional. O segun-

do é Salomão, cujas palavras carregavam uma sabedoria tão profunda que mesmo os pagãos vinham de todas as partes para ouvi-lo. Jonas e Salomão, dois grandes nomes no Antigo Testamento — embora saibamos que Jesus foi maior do que eles. Em Jesus, a mensagem e o milagre, a sabedoria e o poder, se combinam. Se os menores tiveram ouvintes, por que não carregaríamos o maior, para a salvação do mundo inteiro, e perceber que haverá uma audiência para essa verdade? Por meio de sua palavra e de seus feitos, Jesus é aquele que transforma o coração humano. Por nossa disponibilidade e pregação, que milagres maravilhosos de transformação poderiam ser realizados?

DEFININDO OS TERMOS

Quem é um evangelista? Alguém que "anunciará as Boas Novas de Deus em Cristo". Ainda que soe como algo trivial, o coração de Deus é o do evangelista. Ele não é apenas o tema das Boas Novas, mas anseia ver essa mensagem através da ação da voz humana penetrando com convicção no coração humano (ver Rm 10.14,15).

As palavras *euangelizomai* e *euangelizô* no Novo Testamento apresentam esse mesmo significado. Antes que o período do Novo Testamento terminasse, o termo *evangelista* era usado comumente, significando o obreiro cuja tarefa era anunciar as Boas Novas àqueles que não haviam ouvido ou crido. A palavra aparece em Atos 21.8, referindo-se a Filipe, o evangelista, e em Efésios 4.11. Vemos o papel específico relacionado como um dos dons que ajudam a constituir o Corpo de Cristo. Finalmente, em 2 Timóteo 4.5, encontramos a conhecida instrução de Paulo a Timóteo para fazer "a obra de um evangelista".

Sem dúvidas, a trabalho da Igreja Primitiva em relação ao evangelismo era rigoroso e exigente, e, para ajudar em sua realização, algumas pessoas foram divinamente selecionadas para se concentrarem no ministério. Também é importante observar que os "pastores e doutores" foram colocados ao lado daqueles que têm o dom de um evangelista, por esta razão, mantendo a distinção do ofício. É claro, pode-se argumentar que toda pregação deveria proclamar o evangelho, e nesse sentido o pastor como evangelista não é um papel separado e distinto, mas uma parte essencial do chamado pastoral. Ao atentarmos para este chamado, podemos conseguir um bom entendimento de como o papel do evangelista é desempenhado também pelo pastor.

Um ponto importante deve ser estabelecido no início: o evangelismo é feito não só na proclamação pública, mas também em conversas particulares. Esse fato com freqüência é negligenciado, e algumas pessoas podem ser particularmente suscetíveis a esse descuido quando se leva em consideração a pregação evangelística. Não vamos nos esquecer de nossa responsabilidade pessoal. O pastor, no entanto, tem a suprema responsabilidade na igreja local para certificar-se de que o evangelho é claro e distinto, e que é a razão da origem da igreja. Existem vários meios de assegurar que o evangelho seja divulgado.

A PREGAÇÃO COMO EVANGELISMO

O método que Deus estabeleceu para o evangelismo é a proclamação de sua santa Palavra. A exposição sistemática e regular das Escrituras fornecem o conhecimento necessário para que as pessoas considerem a verdade do evangelho e a instrução essencial para viver essa verdade. A palavra de Orígenes para evangelismo era *flecha*. A descrição de Deus para a sua Palavra é *espada* (veja Ef 6.17; Hb 4.12). Alguém pode querer saber por que esses termos militares são usados, mas se percebermos a hostilidade com que a Palavra freqüentemente é resistida e o Inimigo de nossas almas procura contrariá-la, fica claro que para a Palavra penetrar em nós deve-se conquistar fortalezas nas partes mais profundas de nosso ser. É a palavra acima de todos os poderes da terra, sobre a qual Martinho Lutero escreveu em seu hino "Castelo Forte", onde encontramos a seguinte estrofe:

> Se nos quisessem devorar
> Demônios não contados,
> Não nos podiam assustar,
> Nem somos derrotados.
> O grande acusador
> Dos servos do Senhor
> Já condenado está:
> Vencido cairá
> Por uma só palavra.

O poder eficaz da Palavra criando raízes na vida de uma pessoa traz entendimento e arrependimento. No processo da exposição sistemática, o texto em mãos provê a razão para a ênfase. Existe um fluxo natural de contentamento quando a Palavra de Deus é exposta linha por linha, preceito após preceito.

Na América do Norte, a abordagem evangelística algumas vezes é mal orientada em sua tentativa de "contar tudo" em um único sermão. De modo compreensivo, o evangelista carrega esse fardo porque sua tarefa é precisamente essa — apresentar o evangelho com sua unção singular e chamado particular, e, quase sempre, em um único sermão. Mas no papel pastoral, o tempo é um componente com um peso diferente. Tendo repetidas oportunidades para compartilhar o evangelho, algumas vezes o pastor pode estender-se em apenas um aspecto, sabendo que este é um fundamento para o restante. Se o evangelismo pode ser visto como a construção de uma ponte, e cada sermão como um palmo, então cada sermão não precisa ser a estrutura inteira.

Pode-se argumentar que a audiência não pode estar lá para a conclusão da ponte e, portanto, deveria ouvir toda a história um uma única ocasião. É claro que uma oportunidade pode ser concedida para considerações francas em cada apresentação, mas isso não é o mesmo que uma compreensão expositiva em todo sermão. Até Jesus esperou o momento apropriado antes de tratar das demandas da mensagem do evangelho. A verdade é que um coração precisa muito desse período preparatório antes que a semente seja plantada. Forçar todo texto a "contar tudo" não é uma exposição sábia.

Um de meus professores de Antigo Testamento durante o seminário foi abençoado não só com habilidades de excelente exposição e oratória, mas também com bastante carisma. Dentre suas frases descontraídas que permanecem em minha memória está uma que ele repetia várias vezes a cada semestre enquanto usava sua eloqüência para falar sobre a necessidade de voltar à pregação expositiva genuína: "Mantenha seu dedo no versículo". Com isso ele advertia o futuro pregador a não se desviar da passagem que estava sendo estudada. Embora esse lembrete fosse tão claro quanto um dia ensolarado, as nuvens negras do desânimo desceriam sobre o seminarista que terminasse seu sermão e se sentasse para esperar o veredicto do professor. O momento da verdade chegaria quando o professor subisse na plataforma, dirigisse seu olhar para a vítima humildemente assentada e dissesse: "Grande sermão; texto pobre". A acusação trazia angústia, indicando sem justificativas que as idéias que haviam sido expostas, embora maravilhosas, não emergiram do texto.

Todos os que apresentam o evangelho devem atender a advertência desse educador. Com freqüência, audiências estão sujeitas a uma

barragem de idéias que revelam mais os motivos de reclamações ou a preocupação do orador do que a intenção do texto. Qualquer texto sem o seu contexto corre o risco de tornar-se um pretexto. Quem não está familiarizado com uma atitude usada em reuniões de oração em que uma pessoa ora com o objetivo de ferir a consciência de alguém que está ao alcance da voz em vez de tocar o coração de Deus? Tão certo quanto estamos de que a intenção desse tipo de oração infelizmente é errada, podemos estar certos da idéia errônea de uma exposição que não tem nada a ver com o texto.

Na exposição sistemática da Palavra de Deus, o evangelho algumas vezes aparecerá em sua plena floração, e em outras vezes, como uma semente. Em algumas tradições em que o plano de pregação segue o "calendário cristão", existe um período legítimo do ano quando a memória de uma "verdade na estação" é trazida à tona. A falta de um sistema promove preconceito e desequilíbrio. Por esta única razão, a grande tarefa da exposição deve ser um dom altamente valorizado e nutrido, praticado com toda a Escritura Sagrada, a fim de que a mensagem de Deus seja ouvida e estimada.

PREGANDO AO CÉPTICO

Quando alguém estuda os maiores expoentes da pregação evangelística nas Escrituras, o apóstolo Paulo permanece como o exemplo fundamental de como passar por linhas culturais e tendências filosóficas sem comprometer a mensagem. Fiquei a par disso há algum tempo, durante uma visita à Grécia. Até hoje, ao pé da colina de Marte está uma placa de bronze com as palavras de Paulo dirigidas aos estóicos e aos epicureus, transmitidas a nós em Atos 17. Paulo começa com a seguinte declaração:

> Varões atenienses, em tudo vos vejo um tanto supersticiosos; porque, passando eu e vendo os vossos santuários, achei também um altar em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Esse, pois, que vós honrais não o conhecendo é o que eu vos anuncio.
>
> *Atos 17.22,23*

O ponto de partida de Paulo foi o pensamento de seus ouvintes; e embora seu objetivo fosse expor a falha intelectual deles, começou afirmando a fome espiritual que sentiam. Passo a passo, Paulo prosseguiu da necessidade deles para o único que é onisciente — Deus con-

forme revelado em Cristo. Apenas Cristo era a resposta tanto para os fracos quanto para os fortes. Paulo estava bem ciente do contexto, e, com uma relevância que constrange, aplicou a verdade do evangelho e conquistou ouvintes. Alguns homens e mulheres influentes assumiram um compromisso com Cristo naquele dia, e a igreja foi estabelecida em Atenas com bases sólidas. Na verdade, alguém pode se surpreender ao ver o nome da principal rua na colina de Marte. Ela é chamada de "Dionísio, o Areopagita", que se entregou a Cristo no final da mensagem de Paulo. Dois mil anos depois, a colina e a rua permanecem como um tributo à mensagem e àqueles que a receberam.

De Atenas, Paulo foi a Corinto, um cenário totalmente diferente. O estudioso do Novo Testamento William Barclay observa que Corinto era uma cidade perversa: "A própria palavra *korinthiazesthai*, viver como um coríntio, havia se tornado parte da língua grega, e significava viver embriagado e na imoralidade". A palavra *coríntio* entrou na língua inglesa para descrever nos períodos de governo provisório "um dos jovens ricos que viviam de modo despreocupado e descomedido".[4] Qualquer leitor das Epístolas de Paulo aos Coríntios está familiarizado com a lista de vícios, terminando com as palavras: "E é o que alguns têm sido" (1 Co 6.11). Mas alguém imediatamente é detido pelas palavras iniciais de Paulo: "E eu estive convosco... A minha palavra e a minha pregação não consistiam em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração do Espírito e de poder" (1 Co 2.3,4).

Enquanto fiquei em Corinto, fui dominado completamente pela mensagem de Paulo. Ali, em uma placa de gesso, estavam gravadas as poderosas palavras de 1 Coríntios 13, possivelmente a maior exposição já escrita sobre o amor. Como Paulo aplicou a verdade do evangelho a um povo tão depravado? Isso é fácil de se ver. Sobre as ruínas da antiga Corinto está o que restou do templo de Afrodite, a deusa do amor sensual. Esse templo abrigava milhares de prostitutas que exibiam suas ofertas a cada noite diante da insaciável paixão dos coríntios. Paulo contrastou essa expressão vulgar de amor com a pureza e a beleza do amor de Deus, que se regozija com a verdade e é eterno em sua natureza. Com uma força capaz de atrair a atenção essas palavras mantêm os leitores cativos hoje, expondo a grandeza do amor e prendendo a imaginação quando lidas no contexto da maior necessidade de Corinto.

Ao refletir bastante sobre a abordagem de Paulo, logo pude ver a potência da verdade quando transmitida pela estrutura do pensamento

e da vida de alguém. Paulo teria cometido um terrível erro se tivesse chegado aos coríntios como chegou aos atenienses, armado com lógica e argumentos. Em Atenas foi uma batalha da *mente* — filosofia. Mas em Corinto foi uma batalha para o *corpo* — sensualidade. Todavia, existe uma conexão — de fato, uma conexão inextricável. Tanto a mente quanto o coração dos ouvintes devem ser tratados de forma que possam ser preparados para se renderem ao evangelho. Porém, não vamos perder o foco. O caminho até o coração em cada cidade teve um ponto de partida diferente no evangelho, o que culminou em uma aplicação particular. Em outras palavras, existe um grande perigo em supor que uma abordagem sirva para todos. A compreensão e o arrependimento são frutos da pregação expositiva que é apropriada para a aplicação pessoal ou mesmo nacional.

A ABORDAGEM BÁSICA PARA A PROCLAMAÇÃO

Observando o método de Paulo, vejo claramente quatro componentes necessários em sua pregação evangelística que devemos ter em mente quando estivermos pregando — identificação, tradução, persuasão e justificativa.

O Primeiro Passo Crucial

A *Identificação* é aquele esforço que funciona em todos os sentidos para o comunicador. Ele deve ser capaz de se identificar com o paradigma do ouvinte, assim como o ouvinte deve ser capaz de se identificar com os elementos que estão sendo apresentados pelo pregador. Muita coisa é perdida por causa do preconceito ou do equívoco, de tal modo que, freqüentemente, o que é rejeitado pelo ouvinte não é o Cristo bíblico, mas um cristianismo que não tem qualquer semelhança com o Jesus que é proclamado.

Há pouco tempo, visitei um mosteiro na região mediterrânea onde, durante séculos, um grupo de monges viveu em cavernas, passando a vida em solidão e orações. Quando fomos conduzidos pela biblioteca deles, pudemos ver que toda a literatura que tinham permissão para ler, era diretamente das Escrituras ou de seus santos. Havia, no entanto, uma cópia de uma das obras de Aristóteles, mas estava vinculado a um perigo. No período medieval, passava-se arsênico em cada página desse tipo de livro, a fim de que se um monge o pegasse para ler, quando umedecesse

o dedo na língua antes de virar a página, a cada toque o arsênico entrasse na corrente sangüínea. Em pouco tempo, o monge caía morto "por ter ingerido o conhecimento secular". Tão bem-intencionados como são esses monges, ao tentar falar a Deus sobre a humanidade, eles perderam a habilidade de falar à humanidade acerca de Deus.

Que diferença em relação à abordagem do apóstolo! Paulo conhecia as idéias que formavam sua audiência e sabia muito bem como aproveitá-las para ter vantagem em prol do evangelho. Conhecer a audiência é de importância vital para o pastor. Deste modo, acrescento à prescrição: "Mantenha seu dedo no texto" o seguinte conselho: "e seus ouvidos na audiência". Ignorar a audiência pode induzir à seguinte acusação: "Grande sermão; multidão errada". Identificação é o primeiro passo crucial.

Da Fala à Comunicação

A *tradução* dá um passo à frente ao colocar a mensagem atemporal de Deus em uma linguagem adequada. Paulo sabia que precisava de uma tradução das idéias de sua visão de mundo para a deles. Há alguma diferença em nosso tempo? Por exemplo, até uma palavra grandiosa como *salvação* carrega uma idéia limitada para aqueles que não entendem a amplitude que a salvação traz. A salvação não virá apenas quando se morre; é herdada imediatamente.

A mensagem de Jesus à mulher no poço foi traduzida de seu aspecto teológico diretamente para onde a mulher vivia (veja Jo 4). Em sua conversa, Ele sistematicamente a levou do passado para o presente, do próximo para o pessoal. Seu relato admirado ao povo foi que Ele sabia tudo sobre ela (veja Jo 4.29).

João, o escritor de Apocalipse, usou essa mesma abordagem de tradução quando redigiu a mensagem à igreja de Éfeso: "Eu sei as tuas obras" (Ap 2.2). A tradução é responsável pelas palavras e conceitos que não criam falhas, mas constroem pontes.

Da Comunicação ao Convencimento

A *persuasão* é o componente que prende o ouvinte com um interesse inescapável, pela qual uma pessoa começa a ouvir sentindo uma necessidade. Com freqüência, é a ilustração ou a história que leva o ouvinte a fixar sua atenção. Pode-se dizer em qualquer sermão quando ocorre esse

momento. Essa persuasão não deve ser confundida com a persuasão que somente o Espírito Santo pode trazer. Mas estou convicto de que nesse passo o Espírito de Deus pega a verdade do que é dito e fixa no coração do ouvinte. Ilustrações desse tipo são abundantes em quase todos os ouvintes que respondem ao apelo no final da mensagem.

Do Convencimento à Conclusão

O último passo é a *justificativa* — por que aquilo que foi falado é verdadeiro ou falso. A referência de Paulo à ressurreição é clara neste aspecto em sua mensagem aos atenienses (veja At 17.31). O testemunho de Jesus por meio de sua vitória sobre a morte é a prova definitiva de que Ele era quem afirmava ser. Então, isso nos conduz logicamente ao convite a arrepender-se e a confiar no perdão e na vida que a mensagem de Cristo nos oferece.

O pastor tem esse privilégio em público e em particular de desenvolver a mensagem de modo sistemático e relevante. Porém é aqui que o privilégio do pastor ultrapassa o do evangelista. Da pregação evangelística ele pode ir para o próximo passo.

A MÚSICA COMO EVANGELISMO

A proclamação é uma forma de evangelismo que o pastor usa para alcançar os perdidos. Um modo complementar de evangelismo é a música. Letra e música combinadas de maneira eficaz para alcançar uma geração que pensa com suas emoções. É fundamental entender isso.

Quando a música dá voz aos conflitos enfrentados pelas pessoas que estão nas igrejas, o pregador recebe a "permissão" dos ouvintes para aprofundar o assunto e tratar do verdadeiro problema: nosso pecado e a santidade de Deus. Não é que o pastor deva colocar em evidência no púlpito o tema do pecado. Em vez disso, os ouvintes é que colocam esse tópico em evidência e que quase sempre não reconhecem sua condição pecaminosa até que o clamor de seu coração e de sua mente seja tratado em uma mídia que elas sejam capazes de ouvir.

Minha experiência pessoal testifica as impressões gravadas em minha consciência pela música. Lembro-me de uma ocasião em minha dócil adolescência quando me sentei na sala de minha casa em Nova Délhi, Índia, entre o mundo monótono de meu livro de Física em meu colo e a música do rádio em meus ouvidos. Nesse estado da mente "entre dois

mundos", fui cativado de repente pelas emoções de uma canção que parecia o eco dos conflitos em meu coração. A estranha mistura de canção oriental ao fundo com o barítono incisivo do cantor, um ocidental, transmitia um senso de universalidade à angústia evidente que impregnava cada verso e articulava cada questionamento que eu reprimia dolorosamente. A canção classificava todos os colapsos de nosso mundo — o lar arruinado, os sonhos destruídos, as promessas quebradas e, por fim, a vida fragmentada. Depois o refrão que nos perseguia era repetido várias vezes — "Mas quem responderá?" — e eu não tinha resposta.

A verdade não era nova, mas o registro dela em meu coração e em minha mente estava fresco por causa do poder da música. Minha conversão a Cristo ocorreu anos mais tarde, e Deus usou aquela letra para me revelar não só o meu próprio vazio, bem como o vazio de toda uma geração sem Cristo. Nosso tempo tem feito da música possivelmente mais do que o planejado, porém devemos entender o porquê disso e como usar melhor a música de forma construtiva para o bem de nossas emoções.

O LOUVOR COMO EVANGELISMO

Por fim, o evangelismo acontece no contexto de toda a comunidade do povo de Deus envolvido no louvor. Anos atrás, li uma definição de louvor feita por William Temple que até hoje soa em tons claros e magníficos:

> Louvor é a submissão de toda a nossa natureza a Deus. É o despertar da consciência por meio de sua santidade; a alimentação da mente com a sua verdade; a purificação da imaginação por meio de sua formosura; o abrir do coração ao seu amor; a entrega da vontade ao propósito dEle — tudo isso reunido com adoração, a emoção mais abnegada de que nossa natureza é capaz.[5]

Quanto mais penso nessa definição, mais convicto fico de que se o louvor é praticado com integridade pelo povo de Deus, pode ser o evangelismo mais poderoso em nossa cultura pós-moderna. É de suma importância que ao se planejar cultos de louvor, o pastor e os líderes da igreja dispensem atenção cuidadosa a cada elemento e certifique-se de que o louvor conserve integridade e propósito.

Há alguns anos, dois ou três de meus colegas e eu estávamos em um país dominado pelo marxismo durante décadas. Antes de começarmos nossos cultos, fomos convidados para um jantar, por intermédio de alguns amigos em comum, dos quais todos eram céticos e, por

objetivos práticos, ateus. A noite foi repleta de questões propostas principalmente por um que era um notável teórico naturalista. Também surgiram perguntas de outros que representavam diferentes elementos de poder naquela sociedade. No decorrer daquela noite, tivemos a sensação de que as perguntas tinham ido longe demais, e que talvez estivéssemos andando em círculos.

Nesse momento, perguntei se podíamos fazer uma oração por eles e pelo país antes de nos despedirmos. Houve um silêncio de consternação, uma hesitação evidente, e então alguém disse: "É claro". Fizemos apenas isso — oramos. Naquela grande sala de jantar, de importância histórica para eles, com todas as lembranças de poder secular afixadas nas paredes, a oração trouxe um silêncio sensato e um reconhecimento de que estávamos na presença de alguém maior do que nós. Quando terminamos, todos os olhos estavam úmidos e nenhuma palavra foi pronunciada. Eles nos abraçaram e nos agradeceram com uma emoção estampada em seus rostos. No dia seguinte, quando nos encontramos, um deles me disse: "Não fomos para nossos quartos na noite passada até que amanheceu. Na verdade, fiquei no saguão do hotel a maior parte da noite conversando. Então voltei para o meu quarto e entreguei minha vida a Jesus Cristo".

Tenho plena certeza de que foi a oração que lhes deu uma dica sobre o que é o louvor. Seus corações nunca haviam experimentado isso. Ao longo dos anos descobri que orar com as pessoas algumas vezes pode fazer mais por elas do que uma pregação. A oração afasta o coração de uma pessoa da dependência de si mesma e a coloca em uma posição de confiar no Deus soberano. Muitas vezes, o peso é tirado instantaneamente. A oração é apenas um aspecto do louvor, mas é muito negligenciado diante de pessoas que ficariam chocadas ao ouvir que orar é semelhante a uma pessoa que sabe como tocar o coração de Deus. Para uma pessoa necessitada, respostas ensaiadas não transformam a mente; a oração sim.

CONCLUSÃO

Proclamação, música, louvor — em minha estimativa, esses são três meios que Deus usa para se comunicar com os corações resistentes. O pastor sempre tem o privilégio de fornecer liderança nessas áreas. A igreja como uma unidade sempre proporciona ocasiões, em meio a sua comunhão, para satisfazer as necessidades de corações

solitários. O pastor edifica uma congregação com essa necessidade legítima em mente.

Conforme afirmou um pregador, se pregamos a uma audiência ferida, nunca teremos falta de ouvintes. O que foi dito é verdadeiro. Mas também há muitos que se tornaram tão endurecidos acerca de sua própria necessidade e tão preconceituosos em sua distorção do evangelho que quase é preciso conscientizar o ouvinte de sua necessidade antes de oferecer-lhe esperança. Uma coisa é uma pessoa que está se afogando pedir ajuda e lhe oferecermos um salva-vidas. Outra bem diferente é uma pessoa que está nadando para o fundo, e esquece de que sua força chegará ao fim se ela não conseguir nadar de volta. Minimizar o método para alcançar tais pessoas é matar, não resgatar, pois a menos que elas estejam cientes de sua condição desesperadora continuarão a confiar cegamente em sua própria força e esforços. Ou, para mudar a metáfora, uma coisa é um ferido sentir necessidade de uma mão para resgatá-lo; outra é alguém achar que sua armadura nunca será perfurada. Para o último, a flecha de Deus é a resposta, e a espada do Espírito o recurso.

Podem existir muitas flechas em nosso tempo. O mundo compreenderá.

Questões para Reflexão e Debate

1. Reflita em algumas idéias opostas (tais como "poder acima da humildade") que seguem a afirmação: "A cruz permanece um mistério porque é estranha a tudo o que exaltamos". De que modo o caminho da cruz desafia algumas de nossas formas de pensar?
2. Descreva o que o pastor como um evangelista parece, particularmente a idéia de ser uma flecha e uma espada.
3. Explique os quatro componentes necessários na pregação evangelística que o autor observa no ministério de Paulo.
4. Identifique as três formas de evangelismo que são instrumentos da igreja e elabore cada uma delas.

Capítulo 6

Criando um Clima Apologético na Lab

Judy Salisbury

A MÃO QUE ENTREGA A TOCHA

Há pouco tempo, fui convidado para falar em uma grande conferência nacional em Washington, D.C. Embora não fosse um encontro de líderes de igreja, acho que eles teriam achado interessante. Então deixe-me convidá-lo para ouvir o que aconteceu. Por quê? Porque tenho certeza de que os líderes têm um importante papel no encorajamento das famílias de sua igreja no sentido de ajustarem o tom para uma compreensão da fé cristã com seus filhos em casa.

Quando chegou a minha vez de falar, depois que o mediador havia feito uma longa apresentação, fui até o microfone e declarei corajosamente: "Obrigada pela apresentação; porém, está faltando uma coisa: também faço parte de um grupo de pessoas mais poderosas e influentes em nosso país. Sou uma dona de casa e mãe em período integral, que por coincidência está totalmente impulsionada pelo Senhor Jesus Cristo; então tenham medo, tenham muito medo". A audiência riu e aplaudiu, e eu continuei falando: "Agora, alguns poderiam querer me convencer de que este trabalho não é importante, mas minha pergunta é: Se não é importante, por que todos eles desejam fazê-lo por mim?"

Naquela noite, durante o jantar na cerimônia, assisti à apresentação de um musical patriótico. Fiquei fascinada por um participante em particular, uma menina de oito anos, idade de minha filha Nicole, que estava cantando do fundo de seu coração o seu amor por Deus. O que mais me impressionou, e isso pode parecer estranho, foram suas pequeninas mãos segurando o microfone. Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto eu pensava nas mãos branquinhas e macias de minha filha. Muito embora fosse uma viagem de apenas uma semana, eu estava com saudades.

Ao voltar para casa, continuei pensando naquelas mãozinhas segurando o microfone. Porém, quando penso nas mãos de minha filha, eu as visualizo erguidas bem alto e segurando uma tocha — uma tocha que meu marido e eu passaríamos para ela e que agora também para nosso filho mais novo, Mikael, em obediência às seguintes palavras no livro de Deuteronômio:

> Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder. E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as intimarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te.
>
> *Deuteronômio* 6.5-7

Essa determinação segue os Dez Mandamentos e é uma das primeiras condições da aliança que Deus entregou a Moisés e ao seu povo. Sua colocação no início do pacto revela, em primeiro lugar, a prioridade que Deus confere ao lar. Em segundo lugar, sugere que se os pais são fiéis ao ensinarem bem a seus filhos, todo o povo de Deus prosperará, pois o lar é um microcosmo de uma sociedade. Em terceiro lugar, a obediência à aliança de Deus e a posse das bênçãos estabelecidas nos vinte capítulos que seguem a essa determinação estão firmadas sobre pais que amam ao Senhor de forma plena e dão exemplo desse relacionamento a seus filhos. Assim, como pais, é muito importante nos perguntarmos: Temos sido negligentes em passar a nossos filhos a tocha que carrega a Luz do mundo? Temos ensinado nossos filhos com o mesmo vigor daqueles que gostariam de roubar-lhes a Luz do mundo?

CONCEPÇÕES ERRÔNEAS NAS PERCEPÇÕES

Tenho certeza absoluta de que ensinar os filhos a ser apologistas eficientes não só está perfeitamente de acordo com a admoestação de Deuteronômio 6.5-7, mas também com a descrição da esposa excelente

em Provérbios: "[Ela] abre a boca com sabedoria, e a lei da beneficência está na sua língua" (Pv 31.26). Tiro o meu chapéu para duas pessoas que passaram a tocha, a vovó Lóide e a mamãe Eunice (2 Tm 1.5), que aparentemente ensinaram bem o jovem Timóteo e por isso são elogiadas pelo apóstolo Paulo. Contudo, o desafio para os pais nos dias atuais, no ensino da apologética é que existem concepções errôneas na percepção do que a apologética significa e do que é necessário para estar preparado. Vejamos as diversas maneiras como alguns pais em nossas igrejas podem entender a apologética e a tarefa do apologista.

Apologética Significa Debater, e Debater Causa Dissensão

Em certa ocasião perguntei-me: *Por que gosto tanto de apologética e por que isso me parece tão natural?* Uma das razões é que estou em vendas corporativas há anos. Eu estava acostumada com a responsabilidade de conhecer meus produtos por dentro e por fora — dando razões seguras do porquê meu cliente precisava de meu produto e por que este era melhor do que o concorrente — e de me preparar com respostas às objeções antes que surgissem. Para mim, os argumentos eram uma necessidade ocupacional. A única coisa que mudou é que meu "produto" agora é a vida eterna (nenhuma garantia é necessária)!

Considere os seguintes termos por um momento: *argumento cosmológico, argumento teleológico* e *argumento ontológico. Cosmológico, teleológico* e *ontológico* soam de forma bastante assustadora, e adicionada a elas está uma palavra aparentemente negativa: *argumento.* O vocábulo *argumento* perdeu seu significado positivo, e as pessoas que *argumentam* são normalmente vistas como irritantes e causadoras de dissensão! Na realidade, os argumentos são necessários a fim de chegarmos à verdade. Assim como hoje a paixão se confunde com raiva, a discussão construtiva se confunde com dissensão. Portanto, você está em uma posição em que é cada vez mais difícil dizer a um grupo de pessoas: "Hoje vamos lhes ensinar como oferecer *argumentos* confiáveis acerca do porquê de vocês acreditarem naquilo em que acreditam".

Apologética É Difícil demais para Ser Abraçada

A palavra *apologética* soa de modo singular e grandioso; em conseqüência disso, alguns membros de igreja, até mesmo em sua igreja,

acham que é algo grandioso demais. Por esta razão, também nos encontramos em uma posição de não sermos capazes de dizer a um grupo: "Hoje vamos aprender *apologética*". Muitos não estão certos quanto ao significado dessa palavra. Alguns já me falaram: "Não preciso justificar minha fé!" Usualmente, não menciono esta palavra até a metade de minhas palestras, quando já foi possível partilhar alguns exemplos básicos de como a apologética é aplicada.

Apologética só É Acessível às Pessoas Cultas

Alguns membros de igreja acreditam que o trabalho de um apologista deveria ser deixado para aquelas mulheres ou homens que possuem um título de doutorado. O motivo é que bons materiais de apologética de fácil leitura são difíceis de ser obtidos. Até mesmo quando os pais decidem se equipar, eles podem ficar sobrecarregados para saber onde começar. Eles se perguntam como transmitirão as informações a seus filhos.

Enquanto *Scaling the Secular City* (Escalando a Cidade Secular), de J. P. Moreland serve bem ao apologista instruído, um pai ou mãe que trabalha o dia todo, em casa ou não, pode não querer ler um livro no final do dia e nem pensa em "escalar a cidade secular". Como disse Donald Grey Barnhouse, "tire o feno do alto e coloque-o no chão do celeiro, onde as vacas podem pegá-lo". Ou, em outras palavras, devemos colocar os biscoitos na prateleira de baixo. Alguns livros alcançam muito bem esse objetivo.

Apologética É Irrelevante para a Vida Cotidiana

Os pais em sua igreja podem não reconhecer o valor de se prepararem na área da apologética. Isso me faz lembrar de quando eu trabalhava com mensagens de voz. Naquela época, a tecnologia era completamente nova, e muitos de meus clientes nunca tinham ouvido falar de mensagens de voz. Por causa disso, minha tarefa era ensinar e explicar a meus clientes a variedade de maneiras como poderiam usar o nosso serviço no trabalho deles. Eles ficavam interessados, uma vez explicado o valor e indicadas as áreas onde lhes poderia ser útil. Mas antes de perceberem este valor, eles achavam que a maneira antiga de lidar com suas ligações telefônicas era boa o suficiente.

Já me disseram inúmeras vezes: "Minha vida é meu testemunho, e isso basta". Embora eu concorde que nossa vida deva ser um testemunho, o que acontece quando nossos filhos pequenos fazem uma pergunta que se torna uma parte permanente de seu vocabulário a partir dos três anos? A pergunta é "Por quê?" Ou o que acontece quando, em função de testemunhas externas exemplares, vizinhos — ou o funcionário da mercearia, o pediatra ou os professores de nossos filhos — nos perguntam por que agimos ou falamos de um modo que reflete um senso de esperança ou de amor genuíno por aqueles ao nosso redor? É por isso que acredito que os pais são as pessoas mais influentes em nossa sociedade. Eles não só exercem uma incrível influência na vida de seus filhos, mas também têm o poder de influenciar várias pessoas que encontram durante uma semana qualquer — se eles apenas perceberem o valor de se preparar na área da apologética.

Uma outra pessoa que alguns pais têm a oportunidade de encontrar é o membro de alguma seita que bate à sua porta. Não consigo nem enumerar quantas dessas pessoas já tive o prazer de conversar em minha porta desde que me tornei uma dona de casa em período integral. É uma satisfação, porque posso manter contato com elas confortavelmente, por amor a Cristo e para sua glória. Mas para a pessoa que não está preparada, essa batida na porta significa fechar as cortinas e fingir que ninguém está em casa. E assim, perde-se mais uma oportunidade de se testemunhar.

Minha filha gosta muito de me ouvir conversar com não-crentes. Ela se senta e observa, e quando eles vão embora, conversamos sobre o que ela observou. Que tipo de testemunho daremos se sempre nos escondermos com as crianças atrás do sofá? Bem, não podemos nos esconder para sempre, e nossos filhos estão observando. Se nossa vida é o nosso testemunho, então é melhor começarmos a levar à sério a Grande Comissão. Fico perplexo com o número de pessoas que conheço que abandonaram a fé porque seus pais nunca deram respostas objetivas aos seus questionamentos, e os membros de seitas são todos muito zelosos ao oferecer respostas atrativas e tentadoras.

Apologética É apenas sobre Alcançar a Mente

Infelizmente, alguns pais se subestimam em relação ao intelecto. Sim, ao final de um longo dia eles podem estar com a mente confusa

para absorverem um material apologético complexo, mas é claro que isso não significa que tenham perdido o discernimento para realizar a tarefa. Não obstante, os pais precisam de mais encorajamento quando recebem a oportunidade de se prepararem na área da apologética. De fato, para eles uma coisa é descansar nos argumentos da soberania e da bondade de Deus em um mundo fragmentado; outra coisa é convencer seus filhos dessas verdades, em especial quando enfrentam a rejeição ou a dor. Que desafio para aqueles que são líderes de igreja!

De modo particular, descobri uma grande vantagem de ser intelectualmente subestimado, pois quando as pessoas nos subestimam, ficam desprevenidas e mais aptas para discutir questões espirituais em um "não-debate", em um formato neutro. Um amigo apologista refere-se a mim como "um apologista com coração de mãe". Embora ele goste de atacar os pontos fracos, reconhece que meu objetivo é trazer os céticos para o meu lado sem que percebam o que estou fazendo. Precisamos alcançar tanto a mente quanto o coração, e os pais têm muitas oportunidades singulares, embora nenhuma cause um impacto como aquelas que envolvem seus filhos.

COMO UMA CRIANÇA PENSARIA

Quando minha filha tinha cerca de quatro anos, uma outra mãe passou uma hora ao telefone me contando os detalhes de um filme que ela achou muito agradável — e que eu deveria comprar para minha filha. Meu marido e eu o alugamos e para ver se era apropriado.

A história era inteligente e os personagens graciosos, e estava claro que atrairia as crianças — até que elas se encontrassem assistindo a algumas cenas importunas. Perguntei a outras mães o que elas achavam do filme e sobre as coisas que meu marido e eu consideramos desagradáveis. Cada uma delas encolheu os ombros e disse: "Meus filhos já estiveram expostos a tudo isso. Eles estão acostumados a ver esse tipo de coisa". O entretenimento sutilmente insensibiliza a audiência; Assim, como a rã na panela, estamos inconscientes — e a temperatura está aumentando.

Antes que alguma coisa entre pelos portões dos olhos para permearem o modo de pensar, somos alertados pelo apóstolo Paulo a passarmos por isso com esse maravilhoso guia, teste e filtro:

> Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai.
>
> *Filipenses 4.8*

Isso não quer dizer, porém, que devemos desviar o nosso olhar daqueles que estão enfraquecidos ou são perseguidos e ofendidos. Na verdade, Deus declarou por intermédio do profeta Miquéias que "o que é bom" e o que o Senhor requer é "que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus" (Mq 6.8 — ARA). O apóstolo Paulo sugeriu que tais virtudes (observe que elas têm origem no Antigo Testamento) sempre devem instruir nossos pensamentos e ações, em particular quando ensinamos nossos filhos a discernir o que é justo, verdadeiro e bom.

Acredito firmemente no princípio da esponja. Crianças pequenas absorvem o que lhes cerca, seja positivo seja negativo, então é importante considerar o impacto que podemos causar nos pensamentos de nossos filhos. A prioridade que damos ao entretenimento está prejudicando nossos filhos e a maneira como processam as informações? Podemos resgatar o modo de pensar de nossos filhos, e podemos nos arrepender e pedir-lhes perdão se tivermos sido responsáveis por permitir que suas mentes fossem poluídas. Como cristãos, fomos chamados para uma renovação de nossa mente (veja Rm 12.2). Podemos usar a Palavra de Deus e a literatura cristã para edificar o modo de pensar de nossos filhos e desafiá-los intelectualmente no processo. Líderes de igreja podem encorajar pais e mães a lerem com seus filhos livros como *As Crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis, e *O Peregrino*, de John Bunyan.

Queremos que nossos filhos tenham discernimento, mas não conseguiremos se não examinarmos cuidadosamente aquilo a que estão expostos, que sejam filmes ou livros. Não estou sugerindo que os protejamos a ponto de criarmos um ambiente irreal, mas devemos ajudá-los a se tornarem tão familiarizados com o que é puro e bom que consigam de imediato indicar o que é impuro e errado. A mulher junto ao poço sabia exatamente o que Jesus estava dizendo acerca de seu estilo de vida imoral, embora Jesus não tenha lhe dado os detalhes; Ele apenas definiu os relacionamentos dela. Então a mulher falou a todos os homens da cidade: "Vinde e vede um homem que me disse *tudo quanto tenho feito*" (Jo 4.29, grifo do autor).

Podemos ensinar a nossos filhos que, embora a vida cristã com freqüência seja difícil (pois estamos separados para o trabalho e a glória de Deus), eles têm o apoio de que Deus é fiel para lhes dar tudo o que precisam para lidar com os julgamentos que enfrentam. Podemos encorajá-los com o fato de que a caminhada cristã é desafiadora e emocionante quando temos a oportunidade de vivenciar o livro de Atos. E podemos mostrar-lhes de maneiras criativas como fazê-lo. Livrarias evangélicas, por exemplo, vendem figuras completas da armadura de Deus conforme descrita em Efésios 6. Que grande oportunidade para um pai ou uma mãe, durante um momento de lazer, colocarem uma parte da armadura na criança a fim de ensinar-lhe de forma teatral por que cada peça é necessária. A criança, então, estará participando ativamente da experiência de aprendizagem em vez de ficar apenas sentada observando.

Diariamente o Senhor provê oportunidades de ensino que podemos aproveitar para responder às perguntas de nossos filhos ou ajudá-los a adquirir sabedoria, discernimento e perspectiva eternal. Nunca me esquecerei de uma oportunidade que tive com minha filha. Apesar da elevação de cerca de 180 metros, Nicole e eu decidimos caminhar por uma paisagem de tirar o fôlego em uma trilha no leste de Washington, a única trilha que leva diretamente ao lago Spirit, ao pé do monte St. Helens, onde um vulcão entrou em erupção no dia 18 de maio de 1980.

Enquanto descíamos ao início da trilha, fomos cercadas por folhagens viçosas, belas flores silvestres e quedas d'água grandes o bastante para criar poças onde podíamos pular. Assim que chegamos à parte inferior, emergimos da folhagem que nos protegia do calor e nos vimos em condições semelhantes a um deserto, infértil e plano, um monumento à força do vento. Ficamos contentes por termos racionado nossa água, pois precisamos dela no ar parado e no calor. Depois de caminharmos por todos os lados, descemos novamente até que por fim chegamos ao lago Spirit. Lá contemplamos, em frente às extraordinárias cataratas Harmony, uma vista cativante do monte St. Helens com sua cratera sólida e cúpula de lava. Tiramos proveito da água fria (ou melhor, gelada). Conversamos sobre o poder criativo de Deus, sua majestade, provisão e sobre preservação. Cantamos alguns louvores e ficamos bons momentos juntas.

Então chegou o momento de voltarmos, o que era um pouco mais difícil. Nicole estava menos entusiasmada em relação à área deserta e

a subida de mais ou menos 180 metros. Ao longo do caminho, eu a encorajei e a fiz lembrar da diversão que tivemos e do que nossos olhos contemplaram. Ficamos emocionadas ao vermos o sinal do topo da trilha logo adiante — significando que havíamos completado a tarefa e que um delicioso sorvete nos aguardava. Mas algo muito interessante aconteceu, e creio que foi determinado por Deus, algo que minha filha e eu nunca esqueceremos. Na verdade, ela se refere a isso sempre que fazemos uma caminhada e resistimos à tentação de desistirmos e não continuarmos.

No topo da trilha, olhando para as folhagens abaixo, para a paisagem desértica, em direção ao lago Spirit, um homem estava em pé com seu filho, que provavelmente era um pouco mais velho que Nicole. Depois de dizer um "oi!" cordial, o homem nos perguntou: "Com o que se parece? É bonito?" Nós descrevemos, da melhor maneira que pudemos, a beleza do lugar. "Bem, iríamos lá, mas não temos os sapatos apropriados", ele explicou. Então eu lhe disse: "Definitivamente, eu não iria sem bastante água. É uma pequena ilusão daqui". Ele acenou com a cabeça, chamou o filho, entrou no carro e foi embora.

— O que aconteceu? — perguntou Nicole surpresa. — Por que eles não fizeram a caminhada?

— Querida — respondi-lhe com um sorriso —, eles não estavam preparados. Mas nós estávamos, e mesmo com todas as dificuldades, tivemos a oportunidade de ver e contar aos outros. Enquanto eles apenas podem imaginar essa beleza, pudemos experimentá-la porque estávamos dispostas e preparadas.

Nicole entendeu de imediato e passou a ter uma nova consideração de sua experiência. Paramos um momento para agradecer a Deus por nos ter dado saúde e força para realizarmos aquela tarefa, e conversamos sobre como nunca desejamos fazer algo que possa causar dano ao presente. Muitas lições foram ensinadas e aprendidas durante aquele passeio.

Nem todos os pais moram perto de um vulcão, mas podem visitar um parque. Talvez morem em uma cidade, e podem passar um tempo com seus filhos observando as pessoas e como são todas diferentes e únicas, cada uma com sua beleza e propósito divino. Também podem perguntar aos filhos: "O que você acharia se eu lhe dissesse que aconteceu uma grande explosão aqui e, quando a poeira abaixou, havia todos esses prédios?" Essa seria uma

excelente lição objetiva para ensinar que se foi necessário que pessoas inteligentes projetassem e construíssem os prédios, então existe um Deus inteligente que nos projetou e nos criou.Devemos aproveitar as oportunidades para raciocinar com nossos filhos sobre os mais diversos assuntos. A questão é: podemos e devemos fornecer aos nossos filhos o equipamento intelectual de que precisam para escalar as montanhas que lhes permitirão alcançar as recompensas eternas.

Agora, talvez você esteja pensando: *Alguns pais podem não se sentir muito criativos e acharão que não conseguem indicar prontamente esses momentos de ensino ou descobrir uma aplicação para eles.* Tudo o que posso dizer a essa objeção é: "Quão grande é o Deus sobre quem pregamos e ensinamos?" O meu Deus dará sabedoria liberalmente e sem lançá-la em rosto a todos os que tem falta e pedem por ela (veja Tg 1.5). Estou viva, como prova a respiração — além de um outro testemunho da realidade do Deus vivo. Eu jejuei e orei com o meu rosto prostrado diante dEle a fim de que me concedesse a sabedoria de que precisava para instruir meus filhos. Clamei por ajuda em meus estudos. Orei para que me desse a habilidade de entender e passar pelos materiais que me ajudariam a estar preparada, acreditando o tempo todo que Ele é o Jeová Jireh — "o Deus que provê". Ele é suficiente para proporcionar não só as oportunidades para os momentos de ensino, mas também a sabedoria e os recursos para que se realizem.

O QUE UM PASTOR OU LÍDER DE IGREJA PENSARIA?

Nossa cultura pós-moderna nos fornece a maior oportunidade de ensinar apologética a nossos filhos. Assim como uma criança que reconheceu que o imperador estava sem roupas, as crianças reconhecerão, mais do que qualquer outra pessoa, que o relativismo moral está totalmente nu! Escute as crianças em um *playground* por cinco minutos, e o que você ouvirá? "Isso não é justo." Sem dúvida, antes que sua consciência seja cauterizada pela cultura, as crianças percebem que existe verdade objetiva e uma lei moral. A abordagem *reductio ad absurdum* (reduzir ao absurdo) funciona muito bem com crianças pequenas porque elas imediatamente identificam as contradições de uma visão de mundo que lhes diz: "Verdadeiramente, a verdade não existe!"

Muitas pessoas simplesmente não sabem como identificar uma visão de mundo oposta, porque sua aparência é boa. Considere um dos populares e-mails "inspirativos" que parecem encontrar seu caminho em nossas caixas de entrada. Se a linguagem for poética e a palavra *Deus* aparecer, as pessoas (até mesmo as que se declaram cristãs) acharão que a mensagem é boa! Às vezes menciono esse tipo de e-mails em minhas palestras. Quando faço uma análise ponto a ponto, a audiência descobre os erros imediatamente. Uma importante questão a ser feita a crianças pequenas acerca da visão de mundo pós-moderna é: "Isso faz sentido?" Com freqüência, crianças sabem que não, intuitivamente.

Aqui estão algumas sugestões que você pode usar para treinar os pais em sua igreja a ensinarem apologética aos filhos:

- Acrescente recursos de qualidade à sua biblioteca. Talvez sua congregação se comprometa a adquirir ou doar livros de apologética a partir de uma lista dada por você. Tire proveito da riqueza de recursos apologéticos disponíveis para a comunidade cristã.
- Coloque à disposição DVDs e fitas de vídeo com palestras de apologistas conhecidos e debates. Enquanto fazem o trabalho doméstico, preparam as refeições ou estão no trânsito, os pais têm a oportunidade de se prepararem ouvindo CDs ou fitas — e adivinhe quem estará ouvindo com eles? Hoje em dia, é claro, muitas famílias passam horas em seus carros durante a semana levando os filhos de um lado para o outro. Quando estou dirigindo com minha filha, com freqüência toco uma fita — e às vezes a interrompemos a fim de conversar sobre o que estamos escutando. Uma de nossas favoritas é um debate entre o Dr. Walter Martin e o Dr. Dale Miller.[1] Gosto muito de ouvir as paletras do Dr. Martin porque posso sentir sua emoção. Ele tem um grande senso de humor, fala sobre uma extensa variedade de assuntos e tem uma incrível habilidade de apresentar conceitos difíceis em uma linguagem simples. Minha filha agora me pede para tocar palestras específicas de determinados apologistas ou ensinadores da Bíblia. *The Case for Christ*[2] (Ganho de Causa para Cristo) é uma das que ela mais gosta. Embora ela não entenda tudo o que ouve, sementes estão sendo plantadas, e cada vez ela compreende um pouco mais.

- Lembre os pais em sua igreja de que as crianças estão observando não só o membro do culto na porta de entrada, mas também nos observam durante o louvor, a oração e a leitura da Palavra. Nossa reverência a Deus, como tudo o mais, é contagiante. O amor que você demonstra por seu Senhor é a faísca que incendeia sua comunhão.
- Leve a sério o fato de que o Espírito de Deus habita nas crianças de sua congregação, não importa quão infantis elas sejam, e incentive os pais a fazer o mesmo. Jesus disse: "Deixai vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o Reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas" (Mt 19.14 — NVI). O impedimento pode acontecer quando fazemos objeções às suas questões ou quando não as tratamos com seriedade. Nada é mais frustrante para uma criança.
- Incentive os pais a conhecerem a Palavra de Deus. Isso pode parecer simplista, mas o que me impressionou quando era um novo convertido, e ainda impressiona, é apenas como muitos cristãos professos são biblicamente analfabetos. Muitos ainda não leram a Bíblia toda, ou deixam de lado o Antigo Testamento, e, como resultado, não conhecem a Deus de verdade. Líderes de igreja podem ser exemplos pregando e ensinando todo o plano de Deus. Também encoraje os pais a se dedicarem a estudos bíblicos indutivos, seja em sua igreja ou em seminários. Em muitos casos, os participantes também aprenderão a como usar ferramentas de estudo que os ajudarão na área da apologética.
- Convide palestrantes para falar em sua igreja que tenham a habilidade de tornar o conhecimento acessível a todos. Não convide somente apologistas homens, mas também mulheres que possam ensinar apologética a outras mulheres em sua congregação de modo envolvente.

ISSO É FUNDAMENTAL

Realmente gosto muito da forma essencial como J. P. Moreland define apologética: "Apologética é um ministério projetado para ajudar os não-crentes a superar obstáculos intelectuais à conversão e os crentes a solucionar dúvidas que impedem o crescimento espiritual".[3] Meu desejo como mãe é que nossos filhos não creiam no cristianismo porque

meu marido e eu somos cristãos, ou porque falamos que é a verdade, ou mesmo porque apologistas instruídos, pastores ou líderes de igreja dizem que é verdade, mas porque reconheceram, por si mesmos, de modo evidente, experimental e intelectual. Fornecer respostas às perguntas de nossos filhos ou mesmo antes de serem desafiados por um não-crente lhes será muito útil para que esse desejo seja realizado.

Se você é um líder ou pastor, tem a maravilhosa oportunidade de ajudar os pais a cumprir a Grande Comissão na vida de seus filhos passando a tocha com a "luz do mundo". Você tem a preciosa chance de ver o fruto de Deuteronômio 6 crescer em testemunhas efetivas de Jesus Cristo ao atender suas graciosas palavras e deixar resplandecer "a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus" (Mt 5.16).

Questões para Reflexão e Debate

1. De que maneira estamos ajudando nossas crianças a examinarem as influências em suas vidas e como estamos protegendo seu modo de pensar? Como estamos ajudando a discernir o que é verdadeiro e o que é falso, e ao responder às suas difíceis questões?
2. Nossos ministérios para os pais são equilibrados, incentivando-os a ministrar a pessoas de dentro e de fora da igreja? Os pais em nossa igreja estão envolvidos em alcançar outras pessoas nos relacionamentos naturais que estabelecem nas experiências cotidianas? Como podemos incentivá-los a agir desta forma?
3. Os pais em sua igreja sabem por que crêem naquilo em que acreditam? São capazes de defender sua fé de modo articulado? Caso não sejam, como os líderes podem ajudá-los?
4. Há pais maduros na fé que podem iniciar um ministério de apologética para os pais mais jovens em sua congregação?

Capítulo 7

Quando Vão para a Faculdade: Podemos Protegê-los?

J. Budziszewski

FACULDADE É GUERRA

Professores universitários cristãos que declaram sua fé são procurados por alunos cristãos que estão vagando pelo solo improdutivo do campus moderno em busca de água. "Na palestra de hoje você mencionou que é cristão", disse-me uma jovem depois da aula. "Nunca ouvi isso de nenhum outro professor, e cada dia que passo nessa universidade sinto que minha fé está sob ataque."

Já deixei o mais claro possível que sou um professor cristão, pois meus temas acadêmicos levantam questões de fé,[1] escrevo uma coluna mensal em uma revista *on-line* para estudantes cristãos,[2] falo em outros campus e escrevi um livro sobre "como se manter cristão na faculdade". Por esta razão, não recebo apenas as visitas oficiais costumeiras, mas também um bom número de e-mails de universitários cristãos em conflito. A partir disso e da apostasia de meus próprios anos universitários, desenvolvi uma excelente idéia de como a fé deles está em apuros.

Pastores e até mesmo pais, com freqüência, afirmam que a guerra contra a fé é travada apenas em escolas seculares; então, se seus filhos forem para uma universidade cristã, sua vida com Cristo será

alimentada em vez de agredida. Essa afirmação não é de todo falsa, mas descuidada. Com certeza, existem boas instituições cristãs. Porém, as piores histórias que já ouvi sobre ataques ideológicos anticristãos vieram de faculdades que se dizem cristãs e não se mantiveram fiéis à sua missão. Diz-se que em uma faculdade denominacional, um professor de Bíblia começava cada semestre lançando uma Bíblia pela janela e informando aos alunos que ao final do curso nenhum deles a consideraria a Palavra de Deus. Ele sempre agia assim.

Pensemos resumidamente sobre as deficiências de preparação que deixam os universitários cristãos vulneráveis ao ataque. Além disso, de modo mais abrangente, mostraremos como pastores e líderes podem corrigir essas deficiências.

DOZE RAZÕES POR QUE UNIVERSITÁRIOS PERDEM A FÉ

É claro que há mais de doze razões por que tantos universitários cristãos perdem a fé, porém doze é um número redondo apropriado que me permite cobrir a maior parte do território de forma econômica.

Desses doze itens, alguns têm a ver com sexo. Não é uma reflexão sobre minhas próprias obsessões, mas do estado da batalha no campus hoje. Talvez em outra era, a tarefa principal da apologética tenha a ver com guerras, doenças ou trabalho. Porém, na nossa, tem a ver com sexo.

Jovens Crentes Acham que Podem Ser Cristãos Solitários

Muitos jovens crentes vão para a faculdade com o que chamo de visão da vida cristã "apenas você e eu, Deus". Separados de sua congregação natal, eles acham que podem louvar, orar, estudar as Escrituras e praticar as disciplinas cristãs sem comunhão com outros crentes. É como um soldado pensando que pode ficar vivo e lutar muito bem quando está separado de seu grupo.

Eles não Entendem a "Grande História" das Escrituras

Alguns dos universitários que conheço podem citar passagens bíblicas o dia inteiro, mas sabê-las de cor é diferente de entendê-las. Sua compreensão acerca da Bíblia deveria ser como um romance, com cada episódio se unindo ao todo. Porém, em vez disso, é como uma pasta cheia de anotações: "Culto domingo", "Ligar para o Tom", "Comprar

ovos". O provérbio "Onde não há revelação divina, o povo se desvia" (Pv 29.18) se aplica muito bem aos estudantes universitários.

Eles não Sabem as Razões para as Leis de Deus

Essa deficiência é especialmente crítica em relação às questões polêmicas sobre sexo que assolam os campus universitários atualmente. Quando são atacados por causa de sua fé, não basta aos jovens cristãos saber que Deus ordena a abstinência sexual fora do casamento, que Ele fez o casamento para um homem e uma mulher, que Ele deseja que o matrimônio seja frutífero — eles devem ser capazes de explicar o porquê. As leis de Deus devem ser praticadas com entendimento e reflexão sobre o que antigos rabinos chamavam de "razoe da Lei".

Eles não Sabem que por trás de toda Tentação Está uma Falsa Ideologia

Na faculdade, onde adquirir conhecimento é o nome do jogo, até a tentação obtém a maior parte de sua energia nas falsas ideologias. Veja o *slogan* "Sexo é como todas as outras coisas; para fazer a escolha certa você tem de experimentar". Isso é mais do que uma "frase"; é uma falsa filosofia. Ela diz que a única maneira de saber algo é a experiência pessoal, e que o teste da experiência é como você se sente.

Eles não Aprenderam a Reconhecer os Desejos e Armadilhas de seus Corações

Há algo estranho sobre nós seres humanos: poucos de nós desacreditamos de Deus e então começamos a pecar — em vez disso, nos envolvemos em algum pecado ou começamos a querer adequar e assim encontramos desculpas para desacreditarmos de Deus. Por esta razão, a melhor apologética no mundo não pode ser bem-sucedida a menos que os estudantes saibam como desmascarar seus próprios motivos secretos.

Eles Acham que Boas Intenções São Suficientes para Protegê-los do Pecado

Como muitos dos outros obstáculos, isso é mais notório na área do sexo. Por exemplo, um rapaz e uma moça cristãos podem ter toda a

intenção de permanecer castos, mas passam todos os momentos juntos longe de outras pessoas. Essa é uma combinação impossível.

Seu Entendimento das Virtudes Cristãs É Sentimental demais

Jovens cristãos com freqüência confundem amizade com Deus com um estado de seus sentimentos. "Eu sei que a Bíblia diz que devemos evitar fazer isso e isso, mas oro por esta situação e *sinto* que está tudo bem." Qualquer pessoa que pense dessa forma é um alvo fácil para o Adversário, tornando-se fatalmente vulnerável a ataques que, de outra maneira, seriam repelidos com facilidade.

Eles Acham que Fé e Conhecimento São Opostos

Muitas faculdades cristãs acham que quando o escritor de Hebreus disse que a fé "é a prova das coisas que se não vêem" (Hb 11.1) quer dizer que a fé é cega — que nenhuma razão pode ser dada à fé cristã. Por seus adversários no campus apresentarem razões para a crença deles, sentem-se sem defesa.

Eles Acham que Jesus Proíbe o Julgamento Moral

Jovens cristãos freqüentemente são alvos fáceis para a acusação de intolerância, não por serem mesmo intolerantes, mas porque acham que são. Só porque acreditam e tentam seguir os ensinamentos de Jesus sobre certo e errado, eles acham que devem estar transgredindo sua instrução "não julgueis" (Mt 7.1).

Eles São Convencidos facilmente a se Defenderem

Sentindo-se superados numericamente por estudantes não-crentes, os estudantes cristãos estão sempre contestando as críticas, mas eles mesmos nunca criticam.

Eles não Percebem que seus Adversários também Têm Compromisso com a Fé

Uma simples ilustração será suficiente. Quando um professor de Biologia não-crente despreza a fé cristã na criação dizendo que a

"ciência" somente aceita explicações naturalistas, jovens cristãos usualmente não percebem que o professor também vive pela fé. Ele aceita pela fé que a natureza é tudo que existe — e ele é tão insistente acerca de sua fé que se recusa a considerar a evidência de um projeto inteligente na natureza.

Eles não Sabem como Desmascarar um Engano

Jovens cristãos permitem que professores e colegas de classe não-crentes enganem, dizendo todo tipo de coisas em que não poderiam acreditar. Por quê? Eles não *percebem* que seus professores e colegas de classe não acreditariam nessas coisas. Não sabem desmascarar um engano, porque não sabem reconhecê-los.

O QUE OS ESTUDANTES NAS IGREJAS PRECISAM OUVIR DA LIDERANÇA

Observemos com mais atenção o que falta na preparação dos jovens cristãos para os desafios da vida universitária.

O que Precisam Ouvir sobre o Cristianismo Solitário

Não basta estimular os jovens cristãos a irem à igreja. Eles já ouviram, e provavelmente já citaram Hebreus 10.25, até que se entristeceram: "Não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns". O que eles de fato precisam é corrigir sua eclesiologia excessivamente individualista.

Não pense que esses jovens cristãos não têm uma eclesiologia só porque nunca ouviram o termo! Todo cristão tem uma eclesiologia — uma visão do que é a igreja e para que serve. Infelizmente, algumas das frases que usamos para explicar a vida cristã aos jovens transmitem uma falsa eclesiologia. Dizemos, por exemplo, que ser cristão é ter "um relacionamento pessoal" com Jesus Cristo ou assumir "um compromisso pessoal" com Ele. A intenção dessas frases é boa — é verdade que o cristianismo não é apenas um conjunto de crenças, mas um relacionamento com o Senhor vivo e Salvador, e é verdade que isso requer não só uma crença fixada na mente, mas um compromisso da vontade. Infelizmente, o termo *pessoal* nessas frases dá aos

jovens uma idéia errada, produzindo uma visão de vida cristã "apenas você e eu, Deus" o qual mencionamos anteriormente.

As Escrituras nunca descrevem nosso relacionamento com Jesus Cristo como "apenas você e eu". Sua ênfase não está no crente solitário, mas na comunidade da fé. Somos o "corpo de Cristo" (1 Co 12.27), "a nação santa", o "povo de Deus" (1 Pe 2.9,10); somos cidadãos da cidade que está nos céus (Fp 3.20), e devemos "[levar] as cargas uns dos outros" (Gl 6.2). Deus sempre age por intermédio de uma comunidade. Não era bom que Adão estivesse sozinho, então Deus fez Eva. Noé não foi salvo sozinho, mas com sua família. Abraão foi chamado para que juntamente com Sara se tornasse um povo mais numeroso que as estrelas do céu. No dia de Pentecostes, Deus instituiu a igreja. Deus nos fez seres sociais, e seu plano de redenção por meio de Jesus Cristo também é social.

Então, explique isso aos jovens membros de sua congregação enquanto ainda são adolescentes, e diga-lhes que o verdadeiro grupo a que pertencem é a comunidade dos santos, a família de Deus. Isso não existe com um cristão solitário, e se forem ao mundo sozinhos, serão engolidos.

O que Precisam Ouvir É a "Grande História" das Escrituras

Há duas coisas sobre a Bíblia que poucos estudantes entendem, embora ambas sejam fundamentais para sua habilidade de defender a fé no campus universitário moderno. A primeira é a *racionalidade* das Escrituras; a segunda é seu *enredo.*

A Racionalidade das Escrituras

Para muitas pessoas na fase universitária parece irracional que Deus tenha falado ao homem — mágico demais, sobrenatural demais. Porém, conforme lemos em Isaías, "os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos" (Is 55.8,9). John R. W. Stott faz essa observação acerca dessa passagem:

> É ridículo supor que poderíamos penetrar na mente de Deus. Não existe uma escada por onde nossa pequena mente possa subir até a sua mente infinita. Não há uma ponte que possamos atravessar para transpor o abismo do infinito. Não há um caminho para alcançarmos a Deus... Só é racional dizer... que a menos que Deus tome a iniciativa de revelar o que está em sua mente, nunca seremos capazes de descobrir.[3]

Essa é a "racionalidade das Escrituras".

O Enredo das Escrituras

Embora os jovens cristãos conheçam as "histórias bíblicas", com freqüência falham em perceber que a Bíblia como um todo é uma única grande história — a *verdadeira* história, com comentários explicativos, do relacionamento de Deus com a humanidade. Cristãos universitários precisam ouvir de você que, como qualquer história, a Bíblia contém personagens, conflitos, desenvolvimento, um clímax, uma resolução e um final. Dessa forma, eles ficarão preparados para ver a Bíblia como um todo.

Quem são as personagens? Deus, as pessoas que tomam conhecimento dEle e as que insistem em rejeitá-lo. Qual é o conflito? Embora Deus tenha nos projetado para termos comunhão com Ele, nos rebelamos e não temos forças para retornar, nos prejudicamos a ponto de não termos poder de corrigir a situação. Qual é o desenvolvimento? Que muitas vezes Ele nos estende a mão, e várias vezes nos rebelamos, mas Ele nos promete um Salvador que será capaz de mudar nossos corações. Qual é o clímax? Que Ele nos visita como um homem de carne e sangue, aceitando a morte na cruz a fim de levar sobre si o fardo de nossa rebelião e distanciamento. Qual é a resolução? Que confiando nesse Deus-homem como aquEle que leva os nossos pecados, podemos ser perdoados e começamos a ser transformados. E qual é o final? Que um dia no céu, a comunhão do seu povo estará perfeita e permanentemente unida a Ele, como uma noiva está unida ao marido.

Essa história é a base de todas as histórias, o único contexto em que nossas próprias vidas e conflitos podem fazer sentido. Por causa do pecado, temos tentado escrever sozinhos fora da história de Deus; por Jesus, podemos ser escritos novamente por Ele. É isso que os jovens cristãos precisam saber.

O que eles Precisam Ouvir sobre as Razões para a Lei de Deus

Um jovem que deseja saber se as leis de fato vêm de Deus precisa de mais do que textos das Escrituras. Ele não está perguntando: "A Bíblia ensina essa lei?", mas "Por que essa lei é boa?" Em nossa época a questão quase não surge por causa de roubos (exceto pelo governo), tortura (exceto pelo aborto) ou abandonar ídolos (exceto o "eu"). Ela surge por causa do sexo. Paradoxalmente, para entender as proibições relacionadas ao sexo uma pessoa necessita entender por que o sexo é *bom*, e isso é algo que os estudantes cristãos nunca ouviram. O cristianismo tem uma visão do sexo mais elevada do que qualquer outra religião. É por isso que também tem as regras mais rígidas sobre isso. Algo tão importante deve ser tratado cuidadosamente.

Como você pode explicar isso aos jovens cristãos?[4] Eles precisam aprender que o primeiro bem é a *procriação*, que significa mais do que gerar bebês. Isso também significa educar crianças no amor e temor de Deus. Você pode concebê-las sem um compromisso conjugal, mas não pode criá-las dessa forma. O compromisso também deve ser permanente, porque o conhecimento de que sua parceria procriadora continuará afeta sua qualidade no presente. Além disso, quando as crianças crescerem terão filhos, e os filhos dos filhos precisarão dos pais de seus pais também. Essa é uma questão de grande importância. Toda criança é uma imagem de Deus que um dia será mais velha do que as estrelas são hoje.

Cristãos universitários precisam aprender que o segundo grande bem é a *união*. No casamento, a união sexual leva cada cônjuge a deixar o "eu" de lado pelo bem do outro. O sexo solitário não pode conseguir isso; ele o mantém trancado no "eu". A relação homossexual não pode conseguir isso; ela conduz a pessoa, de modo narcisista, a um reflexo do "eu". Nem o sexo casual pode conseguir isso; ele continuamente une e separa, une e separa. Imagine como seria amputar e reimplantar seu braço várias vezes. Chegaria um dia em que nenhum cirurgião no mundo seria suficiente; o poder unitivo de seu corpo teria chegado ao fim. É o mesmo que acontece se você rompesse e reatasse diversas vezes com seus vários parceiros sexuais. No fim, todos pareceriam estranhos, e você simplesmente não sentiria nada. Você teria destruído sua capacidade de ter intimidade.

Ensine os jovens que o terceiro grande bem é o *mistério*. Esse bem é percebido somente quando os cônjuges pertencem a Cristo, pois tornam-se um *símbolo vivo* de seu amor sacrifical pela Igreja e da responsabilidade que a Igreja tem de adorá-lo. Paulo tem tanto respeito que chama o matrimônio de um dos mistérios de Deus: "Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja" (Ef 5.32). As pequenas demonstrações de humildade e o sacrifício mútuo do marido e da esposa são um treinamento para a união celestial entre Cristo e sua Igreja; o respeito em sua noite de núpcias e o enlevo em seus abraços, uma parábola.

O que eles Precisam Ouvir sobre as Falsas Ideologias Espreitadas por trás das Tentações

Existem duas formas de proteger os jovens cristãos contra a sedução ideológica. A primeira é antecipar e contestar as ideologias que eles têm mais chance de enfrentar. Por exemplo, comentei anteriormente que o *slogan* "Sexo é como todas as outras coisas; para fazer a escolha certa você tem de experimentar" expressa uma filosofia de conhecimento. Uma vez que identifiquem essa filosofia, você pode colocá-la no banco das testemunhas e começar a interrogá-la. Será mesmo verdade que a única maneira de saber alguma coisa com certeza é a experiência pessoal? Existem alguns casos em que a experiência pessoal trabalha *contra* o conhecimento? (Que tal o suicídio e o uso de drogas?) Será mesmo verdade que o teste da experiência é como você se sente? Você já se sentiu bem acerca de algo que depois se tornou ruim?

Você nunca será capaz de antecipar e contestar cada sedução ideológica. Assim, uma forma ainda melhor de preparar os jovens cristãos é ensiná-los a identificá-las sozinhos. Para que pratiquem, proponha algumas "frases". Depois de cada frase, pergunte: "Que filosofia está por trás dessa frase?" Deixe-os conduzir o interrogatório. Encoraje-os a desenvolver o discernimento, de modo que o senso espiritual e intelectual lhes mostre que alguma coisa está errada.

O que eles Precisam Ouvir sobre os Desejos e Armadilhas de seus Corações

Jeremias observa: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?" (Jr 17.9) Infelizmente, isso também é verdade em relação aos cristãos. Nossa velha natureza de-

caída continua a competir com a vida cristã que está se formando em nós; podemos mortificar nossa velha natureza, como Paulo nos exorta (Rm 8.13; Cl 3.5), mas mesmo assim ela se contorce com uma vida agitada. Até chegarmos ao céu, quando nossa santificação será completa, seremos propensos à auto-ilusão.

Uma jovem, certa vez, pediu-me uma carta de recomendação para um seminário teológico. Perguntei-lhe por que desejava ingressar no seminário. Ela contou-me que estava desesperada para conservar sua fé, mas estava se afogando em perguntas sem respostas; ela esperava encontrar essas respostas no seminário. Porém, quando atentei para sua forma de aplicação, descobri que ela havia escolhido um dos seminários mais fora do comum no país, um covil de descrença. Durante a conversa, fiquei sabendo que em seu último ano na faculdade ela evitara assistir a aulas de professores cristãos (que são bem raros em qualquer caso), procurando, ao contrário, professores notórios por sua aversão à fé. Além disso, quando lhe perguntei quais eram suas perguntas sem resposta, elas pareceram muito simples.

"Acho que você está enganada sobre seus motivos para ir ao seminário", disse-lhe. "Você não está se comportando como alguém que quer respostas, mas como alguém que deseja evitá-las. É possível que você esteja *buscando* razões para perder sua fé — que você esteja inventando uma crise dramática — a fim de que possa perder sua fé e depois dizer: 'Não pude fazer nada'?"

Minha experiência é que nenhum universitário perde sua fé a menos que deseje isso em algum momento; o deslize não está no intelecto, mas na vontade. Isso pode sugerir que seja fácil manter a fé. Não é bem assim: A dificuldade está em perceber o que realmente queremos, porque na verdade não queremos reconhecer isso. Estudantes universitários precisam aprender que nós pecadores não podemos confiar plenamente em nossas próprias percepções; todos devemos orar como Davi:

> Quem pode entender os próprios erros?
> Expurga-me tu dos que me são ocultos.
> Também da soberba guarda o teu servo,
> para que se não assenhoreie de mim;
> então, serei sincero
> e ficarei limpo de grande transgressão.
>
> *Salmos 19.12,13*

O que eles Precisam Ouvir sobre os Limites das Boas Intenções

Já expliquei um limite das boas intenções — elas podem não ser tão boas quanto pensamos. Mesmo quando são realmente boas, porém, não são suficientes.

Por exemplo, mencionei anteriormente o absurdo de um rapaz e uma moça que tinham toda intenção de permanecerem castos, mas passavam todos os momentos juntos longe de outras pessoas. O problema aqui não é apenas que eles não possuem o senso de sua própria fraqueza (que é o orgulho), mas no sentido de que estão se colocando contra o plano de Deus em vez da sexualidade humana (que é presunção). Ficar sozinho com o amado é *supostamente* excitante; foi assim que Deus nos criou. Estar a sós é o que uma pessoa busca com o cônjuge; é um precursor para o sexo. Ficar sozinho com o amado e tentar se controlar é como ligar o motor de um foguete e dizer: "Não decole!"

O que geralmente acontece depois é que o rapaz e a moça tentam lidar com o resultado da tentação orando juntos. Não consigo imaginar um modo mais rápido de terminar na cama, pois agora eles estão combinando o impulso sexual com o espiritual, e o motor passou de uma propulsão química para um impulso deturpado. [5] Nesse momento, é claro, suas boas intenções se tornaram *más*, porque eles se envolveram com um pecado particularmente atraente e podem achar difícil se arrepender. É nessa hora que a fé começa a parecer "irreal", e a melhor apologética no mundo não terá utilidade.

Essa história preventiva nos mostra que conhecer as razões para as leis de Deus não é o bastante (veja as páginas 110,111). Estudantes universitários também precisam de uma dose generosa de senso comum divino — o que Deus chama de sabedoria no livro de Provérbios.

O que eles Precisam Ouvir sobre Evitar Equívocos Sentimentais em Relação às Virtudes Cristãs

Minha geração carrega a maior parte da culpa por sentimentalizar o cristianismo. "Quando leio em Marcos como Jesus amaldiçoou a figueira, sinto-me mais próxima a Ele", disse uma mulher em um estudo bíblico. "Jesus é um pecador como eu!" Nenhum argumento pode convencê-la de que estava dramaticamente interpretando a passagem

de forma errada. "Sentimentos não são certos ou errados", declara o mantra enganoso, "eles apenas existem".

O sentimentalismo tem investido cegamente entre estudantes universitários. Considere a fé, por exemplo. Pelo fato de os jovens cristãos confundirem fé com sentimentos afetuosos por Deus, quando os sentimentos se esfriam eles acham que devem estar em meio a uma crise da fé. Logo isso se torna uma verdadeira crise de fé; como aqueles que se recusam a crer que não podem ver, eles se recusam a crer que não podem sentir.

Ou considere a esperança. Pelo fato de os jovens cristãos confundirem esperança com sentimento de otimismo, quando ouvem teorias que presumem que os seres humanos podem de alguma forma resolver seus problemas e "salvar a si mesmos", acham que devem concordar. A esperança então se torna complacente acerca do curso do fragmentado mundo de hoje — ou uma idolatria utópica do "espírito humano".

Por fim, considere a maior virtude espiritual, a saber, o amor. Pelo fato de os jovens cristãos confundirem amor com tentativa de entrar no sentimento do próximo, quando pessoas que aderem a estilos de vida desordenados expressam sentimentos de dor e raiva, "sentem" que deveriam ficar do lado delas. Nunca lhes ocorreu que a dor pode ser auto-infligida, ou que a raiva pode ser uma forma de evitar a verdadeira questão. Isso ajuda a explicar por que os movimentos pelos direitos dos homossexuais podem ser uma fonte de angústia para os jovens cristãos.

O que os jovens membros de sua igreja precisam ouvir é que as virtudes espirituais não são sentimentos, mas profundas disposições da mente e da vontade. Fé significa continuar a crer e a confiar nas promessas de Deus, mesmo quando o sentimento de confiança está hesitante; Deus usa as estações frias de nossos sentimentos para nos exercitar como um músculo. Esperança significa fixar nossos olhos no céu mesmo quando o sentimento de convicção se enfraquece; "agora, vemos por espelho em enigma; mas, então, veremos face a face" (1 Co 13.12). Amor significa agir pelo verdadeiro bem de outras pessoas, mesmo quando seus corações desejam aquilo que envenena a alma e elas ouvem as palavras de amor como se fossem de ódio.

O sentimento é areia movediça. Você pode ter sentimentos afetuosos por Deus sem fé, pode ter sentimentos de otimismo sem esperança, e pode ter sentimentos de simpatia sem amor. Nosso Deus não é areia; Ele é uma Rocha.

O que eles precisam Ouvir sobre a Relação entre Fé e Conhecimento

Se os professores universitários seculares mencionam a fé, tratam-na como o oposto do conhecimento; eles acham que significa acreditar em algo sem qualquer razão. A partir desse ponto de vista, parece que a fé impede a busca da verdade; ela fica no caminho do raciocínio. Muitos de nossos estudantes universitários aceitam isso como verdade.

As pessoas que dizem não confiar na fé, mas apenas na razão não consideraram com cuidado o que é a razão. A própria razão depende da fé. Como assim? Fácil. Suponha que você tente provar, não pela fé, mas só pela razão, que a razão funciona. Você não conseguiria. A única maneira de mostrar que a razão funciona seria raciocinar sobre ela. Mas nesse caso você estaria aceitando antecipadamente o que delimitou para ser provado — a confiabilidade da razão. Argumentos circulares não provam nada. Então como sabemos que a razão funciona? Confiamos nisso. Pela fé.

Esse argumento não é o mesmo que dizer que nenhuma boa razão pode ser dada ao raciocínio. Muitas boas razões podem ser dadas ao raciocínio e a outras coisas importantes. Devemos prestar atenção nelas. O ponto é que ter boas razões não elimina a necessidade de se confiar. Agostinho entendeu isso muito bem; ele disse: "Acredito a fim de saber". Se você não acredita em algo, nunca entenderá nada.

Um exemplo que muitos estudantes compreendem vem do conhecimento relacional. *Sei* muitas coisas sobre minha esposa que nunca teria aprendido a menos que tivesse *confiado* nela o suficiente para assumir um compromisso irrevogável com ela — o relacionamento matrimonial. O matrimônio, então, é um compromisso de fé. De fato, antes de saltar, eu tinha boas razões para achar que havia um terreno sólido do outro lado. Mas eu não podia *vê-lo*; nem mesmo centenas de boas razões teriam feito disso outra coisa além de um salto. Somente *confiando* nela eu poderia *saber* que minha confiança havia sido justificada.

Por que saltar então? Por que confiar em algo? A opção de não confiar não está disponível. Recusar-se a saltar é acreditar que você estará certo se apenas permanecer onde está — e isso também é um salto. A diferença não está entre saltar ou não, mas entre um salto que se reconhece como um salto e um salto que finge não ser um salto.

O que eles Precisam Ouvir sobre o Julgamento Moral

"Como você ousa *julgar* minha opinião?" "Expressando sua fé, você está me *julgando.*" "Que hipócritas são vocês, cristãos. Jesus lhes disse para não *julgar,* mas vocês *julgam* mais do que quaisquer outras pessoas."

É absurdamente fácil destruir esses enganos. Quando Jesus disse "não julgueis", não queria dizer que não era para julgarmos opiniões como verdadeiras ou falsas (pois Ele fez isso o tempo todo), nem para julgarmos comportamentos (Ele fez isso também), ou mesmo julgamentos de caráter (lembre-se do que Ele disse acerca dos fariseus). Ele queria dizer que não devemos nos ocupar antecipadamente do juízo final de Deus no fim da história, quando os salvos serão separados dos não-salvos; não devemos tratar ninguém como se estivesse fora do círculo do amor de Deus. Paulo apresenta a questão da seguinte forma: "Portanto, nada julgueis antes de tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas e manifestará os desígnios dos corações" (1 Co 4.5). Jesus dá o exemplo disso. Suas últimas palavras à mulher adúltera foram: "Nem eu também te condeno; vai-te e não peques mais". Ele não a condenou, embora obviamente "julgou" que ela havia pecado.

Se esses enganos são tão fáceis de se destruir, então o que lhes dá tanto apoio entre os jovens? Eles nunca ouviram a distinção expressa no *slogan* "Odeie o pecado, mas ame o pecador"? Sim, já ouviram. Então qual é o problema? O problema é a falsa ideologia de "política de identidade", que se recusa a permitir a distinção entre pecado e pecador, em primeiro lugar. Considere, por exemplo, os ativistas homossexuais. Eles fazem de sua sexualidade e comportamento a própria base de quem eles são. Se um jovem cristão diz a um ativista: "Não estou condenando você, mas demonstrando meu amor — estou tentando dizer que o que você faz está provocando a sua morte", ele responde: "Seu amor não faz sentido. Eu sou o que faço. Julgando o que faço, você está me condenando".

Para capacitar estudantes cristãos a não perderem a cabeça em tais confrontos, você deve acrescentar dois elementos a sua preparação. Primeiro, para proteger o entendimento deles, é necessário que eles saibam que nenhum ser humano tem a liberdade de construir sua própria identidade. Deus já definiu a nossa identidade — não só por palavras (embora as palavras dEle tenham poder). Ele tem dado a cada ser humano uma identidade pela criação (veja Gn 1.26,27; 9.6), e Ele tem dado a cada

crente uma identidade mais profunda pela redenção.[6] Segundo, para guardar o coração deles, é necessário que façam distinção entre o amor ao próximo e o desejo compreensível de ter esse amor bem recebido pelo próximo. Não há uma garantia de que o verdadeiro amor seja reconhecido como verdadeiro pela pessoa amada (veja Mt 5.11,12). Devemos agradar a Deus, e não às pessoas (veja Gl 1.10; 1 Ts 2.4).

O que eles Precisam Ouvir sobre Ataque e Defesa

É verdade que estudantes universitários excedem em número os seus colegas não-crentes, mas "se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Rm 8.31) Quando cristãos não precisam ter medo da perseguição violenta, ainda que nessa parte do mundo, alguns esperam que o mundo torne-se um amigo. Então eles passam rapidamente a buscar a aprovação do mundo em vez da aprovação de Deus. Quando um colega de classe ou um colaborador tira sua visão, eles se tornam vazios.

A estratégia de resistência aqui não é exortar os jovens a resistir a pressão rival; isso não pode ser feito, e não precisa ser feito. Não pode porque todas as pessoas se importam com o que seu "grupo de referência" pensa sobre elas. Não precisa porque a pressão é boa — se for o tipo certo de pressão vindo do tipo certo de rivais! Nosso grupo de referência deve ser nossos irmãos e irmãs em Cristo.

Também é verdade que cristãos universitários estão menos preparados intelectualmente do que seus professores não-crentes. Se eles já soubessem tudo o que seus professores sabem e desenvolvessem todas as habilidades que seus professores já desenvolveram, não estariam estudando. Mas eles têm duas grandes vantagens, cuja importância eles raramente percebem. Uma é que a pressuposição que forma a base das visões de mundo anticristãs de seus professores é falsa; elas não correspondem à realidade. A outra é que seus adversários se iludem. A defesa da mais profunda inverdade é tão difícil que os defensores são levados muitas vezes a dizer coisas tão ilógicas que eles mesmos não conseguem acreditar de fato. O segredo é mostrar que estão *blefando.*

Como jovens "Davis" podem vencer tais "Golias" será explorado nas duas seções a seguir. Acima de tudo, porém, eles precisam ser lembrados de que a melhor defesa da fé — faça disso a única defesa da fé — é um bom (embora humilde) ataque. Uma forma de pastores e líderes alcançarem esse ponto é fazer com que os estudantes universitários relacionem os itens que Paulo inclui na "armadura de Deus" (Ef 6.10-18):

o cinto da verdade
a couraça da justiça
os pés calçados com a preparação do evangelho da paz
o escudo da fé
o capacete da salvação
a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus
e a oração (a qual parece unir todos os outros itens)

Agora faça-lhes essa pergunta: Que parte do corpo fica desprotegida? Resposta: Nenhuma proteção para as costas é mencionada. Todas são para a parte frontal. O significado é óbvio. Deus não pretende que seu povo vire as costas para o adversário. Ele deseja que avancemos quando pudermos e fiquemos parados quando for preciso, mas nunca que recuemos.

A mesma questão é apresentada no clássico de John Bunyan *O Peregrino*, quando Cristão, o herói da história, encontra um inimigo mais forte do que ele.

> Mas agora nesse Vale de Humilhação, o pobre Cristão se viu em situação difícil; ele havia seguido um curto caminho quando viu um demônio asqueroso vindo pelo campo para encontrá-lo; seu nome era Apolion. Então Cristão começou a ficar com medo, e a pensar se deveria voltar ou permanecer. Mas ele considerou novamente e lembrou-se de que não tinha nenhuma arma para as costas; e por essa razão achou que voltar as costas para ele lhe daria maior vantagem pela facilidade de feri-lo com seus dardos. Como conseqüência, decidiu enfrentar e ficar onde estava; pois, pensou, eu não tinha nada mais em vista do que salvar a minha vida, seria melhor permanecer.[7]

O que eles Precisam Ouvir sobre o Compromisso de Fé de seus Adversários

Ninguém tem a opção de não ter fé; a única questão real é se temos fé *nisso* ou *naquilo*. Portanto, quando jovens cristãos ouvem de seus professores ou colegas de classe que a fé não tem espaço na vida da mente, os pastores devem lembrá-los do compromisso de fé daqueles que dizem essas coisas.

Na área das ciências humanas, por exemplo, muitos professores serão pós-modernistas. Os pós-modernistas se orgulham de sua "desconfiança em metanarrativas", sua convicção de que ninguém enten-

de a Grande História corretamente (a história sobre quem somos, de onde viemos, por que estamos aqui, etc.). É claro que os pós-modernistas sempre fazem uma exceção sutil para sua *própria* Grande História, a história de que ninguém entende a Grande História corretamente. O que eles querem dizer, na verdade, é que *ninguém* entende a Grande História corretamente. Como eles conseguem justificar a exceção? Se ninguém entende, como eles entendem de maneira correta? A resposta é que eles não justificam a exceção; raramente eles admitem isso. A sutil exceção baseia-se em uma fé sutil de que todas as pessoas são estúpidas, exceto eles. De fato, esse é apenas o tipo de fé que eles escarnecem, porque não podem dar uma razão para isso. É por isso que a exceção é sutil.

O compromisso de fé dos pós-modernistas não é particularmente difícil para os estudantes apontarem. Muitos estudantes o identificam. Porém, eles pensam: *Isso não pode estar certo. É simplesmente idiota demais. Deve haver mais no pós-modernismo, além disso. Não devo ter entendido o professor direito. É tolice demais.*

Nas ciências encontramos com mais freqüência um compromisso de fé diferente, a saber, a convicção de que a natureza — natureza material — é tudo o que existe. Os cristãos poderiam chamar isso de uma crença na criação sem um criador. Filósofos chamam de naturalismo, ou materialismo. Confrontados com o suporte das evidências científicas de um projeto inteligente,[8] os naturalistas não respondem com contraprovas; eles simplesmente determinam a evidência sem uma ordem. Isso não pode ser considerado uma evidência, dizem, porque a ciência considera apenas explicações naturalistas. Você acha que a ciência estava seguindo a evidência aonde quer que se conduza? Que tolice a sua, eles acham. Como Richard Lewontin de Harvard, escreveu:

> Nossa prontidão para aceitar asserções científicas que são contrárias ao senso comum é o segredo para um entendimento da real batalha entre a ciência e o sobrenatural. Ficamos do lado da ciência *apesar* do patente absurdo de alguns de seus constructos, *apesar* de suas falhas em cumprir muitas de suas promessas extravagantes de saúde e vida, *apesar* da tolerância da comunidade científica para com histórias de insucesso, porque temos um compromisso anterior, um compromisso com o materialismo. Não é que os métodos e as instituições da ciência de alguma forma nos obriguem a aceitar uma explicação materialista do mundo sobrenatural, mas, ao contrário, que somos forçados por uma adesão *a priori* a causas materiais

> a fim de criar um aparato de investigação e um conjunto de conceitos que produzem explicações materialistas, não importa quão contra-intuitivo e quão mistificador seja. Além disso, o materialismo é absoluto, pois não podemos permitir um passo divino na porta.[9]

É uma boa lista de "apesar de". O compromisso de fé naturalista é tão fácil de ser identificado quanto o compromisso de fé pós-modernista, e também irracional: Você não pode dar uma boa razão para algo se o fundamento disso é recusar-se a considerar todas as evidências. Nem toda fé é cega, mas a fé naturalista é — pela hostilidade cega quanto à possibilidade de Deus.

O que eles Precisam Ouvir sobre Desmascarar Enganos

Todo desmascaramento intelectual bem-sucedido tem duas partes — o ato de desmascarar e o seguimento. Veja um exemplo. O enganador diz: "A moralidade é toda relativa em qualquer caso. Como sabemos que assassinar é um erro?" Você pergunta: "Nesse momento, você tem alguma dúvida de que assassinar seja um erro?" Ele responde: "Bem, não". Agora que você o desmascarou, diga: "Bom. Então vamos conversar sobre algo a respeito de que você realmente tenha dúvida". Esse é o seguimento.

Veja outro exemplo. O enganador diz: "Ninguém sabe verdade alguma". Você responde: "Se você realmente acredita nisso, não deveria falar assim". Ele replica: "Por que não?" Você responde: "Porque você não saberia se isso é verdade!" Agora que você o desmascarou, prossiga. "Então deixe-me fazer uma pergunta: O que você ganha ao *fingir* que acha que ninguém sabe verdade alguma?"

Às vezes o desmascaramento e o seguimento podem ser combinados. Por exemplo, o enganador poderia dizer: "Ok, então você me pega falando algo que não tem sentido. E daí? Não preciso da verdade, e não preciso de sentido". Você replica: "Não acredito em você, porque nós dois sabemos que o anseio pela verdade e pelo sentido está profundamente instalado em todo intelecto, no seu e no meu. A questão, portanto, é a seguinte: O que você está tão desesperado para possuir que o deixa disposto a desistir até mesmo do sentido de alcançar?"

Jovens cristãos dificilmente são bem-sucedidos no desmascaramento de seus adversários. Qualquer um pode perder uma oportunidade, mas o verdadeiro problema é mais profundo,

isto é, eles não sabem como. A razão por que não sabem como desmascarar um engano é que não sabem apontar um engano, em primeiro lugar. Para apontar um engano, eles teriam de saber que o enganador estava dizendo algo que na verdade não fazia sentido para eles mesmos. Para fazer isso (a menos que pudessem ler a mente), teriam de saber que existem certas coisas que todo o mundo realmente sabe. Com raras exceções, cristãos na fase universitária não sabem que existem certas coisas que todo o mundo realmente sabe. Você precisa lhes contar.

O termo teológico para "o que todo o mundo realmente sabe" é *revelação geral*. A revelação geral é o que Deus revelou não diretamente, por intermédio da Bíblia, mas de forma indireta, à parte dela. Isso não é uma doutrina antibíblica; a própria Bíblia diz que Deus não ficou sem uma testemunha entre os não-crentes. De fato, Ele deixou pelo menos seis testemunhas entre eles, e os jovens cristãos precisam aprender a apelar a cada um deles.[10]

A testemunha da *consciência* está escrita no coração (Rm 2.15), e embora possa ser detida (veja Rm 1.18), nunca pode ser apagada. A testemunha do *anseio por Deus* sussurra a todas as pessoas que seus ídolos nunca poderão salvá-las, mas que existe um "Deus Desconhecido" que pode (veja At 17.22-32). A testemunha das *obras das mãos* de Deus proclama a glória do Criador pela criação — não só nos céus (veja Sl 19.1-6; 104; At 14.17; Rm 1.20), mas também em suas imagens, a saber, nós mesmos (veja Gn 1.26,27; 9.6; Sl 139.13,14). A testemunha da *conseqüência* é que todo pecado está ligado a conseqüências; aquilo que semearmos, colheremos (veja Pv 1.31; Jr 17.10; Os 10.12; Gl 6.7). A testemunha da *ordem prática* surge de nossas observações e trabalhos no mundo natural feito por Deus. Por exemplo, um fazendeiro experiente sabe que determinadas maneiras de se fazer certas coisas cooperam com a ordem natural, enquanto outras "vão contra a natureza" e falham (veja Is 28.23-29). Finalmente, a testemunha de nosso *projeto* é o testemunho da ordem prática aplicada a nós mesmos, pois algumas intenções de Deus são refletidas na "planta" de nossa natureza física, intelectual e emocional — seja na natureza geral que homens e mulheres compartilham, seja na natureza especial que Deus concede a cada um.[11] Essas questões exigem longas reflexões.

A revelação geral é paradoxal porque por um lado os não-crentes a conhecem, mas, por outro, tentam se convencer de que não a

conhecem. Eles se iludem. Ao entender o que a Bíblia ensina sobre a revelação geral, atingimos uma vantagem estratégica: *Nós* sabemos que eles sabem melhor do que *eles* sabem o que sabemos. É por isso que um cristão universitário pode aprender a desmascarar seus enganos.

ENTÃO PODEMOS PROTEGÊ-LOS?

Eles vão para a faculdade. Podemos protegê-los? Sim! A lealdade a Jesus Cristo é atacada em todo tempo e em todo lugar; não é em vão que os pais da Igreja Primitiva falaram da igreja militante. No entanto, Deus conduz seu povo por toda tribulação, e os portões do inferno não prevalecem.

Assim como a arte da batalha física muda de época em época, também acontece com a arte da batalha espiritual. Estamos passando por outra transformação. Infantaria não está à altura de carros de ferro, nem carros de ferro estão à altura de aviões à jato. Da mesma forma, as armas apologéticas e catequéticas que serviam aos jovens cristãos durante o Iluminismo devem ser remodeladas para enfrentar os desafios da pós-modernidade. Seus pastores e líderes devem mostrar-lhes como usar essas ferramentas.

Provavelmente, é verdade que os pastores hoje devem ser mais conscientes acerca dessas questões do que no passado. Acreditou-se um dia que a cultura era cristã. Hoje a própria igreja nominal é um campo missionário. Pastores em seus próprios países e congregações freqüentemente devem ser como embaixadores em terras estrangeiras.

Assim, a cultura era mesmo cristã? Talvez não. Talvez no passado seus ataques e tentações foram meramente mais difíceis de se reconhecer porque *pareciam* cristãos. Hoje, pelo contrário, eles são óbvios. Isso não é ruim; um ataque que pode ser visto é combatido com mais facilidade.

Podemos proteger nossos universitários. Não por nossa capacidade, mas pela graça de Deus. Foi Ele que deu a mente aos jovens, e é Ele que pode transformá-los e reivindicá-los como seus. Ele protegeu um povo para si em meio a guerras e fomes, em meio a invasões e inundações, em meio a exílios e perseguições. Ele guardou suas almas sob as espadas de seus imperadores pagãos — e se apenas lhe servirmos fielmente, Ele guardará nossos estudantes universitários sob o escárnio de seus professores.

Questões para Reflexão e Debate

1. Por que é tão importante que os estudantes cristãos tenham uma eclesiologia sólida — um firme entendimento da natureza da igreja?
2. Por que é tão importante que os estudantes cristãos revisem seu entendimento da relação entre fé e razão?
3. Por que é tão importante que os estudantes cristãos aprofundem seu entendimento da revelação especial?
4. Por que é tão importante que os estudantes cristãos adquiram um entendimento da revelação geral?
5. Por que é tão importante que os estudantes cristãos tenham um senso comum cristão — o que a Bíblia chama de sabedoria?
6. O que significa desmascarar o engano de um professor? Isso pode ser feito com gentileza e respeito, como a Bíblia nos instrui em 1 Pedro 3.15?

Capítulo 8

Questões e Abordagens no Trabalho com Estrangeiros

Dean C. Halverson

Para muitos americanos, encontrar-se e conversar com pessoas de outras nações tornou-se parte de sua vida diária. Tal diversidade não surpreende: segundo o Censo Bureau nos Estados Unidos, em 1997 aproximadamente 1 em cada 10 residentes era estrangeiro (25,8 milhões).[1] Os Estados Unidos estão realmente vivendo com intensidade sua reputação de concentrar várias nações.

Para aumentar a diversidade, existem mais de 65.000 alunos estrangeiros estudando nas escolas e universidades dos Estados Unidos, e a maioria deles está ali apenas temporariamente, enquanto conquistam o Ensino Médio ou graduação. Quando completarem os estudos, a maioria deles voltará para o seu país a fim de tornar-se voz de influência entre o seu povo.

Quando a maioria dos cristãos pensa em missões, imagina terras estrangeiras. Porém, por intermédio de imigrantes e estudantes estrangeiros, Deus trouxe o campo missionário estrangeiro para a porta da igreja americana. Deus tem dado aos cristãos americanos uma surpreendente oportunidade de alcançar o mundo para Ele sem precisar viajar para além das fronteiras de seu próprio país — ou comunidade. Uma coisa é saber que existem estrangeiros entre nós; outra coisa bem diferente é saber como alcançá-los com o evangelho.

Como partilhamos o evangelho com pessoas que vêm de religiões e visões de mundo como o hinduísmo, o budismo, o islamismo ou até o ateísmo, que são tão diferentes da nossa? É onde a apologética começa a funcionar.

A apologética prática não deve estar separada do evangelismo, mas, em vez disso, deve ser vista como uma parte vital do processo evangelístico. E quando falamos de partilhar o evangelho com estrangeiros, o evangelismo deve, de fato, ser visto como um processo, não como um evento que ocorre de uma vez.

Geralmente, a parte inicial do processo de evangelismo não deve ter nada a ver com uma defesa intelectual do evangelho, mas deve ter tudo a ver com estabelecer uma amizade. Uma das críticas mais comuns que estrangeiros fazem aos americanos é que, embora eles sejam amigáveis inicialmente, sua amizade não se aprofunda. Na cultura original dos estrangeiros, amizade significa mais do que ter uma familiaridade com uma pessoa; significa passar tempo com ela.

Fazer amizade leva tempo e requer compromisso. Às vezes pode não ser conveniente, mas, no entanto, é uma parte essencial do processo de evangelismo para estrangeiros. Enquanto a amizade é estabelecida, estamos construindo uma ponte de confiança que será capaz de suportar o peso da verdade.

Fazer amizade significa ajudar os estrangeiros a se estabelecerem no novo ambiente. Isso quer dizer integrar os estrangeiros em atividades familiares. Isso não é apenas perguntar sobre suas vidas — como seus parentes que ficaram no país de origem, sua cultura, seus feriados, sistema educacional, religião e seus interesses — mas também partilhar nossa vida com eles. Quando conversarmos com estrangeiros, precisamos encontrar um equilíbrio entre fazer perguntas e partilhar a nossa vida. As pessoas compartilham melhor quando isso é feito no contexto de uma conversação que flui naturalmente, em ambos os lados, expondo-se pensamentos e experiências.

Enquanto a amizade é estabelecida, precisamos deixar que o Espírito Santo nos oriente acerca de quando devemos partilhar a nossa fé com o nosso amigo estrangeiro de modo sensível e não coercivo. Uma forma natural de conduzir a conversa a questões espirituais é perguntar ao nosso amigo sobre a religião em seu país, e então perguntar sobre suas crenças. Não pense que as pessoas concordam com todos os pontos só porque vêm de um país muçulmano ou hindu.

Elas provavelmente terão algumas opiniões particulares que diferem dos padrões de ensinamento de sua cultura religiosa.

Uma pessoa que trabalha com estrangeiros fez essa pertinente observação:

> Fazer perguntas pode ser absolutamente crítico. Aprender a perguntar é a estratégia mais libertadora e eficaz que aprendi ao longo dos anos. Isso nos livra da pressão de ter que descobrir a visão de mundo do outro, e lhe dá uma oportunidade de identificar "pontos de entrada" na conversa. Também mostra respeito e valor pela opinião da outra pessoa. Além disso, eu costumava ficar — e a maioria dos cristãos americanos fica — nervoso em relação ao evangelismo, precisamente porque eu o via, em primeiro lugar, em termos de "relatar" em vez de "perguntar". O poder de uma boa pergunta estimular a mente é imenso.[2]

Enquanto seu amigo estrangeiro estiver falando sobre suas crenças, ouça as palavras-chave que revelam o que ele está procurando na religião. Ele pode estar em busca de perdão, orientação, sentido, satisfação, base moral, força para mudar moralmente, comunhão com Deus ou certeza acerca do que vai acontecer depois da morte. Então compartilhe seu testemunho. Se puder fazê-lo de maneira que se relacione ao que seu amigo está buscando é melhor, mas não force seu testemunho a tomar a forma de algo que ele não é. Ou as palavras do estrangeiro podem revelar que ele está em busca de nada mais do que a realização de um sonho. Precisamos ser pacientes com pessoas apaixonadas pelo materialismo, enquanto esperamos por um momento de crise em suas vidas.[3]

Nunca subestime o poder de sua vida de transmitir o evangelho. Como cristão você é o representante de Cristo para seus amigos estrangeiros. Seus atos de bondade, como levar-lhes um tabuleiro de biscoitos, dirá tudo. Além disso, peça-lhes permissão para orar com e por eles. Ao verem Deus trabalhar em suas vidas, serão atraídos por Ele. Acima de tudo, tenha certeza de que não há restrições à sua amizade. Ela não deve estar limitada à conversão de seu amigo estrangeiro à fé cristã.

APOLOGÉTICA COMO ATRAÇÃO

Quando lidam com uma pessoa que tem uma religião ou visão de mundo diferente, a tendência de muitos cristãos é responder prematuramente a perguntas que a pessoa ainda nem fez. Nós antecipamos

que, como elas são muçulmanas, hindus ou budistas, terão certas objeções ao cristianismo. Assim, com freqüência colocamos tais perguntas em suas bocas prematuramente. Elas podem, de fato, ter essas questões, mas, por outro lado, podem não ter. Deixe os não-crentes apresentarem suas perguntas e objeções; não precisamos fazê-lo. Nosso papel inicial deve ser tornar atraente a idéia de conhecer a Cristo. Nós, como cristãos, devemos ser tão convictos quanto aos nossos sentimentos por conhecer a Deus que o estrangeiro será atraído por um relacionamento como esse.

Amplie o Pensamento dele sobre Deus

Alguns estrangeiros mostram uma certa complacência quanto a Deus. Não é tanto, a ponto de não crerem nEle, mas conhecer a Deus e ter um relacionamento pessoal com Ele não é um forte desejo ou necessidade que sintam. Simplesmente, isso não é uma prioridade. Para outros, a expectativa de terem que apresentar-se a Deus em um julgamento não é um bom negócio. Com certeza, cometemos erros, porém muitos estrangeiros acreditam que a maioria das pessoas é basicamente boa assim como Deus é amor no coração, na verdade não deve haver problema algum ao nos apresentarmos a Ele. Acreditar de outra maneira, dizem, é retratar a Deus como intolerante e não amoroso. E então existem os ateístas-evolucionistas que acreditam que, quando morremos, simplesmente deixamos de existir, e isso é tudo. Diante de tais atitudes, às vezes é melhor deixar as pessoas chocadas, tirá-las de seu confortável pensamento sobre Deus e a perspectiva de estar frente a frente com Ele.

Um lugar em que você pode encontrar terreno comum para iniciar uma discussão dessas é o livro *Contact* (Contato), do cientista ateísta Carl Sagan. Nesse livro, Sagan apresenta Ellie, o personagem principal, fazendo a seguinte afirmação:

> Os teólogos parecem ter percebido um aspecto do sentimento de sagrado ou santo especialmente não-racional — eu não diria irracional. Eles o chamam de "numinoso". O termo foi usado pela primeira vez... deixe-me ver... por alguém chamado Rudolph Otto, em um livro de 1923, *The Idea of the Holy* (A Idéia do Sagrado). Ele acreditava que os humanos eram predispostos a descobrir e reverenciar o numinoso. Ele chamava isso de *misterium tremendum*...
> Na presença do *misterium tremendum*, as pessoas se sentem comple-

> tamente insignificantes, mas, se li de maneira correta, não alienadas pessoalmente. Ele pensava no numinoso como algo "totalmente diferente", e na resposta humana a isso como "absoluta perplexidade". Agora, se é sobre isso que as pessoas religiosas conversam quando usam palavras como sagrado ou santo, estou com elas.[4]

"Completamente insignificante", "totalmente diferente", "absoluta perplexidade" — Ellie diz que se é isso que as pessoas religiosas querem dizer quando falam sobre suas experiências com o sagrado ou santo, então ela está com elas. E é exatamente esse tipo de Deus que encontramos na Bíblia. Por exemplo, Deus disse a Moisés em Êxodo 33.20: "Não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá". E Paulo descreveu a Deus como alguém que "habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver"(1 Tm 6.16). Um Deus que diz "ninguém pode me ver e viver" e que "habita na luz inacessível" é, de fato, "totalmente diferente" e nos encheria de "absoluta perplexidade".

Contudo, também devemos entender que, embora esse Deus decerto seja o sagrado por quem ansiamos, não temos o direito "automático" de permanecer em sua presença. A idéia de que nós como seres finitos sermos capazes de permanecer na presença de um Deus infinito — aquEle que tem sua existência em si mesmo — é tão inverossímil quanto sermos capazes de ficar a um metro do sol sem que sejamos incinerados.

É um paradoxo, entretanto, que um Deus como esse seja exatamente o tipo de Ser que nos satisfará. Como pode ser isso? Porque só esse tipo de Deus é digno de nosso desejo de conhecê-lo por toda a eternidade. Nunca conseguiremos medir a profundidade de um Deus tão infinitamente impressionante. Se nos fixarmos por qualquer coisa menor que Deus, estamos nos fixando por menos em nós mesmos, pois nunca poderemos nos erguer acima da natureza do que consideramos ser a realidade suprema. Se, por exemplo, dissermos que a realidade suprema é nada mais que matéria, que é o que os ateístas afirmam, então a implicação lógica é que nós mesmos somos nada mais que simples matéria. Ou se dissermos que a realidade suprema é uma unidade impessoal que está além de todas as distinções, que é no que os hindus acreditam, então nossa existência como pessoas perde seu valor. Mas se Deus é infinito em sua natureza e existência, nosso desejo de conhecê-lo nunca pose ser satisfeito por completo. Ouça as sábias palavras de um estrangeiro: "Se Deus fosse pequeno o

bastante para o entendermos completamente, não seria grande o suficiente para o adorarmos".[5] Mais uma vez, nós, como cristãos, precisamos ser tão convictos de nosso desejo de conhecer a Deus a ponto de o estrangeiro também ser atraído em conhecê-lo.

A Esperança em seu Interior

O apóstolo Pedro escreveu: "Estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós" (1 Pe 3.15). Como as palavras de Pedro revelam, existe um espaço para darmos respostas racionais às perguntas e objeções do não-crente. E muitos apologistas cristãos dirigem sua atenção, de modo quase exclusivo, a uma abordagem intelectual. Porém, não devemos falhar em ver — e, por meio disso, a viver — o fim para onde essas perguntas apontam, a saber, "a esperança que há em nós". Uma vida de esperança com base nas verdades do evangelho pode dizer tudo ao estrangeiro. Bill Mitchell, um membro da International Students, Inc., escreve: "Estou ficando cada vez mais convencido de que a esperança que temos, é que faz os estudantes olharem mais profundamente para nossas razões. Somos pessoas que exemplificam a esperança em nossa vida cotidiana?"[6]

O Princípio da Boa Notícia / Má Notícia

Um outro tema que atraí na mensagem cristã são as Boas Novas de Jesus Cristo, mas isso deve ser identificado no contexto de más notícias. Um dos ensinamentos que coloca o cristianismo separado de outras religiões e visões de mundo é a severidade do problema espiritual da humanidade. O evangelho cristão começa não só com más notícias, mas com notícias terrivelmente ruins. As más notícias não poderiam ser piores. A humanidade não só está ferida espiritualmente, mas também espiritualmente morta (ver Rm 5.6,8; 6.23; Ef 2.1). Outras religiões dizem que os seres humanos estão em má situação espiritual, porém estável, mas nos estabilizamos com nossa própria força. O hindu diria que nosso principal problema é que nos esquecemos quem somos em nosso verdadeiro "eu" divino, e que por meio de várias técnicas espirituais podemos recuperar essa consciência iluminada. O budista diria que nosso problema principal é estarmos ligado ao que não é permanente, o que nos causa sofrimento, mas podemos conser-

tar isso parando de desejar. O muçulmano diria que nosso problema principal é não seguirmos as leis de Deus, mas podemos corrigir isso nos esforçando para seguir essas leis. O secularista diria que nosso problema principal é não agirmos racionalmente, e tudo o que precisamos fazer é nos livrarmos da superstição religiosa e nos determinarmos a ver tudo a partir de uma perspectiva racional.

No cristianismo, contudo, não temos o poder de nos corrigir. Nós pecamos, e "o salário do pecado é a morte" (Rm 6.23a). Nossa situação é tão complicada quanto à de um homem se afogando no meio de um lago enorme e que, quando afunda pela terceira vez, grita: "Auto-ajuda, auto-ajuda!" Essa é a má notícia. A boa notícia é que o evangelho cristão termina com grandes boas novas: "mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor" (v. 23b).

O cristianismo, então, começa com más notícias e termina com boas novas. As outras religiões do mundo, ao contrário, começam com o que parece ser boas novas, mas terminam com más notícias. Uma das coisas que os cristãos precisam ouvir para quando estiverem conversando com alguém de outra religião ou visão de mundo é a maneira como a pessoa pode começar com um ensinamento que parece boas novas. Por exemplo, alguém pode dizer: "Deus é incondicionalmente amoroso para com todas as pessoas. Ele não julgará ninguém". Outra pessoa pode falar: "Acredito que existem vários caminhos que levam a Deus da mesma forma que vários caminhos levam ao topo de uma montanha". Todavia, as más notícias estão por trás dessas afirmações.

Considere a primeira declaração: "Deus é incondicionalmente amoroso para com todas as pessoas. Ele não julgará ninguém". Em outras palavras, Deus aceitará todas as pessoas em sua presença. Embora essa afirmação esteja de acordo com o espírito de tolerância de hoje, um Deus incondicionalmente amoroso de fato aceitaria todas as pessoas em sua presença, não importa as ações que praticaram na terra? Não há padrões morais para o amor de Deus? E como esse amor está relacionado à idéia de que Deus é santo? Considere as implicações lógicas da idéia de que Deus aceitará a todos e não julgará ninguém:

- Se Deus permitir todos em seu Reino da maneira como são moralmente, então significa que devemos permitir assassinos em massa, tais como Hitler, Stalin e Pol Pot, além de assassinos em série, em seu Reino. O Reino de Deus ainda seria o Paraíso ou seria o inferno?

- Se Deus permitir todos em seu Reino da maneira como são moralmente, significa que Ele fecha os olhos para suas ações. Essa aceitação não refletiria falhas no caráter de Deus? Gostaríamos de estar associados com um Deus como esse? Poderíamos confiar nesse Deus? Isso seria o céu ou o inferno?
- Se Deus é absolutamente santo e mesmo assim as pessoas são levadas à sua presença sem nenhuma mudança moral em seus corações, estar na presença de um Deus absolutamente santo não seria uma punição maior que o inferno para os pecadores?
- Se Deus permitir todas as pessoas em seu Reino, mas só depois de transformá-las em pessoas amorosas — não importa se desejam ou não ser transformadas —, Ele não estaria criando robôs sem livre-arbítrio? O valor de nossa condição humana não seria diminuído?[7]

Tais implicações são más notícias que acompanham as aparentes boas novas de que Deus ama a todos e não julgará ninguém.

Como cristãos, cremos que Deus nos ama incondicionalmente (as boas novas), mas somente por causa do alto preço que Ele pagou — a morte — pelas conseqüências de nossas ações pecaminosas (as más notícias). O amor incondicional de Deus baseia-se na condição de que a pena por nosso pecado foi paga em nosso favor por meio da morte vicária de Jesus Cristo.

Considere a afirmação seguinte: "Existem vários caminhos que levam a Deus da mesma forma que vários caminhos levam ao topo de uma montanha". A boa notícia em tal pensamento é que ninguém será julgado por falhar na escolha do caminho certo para chegar a Deus, porque não existem caminhos errados. Cada um de nós pode escolher o caminho que achar melhor.

Mas outra vez existe uma notícia ruim que se esconde por trás dessa afirmação. A má notícia encontra-se na ênfase na analogia — no caminho em que *nós* devemos andar. Em outras palavras, de acordo com essa visão, a salvação é um processo gradual baseado no esforço humano. Além disso, a má notícia é que podemos não estar seguros sobre o que acontece após a morte, pois nunca estaremos certos de termos alcançado o padrão exigido.

A verdadeira boa notícia é que a salvação, segundo o cristianismo, é uma dádiva a ser recebida, não algo a ser ganho através do esforço humano. Além disso, porque Deus completou a salvação em nosso

favor e nós simplesmente a recebemos, podemos ter a total segurança de que nada pode nos separar do amor de Deus (veja Rm 8.38,39).

Aproxime-se deles no Nível de suas Emoções e Imaginação

Uma outra forma de atrair estrangeiros ao evangelho é tocando-os no nível emocional e no nível de sua imaginação. Por sermos criaturas com vários níveis, feitas à imagem de Deus, o nível intelectual não deve ser a nossa única avenida de aproximação. "As pessoas precisam de fatos para saber que decisão tomar", escreveu um evangelista, "porém a emoção faz com que coloquem a decisão em prática".[8] E a maneira de tocar as pessoas no nível emocional é por meio de uma imagem ou figura de linguagem, como um testemunho, uma história ou uma ilustração. Por exemplo, mantenha-se informado acerca dos filmes que os estrangeiros assistem e dos livros que estão lendo, e esteja disposto a discutir sobre eles. Alguns filmes e livros fazem grandes analogias ao evangelho.

Mantenha a Pessoalidade de Deus em Mente

Provavelmente a verdade básica mais simples que separa o cristianismo das outras religiões do mundo é que *Deus é um ser pessoal.* Embora alguém não ache que tal verdade básica seria única entre as religiões do mundo, de fato muitas delas realmente afastam a Deus em vez de torná-lo conhecido. Elas acreditam que Deus é distante, abstrato, desconhecido e até mesmo incompreensível. Por exemplo, a idéia suprema de Deus no hinduísmo é chamada de *nirguna Brahman. Nirguna* significa "sem atributos". Uma coisa que não tem atributos é abstrata e impossível de se relacionar em um nível pessoal.

A idéia suprema de Deus no budismo é de anulação ou vazio. A frase a seguir está escrita em uma das escrituras sânscritas para o budismo: "Por que não se consegue alcançar o Nirvana? Por que o Nirvana é a região de 'não existência de realidade'... Se for para compreender o Nirvana, deve-se ir além da consciência".[9] Dizer que o Nirvana (o equivalente a "Paraíso" no budismo) é a região de não existência de realidade, ou dizer que devemos ir além da consciência para perceber o Nirvana é tornar Deus abstrato demais.

Um outro exemplo é o que o Alcorão diz acerca de Alá, que "nada é como ele" (*Sura* 42.11). Embora um cristão concordaria com tal declaração (veja Is 4.18, 25; 55.8,9), o islã leva essa afirmação ao extremo. Por exemplo, um comentarista muçulmano escreve: "Tão transcendente é o Ser Divino [que Ele é] até mesmo acima da limitação da metáfora".[10] Se de fato Deus é diferente de todas as metáforas e se não existe metáfora capaz de transmitir qualquer verdade acerca de Deus de alguma forma, então se torna impossível para a humanidade imaginar como ele seja. Em essência, nada pode ser conhecido acerca de Deus, o que, novamente, é afastá-lo.[11]

Como conseqüência, embora muitos estrangeiros sejam muito dedicados à sua religião, não podem dizer honestamente que têm um relacionamento pessoal com o seu deus. Não obstante, podem ser atraídos pelo relacionamento pessoal que você tem com Deus como um Pai amoroso, no qual você ora ao Senhor, busca orientação nEle, ama-o e sabe que Ele o ama também. A idéia de que podemos lançar sobre Ele toda a nossa ansiedade porque Ele tem cuidado de nós (1 Pe 5.7) pode ser um conceito novo, mas poderoso, para eles.

Além disso, manter a pessoalidade de Deus em mente com freqüência é útil quando tratamos de certas objeções. Por exemplo, é útil como uma forma de tratar da crença comum de que "existem vários caminhos que levam a Deus da mesma forma que vários caminhos levam ao topo de uma montanha". Como a pessoalidade de Deus nos ajuda aqui? Bem, por que é verdade que existe apenas um caminho que conduz a Deus? Porque nosso problema principal não é que temos de encontrar nosso caminho ao topo da montanha; é que temos rompido nosso relacionamento com Deus por causa de nosso pecado e rebelião contra Ele.

Assim, ao tratar da crença de que existem vários caminhos que levam a Deus, apresente a seguinte questão ao seu amigo: "Suponha que você seja o responsável por romper um relacionamento com um amigo por causa de um erro, como fofoca ou calúnia, que cometeu contra ele ou ela. Quantos caminhos existem para restaurar esse relacionamento?" A resposta é que na verdade existe apenas um caminho para restaurar um relacionamento rompido — confessar nossa culpa e pedir perdão ao nosso amigo. Essa é a resposta a que você chega se contesta as objeções com o fato de que Deus tem atributos pessoais.

APOLOGÉTICA COMO DEFESA

Defendendo a Fonte

O melhor lugar para atacar qualquer coisa é na fonte, e, em muitos aspectos, a fonte do cristianismo é a Bíblia. Se a Bíblia puder ser mostrada como falsa, então tudo no cristianismo cai junto. Portanto, muitos estrangeiros atacarão a Bíblia, dizendo que não passa de simples palavras de homens e que não merece ser chamada de a única Palavra de Deus.

Defender a autenticidade da Bíblia e a alegação exclusiva de ser a revelação de Deus é um assunto vasto, e muitas abordagens foram desenvolvidas, mas uma especialmente útil é apontar as afirmações pré-científicas contidas na Bíblia.

Kenny Barfield, autor de *Why the Bible Is Number One* (Por que a Bíblia É Número Um), escreve que "toda civilização e cultura antiga aceitava concepções científicas errôneas em graus variados, e escritores bíblicos evitaram esses erros em um tempo quando eram predominantes em documentos seculares".[12] E William Cairney, em um capítulo intitulado "Biomedical Prescience 1" (Presciência Biomédica 1) em *Evidences for Faith: Deciding the God Question* (Evidências para a Fé: Decidindo a Questão de Deus), escreve: "Por *presciência* entendemos a ocorrência, nas Escrituras, de afirmações precisas refletindo um conhecimento detalhado de conceitos científicos *muito antes* que a humanidade tivesse base tecnológica para que tais coisas fossem conhecidas".[13]

Os seguintes exemplos são apenas algumas das afirmações pré-científicas encontradas na Bíblia. Tomamos por certas muitas das visões bíblicas expressas abaixo, mas elas não eram a norma quando foram escritas. Na verdade, as visões bíblicas do corpo, a natureza da enfermidade, o universo e a Terra foram muito contrárias à norma e estavam dois ou três mil anos cientificamente a frente de seu tempo.

- Acreditava-se que o universo era murado, limitado por algum tipo de barreira sólida que cercasse os céus. Os escritores bíblicos, porém, descreveram o universo não como sendo fixo ou sólido, mas como imenso e capaz de se expandir (veja Gn 1.14; Jó 26.7; Jr 31.37; Zc 12.1).[14]
- Antigamente, acreditava-se que o universo era eterno e imutável. E mesmo no século XX, cientistas, incluindo Einstein, não queriam admitir a crescente evidência de que o universo não

era eterno. Mas está escrito na Bíblia que "no princípio, criou Deus os céus e a terra" (Gn 1.1).[15]

- Autores antigos escreveram a respeito da Terra apoiada sobre vários tipos de fundamento, tais como as costas de elefantes, o casco de tartarugas ou lampreias, ou flutuando em um oceano primitivo, mas Jó escreveu acerca da Terra suspensa sobre nada (Jó 26.7).[16]
- Pensava-se que o fundo do oceano era plano, arenoso e sem qualquer característica geográfica, mas a Bíblia fala de "profundezas do abismo" (Jó 38.16 – NVI). Barfield escreve: "Até a viagem da *H. M. S. Challenger* em 1873, a existência de cânions submarinos não fora documentada por pesquisas científicas".[17]
- As vozes oficiais na China, Babilônia, Assíria e Egito asseveraram que somente a chuva e os rios enchiam o oceano, mas Moisés, Jó e Salomão escreveram sobre as fontes e nascentes nas profundezas que também contribuíam para encher o oceano (veja Gn 7.11; Jó 38.16; Pv 8.28).[18]

As evidências de afirmações pré-científicas acima são motivos de explicação. Temos vários documentos antigos em uma coleção, e esses documentos foram escritos por diferentes autores, em tempos e circunstâncias diferentes. Todos os documentos foram escritos bem antes da era científica moderna. Mas esses documentos contêm afirmações precisas sobre fatos científicos que não foram descobertos antes de dois ou três mil anos. Além disso, esses documentos bíblicos evitam erros que, com freqüência, eram mantidos nas culturas vizinhas durante o tempo em que foram escritos. Como podemos explicar isso? Parece que a melhor explicação é que o conhecimento que os escritores da Bíblia possuíam vinha de uma fonte que estava além deles — talvez uma fonte divina, que é o que seus escritos alegam.

Tratando a Questão da Evolução

O ensino da evolução tem se difundido na maioria dos países, se não em todos. Você encontrará estrangeiros de todos os países que acreditam na teoria da evolução. Como devemos lidar com essa questão?

Teorias científicas concernentes à origem do universo e à diversidade da vida são mais e mais parecidas com o modelo da criação do

que com o modelo naturalista-evolucionista.[19] Patrick Glynn, um ex-ateu que se tornou teísta, escreveu: "Ironicamente, a imagem do universo que nos foi transmitida pela ciência mais avançada no século XX está mais próxima da visão apresentada no livro de Gênesis do que qualquer idéia apresentada pela ciência desde Copérnico".[20] Vemos a confirmação disso em diversas áreas.

Primeiro, considerando que os cientistas há apenas setenta anos acreditavam que o universo era eterno, a teoria da relatividade, a segunda lei da termodinâmica e a mudança para vermelho das estrelas (que significa que estão se movendo para longe de nós) indicam que o universo teve um começo. Além disso, a primeira lei da termodinâmica, que fala da conservação da matéria, implica que a mesma não pode simplesmente vir à existência de modo súbito, mas que algo externo ao universo deve ter provocado sua existência. Como o universo não pode provocar sua própria origem, essa causa está fora dele.[21]

Segundo, quando *The Origin of Species* (A Origem das Espécies), de Charles Darwin, foi publicado em 1859, sua teoria anunciava que deveria haver uma grande quantidade de formas transicionais entre as espécies registrados em fósseis. Ele considerava a ausência de tais formas "a mais óbvia e importante objeção que pode ser incitada contra minha teoria".[22] Todavia, a paleontologia (o estudo dos fósseis) ainda era uma ciência nova, então Darwin confiou que os fósseis das formas transicionais fossem encontrados. Isso não aconteceu. As falhas ainda permanecem. Na verdade, Stephen Jay Gould, um leal defensor da teoria da evolução, teve que surgir com uma revisão da teoria para explicar as falhas nos registros dos fósseis. Ele chamou isso de "equilíbrio interrompido" — longos períodos em que as espécies ficam essencialmente inalteradas, interrompidos por períodos relativamente curtos de rápidas mudanças.

Terceiro, a idéia de que a microevolução (mudanças menores) leva à macroevolução (mudanças maiores) através da seleção natural e da mutação não foi demonstrada, mesmo depois de décadas de criação experimental. Por exemplo, moscas-das-frutas são capazes de se reproduzir apenas cinco dias após o nascimento, o que significa que um cientista pode observar milhares de gerações de moscas-das-frutas. Embora cientistas tenham observado variações incomuns sendo produzidas entre as moscas-das-frutas, elas continuaram sendo moscas-das-frutas.[23] Além disso, existe um limite mais alto para as mudanças

do que uma espécie pode suportar. Quando membros de uma espécie chegam a esse limite tornam-se mais fracos, como a criação das "espécies" prediz — e não mais fortes conforme prediz a evolução. Enquanto a criação seletiva e as mutações podem produzir variações dentro de um tema, a espécie continua "com sinais característicos",[24] que é coerente com o ensinamento bíblico.

Quarto, seguindo as experiências de Stanley Miller sobre a origem da vida, em 1953, a comunidade científica estava absolutamente confiante de que o processo químico por meio do qual a vida surgia a partir da ausência de vida logo seria descoberto. Esse processo, no entanto, tem provado ser muito mais difícil de se compreender do que se pensava originalmente. Os aminoácidos estão entre blocos construtores básicos da vida. Eles são usados para fazer as proteínas que são necessárias para formar o DNA que contém as informações sobre a vida. Os aminoácidos surgem de duas formas — canhota e destra. O problema é que os seres vivos usam apenas aminoácidos canhotos. Porém, experiências como as de Miller produzem uma seleção aleatória de ambos os tipos de aminoácidos; ou seja, não são capazes de escolher apenas o tipo canhoto, o que significa que são inúteis como base de coisas vivas.[25] Essa análise do processo naturalista supostamente responsável pela origem da vida não está mais próxima de uma solução desses problemas quanto estava há cinqüenta anos. Michael Behe, um bioquímico, escreveu: "Em particular, muitos cientistas admitem que a ciência não tem explicação para o início da vida".[26]

Quinto, existe um crescente corpo de evidências revelando que forças aleatórias ou as leis da natureza simplesmente não são suficientes como causas de tal fenômeno. O que essas evidências mostram é a necessidade de pressupor um projetista inteligente como sua explicação. Por exemplo, considere até que ponto o universo está equilibrado para dar origem e sustentar a vida.

- "A gravidade é aproximadamente 10^{39} vezes mais fraca do que o eletromagnetismo. Se a gravidade fosse 10^{33} vezes mais fraca que o eletromagnetismo, 'as estrelas seriam um bilhão de vezes menos sólidas e se incandesceria um milhão de vezes mais rápido'".[27]
- "Uma força nuclear mais forte (cerca de 2%) teria evitado a formação de prótons — produzindo um universo sem átomos.

Diminuindo-se cerca de 5%, teria nos dado um universo sem estrelas'".[28]

- "A própria natureza da água — tão essencial à vida — é algo misterioso... Singular entre as moléculas, a água é mais leve em sua forma sólida do que na forma líquida: o gelo flutua".[29] Se não fosse assim, os peixes morreriam ao ficarem presos em água congelada.
- A respeito da órbita da Terra, se fosse levemente mais próxima do sol, toda a nossa água iria evaporar; se fosse levemente mais distante, toda a água ficaria congelada. O funcionamento do corpo humano ocorre dentro de uma pequena variação de temperatura, e a Terra está a distância correta do sol para que se mantenha dentro dessa variação. Além disso, a órbita da Terra é mais circular do que elíptica, como os outros planetas, fazendo com que a temperatura fique relativamente constante.[30]

Tais exemplos continuam. De fato, é lógico achar que esse equilíbrio é resultado do acaso? Quando os cientistas lidaram com os vários cenários relativos ao desenvolvimento do universo, o que descobriram foi que "as menores mudanças na constância fundamental eliminavam por completo a possibilidade de vida".[31] Em vez de a humanidade parecer o resultado de forças naturais ilógicas e sem propósito, esse equilíbrio aponta mais para a idéia de que fomos planejados para existir desde o início. Como Patrick Glynn escreve, "Todas as constantes que parecem arbitrárias e sem conexão na física têm algo em comum — são precisamente os valores que você precisa se deseja ter um universo capaz de produzir vida".[32] Talvez as constantes não sejam tão arbitrárias e acidentais; talvez sejam intencionais. Contudo, a intenção é característica de uma inteligência, não de forças da natureza ilógicas e negligentes.

Além do equilíbrio do universo, outra forma de evidência para um projeto inteligente é a complexidade irredutível encontrada no nível molecular. Michael Behe desenvolve essa abordagem em seu livro *Darwin's Black Box* (A Caixa-preta de Darwin). Ele cita Darwin: "Se pudesse ser demonstrado que qualquer órgão complexo existiu sem que possivelmente fosse formado por várias, sucessivas e pequenas modificações, minha teoria estaria absolutamente fracassada".[33]

Existe algum sistema que satisfaça o critério de Darwin para considerar a sua teoria como falsa? Behe responde que um sistema que é

"irredutivelmente complexo" satisfaria esse critério, e que tal sistema pode ser encontrado no nível molecular. Eis o que Behe quer dizer como algo irredutivelmente complexo: "um sistema único composto de várias partes bem combinadas e interativas que contribuem para a função básica, na qual a remoção de qualquer uma das partes faz com que o sistema efetivamente pare de funcionar".[34]

Há basicamente duas partes nessa definição. Primeiro, um sistema irredutivelmente complexo consiste em partes múltiplas; e, segundo, cada parte é essencial para o funcionamento do sistema. Behe ilustra isso com a analogia de uma ratoeira. Uma ratoeira consiste em várias partes, cada uma sendo essencial ao funcionamento. Além disso, cada parte precisa estar em proporção exata com as outras partes. Por exemplo, se a parte que prende o rato for grande ou pequena demais, a armadilha não funcionará.

Um dos exemplos que Behe apresenta é o do processo químico pelo qual o sangue coagula. Ele faz o seguinte resumo:

> A função do sistema de coagulação do sangue é como uma barreira forte, porém transitória. Os componentes do sistema são ordenados para esse fim. Fibrinogênio, plasminogênio, tromboplastina, proteína C, globulina anti-hemofílica B e outros componentes juntos fazem algo que nenhum deles poderia fazer sozinho. Quando a vitamina K está indisponível ou falta o fator anti-hemofílico, o sistema falha assim como certamente acontece com uma máquina se houver a falta de algum componente.[35]

Por que Behe acha que esse sistema irredutivelmente complexo satisfaz o critério de Darwin, provando que a teoria da evolução está errada? Porque tais sistemas complexos e relacionados são inúteis a menos que estejam completos, e essa inteireza não pode acontecer como resultado de pequenas mudanças graduais.[36] Mas a idéia de tais mudanças pequenas e graduais de fato acontecerem encontra-se na base da teoria da evolução.

Por fim, o DNA exibe uma característica que vai muito além do que pode ser produzido pelo processo aleatório da natureza — e essa característica é informação, que é exclusiva da inteligência. O DNA é uma simples célula que contém mais informação do que uma enciclopédia de 90 a 120 volumes.[37] Tal informação pode mesmo surgir apenas de forças naturais, ou é preciso um fator inteligente?

Considere os fatos de que os fenômenos naturais podem ser explicados por meio de apenas três possibilidades — forças aleatórias, leis da natureza ou projeto inteligente. Os fenômenos produzidos por forças aleatórias são caracterizados por padrões irregulares e não contêm informações. Os fenômenos produzidos pelas leis da natureza caracterizam-se por serem regulares, reproduzíveis e previsíveis (por exemplo, padrões formados na areia pelo movimento das ondas do oceano), mas eles contêm pouca, se houver alguma, informação. Fenômenos produzidos por projeto inteligente são caracterizados por serem imprevisíveis e irregulares, mas contêm informações específicas (por exemplo, as palavras "Dean ama Debbie" escritas na praia).[38]

A evidência do equilíbrio do universo, a complexidade irredutível no nível molecular e as informações contidas no DNA apontam para o fato de que o modelo naturalista-evolucionista é insuficiente como uma explicação para a maravilha da vida e, em vez disso, aponta para a necessidade de incluirmos um projetista inteligente em nossas hipóteses.

APOLOGÉTICA COMO OFENSIVA

Para que a apologética seja eficaz, não deve ser apenas atrativa e defensiva. Por *ofensiva* não queremos dizer que pretendemos ofender os outros, mas que, de modo sensível e gentil, pretendemos apontar a fraqueza de seus argumentos ou visões de mundo. Apresentamos a seguir algumas maneiras de se fazer isso.

Devolvendo-lhes os Argumentos que Defendem

Muitos estrangeiros têm sido tão influenciados por perspectivas relativistas quanto às pessoas no ocidente. A maneira de responder a tais afirmações relativistas é devolver seus argumentos e ver o que acontece. Veja os exemplos a seguir:

- "Embora seja bom para você acreditar que o cristianismo é verdadeiro, isso não me parece ser a verdade." Pessoas que fazem afirmações assim vêm de uma perspectiva relativista que diz não existir verdade absoluta que se aplique a todas as pessoas universalmente. Porém essa afirmação relativista alega ser uma verdade

absoluta, refutando a si mesma por isso. As pessoas que fazem tais afirmações também alegam ser uma exceção à sua própria regra, pois estão fazendo uma reivindicação absoluta de que não existe verdade absoluta.[39]

- "O método científico é o único caminho confiável para se chegar à verdade. A menos que algo possa ser provado cientificamente, não acreditarei nele." Tal afirmação é em si mesma filosófica e por isso vai além das fronteiras de seu próprio critério para a verdade, que é a observação científica.
- "É errado julgar os outros." Pessoas que fazem essa afirmação estão julgando você por julgar os outros. Novamente, tais pessoas estão alegando ser uma exceção de sua própria regra. Elas estão dizendo que é errado para um cristão declarar que uma outra visão de mundo é errada.[40]
- "Os cristãos são intolerantes." Se o que essas pessoas querem dizer com *intolerantes* é não aceitar todas as reivindicações de verdade como sendo igualmente verdadeiras, então elas não estão vivendo de acordo com seu próprio padrão, pois não aceitam os ensinamentos cristãos como verdadeiros.[41]
- "O país em que você nasceu quase determina a religião que seguirá." Essa afirmação não diz nada acerca de qual religião é verdadeira. Além disso, o argumento poderia ser usado contra pessoas que fazem a afirmação, porque são influenciadas por sua cultura da mesma forma.[42]

Uma outra maneira de responder às crenças relativistas é pedir ao estrangeiro que imagine a aplicação dessas mesmas crenças relativistas a algum campo da ciência, como a engenharia aeroespacial. O que o professor pensaria se você escrevesse as seguintes declarações no final de uma prova?

- Acredito que todas as teorias aeroespaciais são basicamente iguais.
- Acredito que a teoria possa ser verdade para você — o professor — mas não para mim.
- Acredito que não devemos fazer julgamentos acerca da veracidade de várias teorias.

É provável que o aluno seria expulso do programa, e por boas razões. Além disso, ninguém iria querer voar em um avião projetado por um cientista relativista. Mas se é obviamente absurdo aplicar essas afirmações relativistas às ciências físicas, então por que também não é absurdo quando alguém as aplica a tudo na realidade?[43]

Exponha a Prática de Pegar alguma Coisa Emprestada da Visão de Mundo ao mesmo Tempo em que Argumenta contra ela

Alguns estrangeiros argumentarão que a reencarnação é mais justa que o ensinamento cristão de que seremos julgados após a vida. Mas a questão deve ser feita. Em que eles baseiam seu conceito de justiça? A reencarnação baseia-se no *princípio impessoal* da lei da causa e efeito (ou carma), que significa que cada um de nós colhe o que semeia, e que não há exceções à regra. As leis do carma são semelhantes às leis da natureza no sentido de que ambas são baseadas em forças impessoais. Além disso, a reencarnação é ensinada mais freqüentemente — e com mais coerência — no contexto da realidade suprema de ser impessoal. Por outro lado, haveria um espaço para o perdão de nossas ações, e isso não é algo encontrado no ensinamento da reencarnação.

Mas justiça, diferente do carma, é um atributo de seres pessoais. A justiça é semelhante à reencarnação no sentido de que ambas associam conseqüências com ações, mas são diferentes porque a justiça baseia-se em um fundamento moral que declara que algumas ações são certas e outras são erradas. A reencarnação, por outro lado, só associa ações a conseqüências, mas como está no contexto da realidade suprema de ser singular além de todas as distinções (incluindo distinções morais), não tem um fundamento suficiente para determinar que ações são certas e que ações são erradas. Elas simplesmente são ações que carregam conseqüências, e nada mais. Somente uma visão de mundo teísta, como o cristianismo, tem um fundamento moral suficiente para sustentar o conceito de justiça. Portanto, aqueles que dizem que a reencarnação é mais justa que o ensinamento cristão sobre o juízo de Deus na verdade estão se apropriando da visão de mundo cristã embora, ao mesmo tempo, argumentam contra ela, fornecendo uma confirmação subentendida àquilo contra o que argumentam.

Uma outra objeção que os estrangeiros às vezes apresentam contra o cristianismo é o problema do mal, que questiona a existência de Deus por causa da presença de tanto mal e sofrimento no mundo. Como um bom Deus pode permitir o mal e o sofrimento? No entanto, outra vez, eles estão se apropriando do sistema de crenças contra o qual alegam argumentar. Como Paul Copan escreve, "a presença do mal pressupõe a existência de um padrão moral objetivo que está sendo violado. Se o verdadeiro mal existe, então também deve existir um padrão objetivo de bondade pelo qual uma coisa é considerada como mal"[44] — e esse padrão objetivo de bondade é encontrado somente em um Deus santo, que é exatamente contra quem eles argumentam.

Esteja Ciente de se Mover de um Sistema de Pensamento para outro Sistema Oposto

Esse princípio é semelhante ao anterior em que os estrangeiros se apropriam de um elemento da visão de mundo cristã embora argumentando contra ela. Todavia, uma pequena diferença é que o estrangeiro faz uma transição sem emendas de um sistema de pensamento para um sistema oposto, sem ao menos perceber que fez essa mudança. Enquanto uma técnica se apropria de uma visão de mundo, a outra faz a mudança na visão de mundo.

Por exemplo, um estudante muçulmano contestou o evangelho dizendo que não parecia justo que *Jesus* pagasse por *nossos* pecados. Tal crença, ele afirmou, vai totalmente contra a justiça de Deus. Em resposta, perguntei: "Nós dois cremos que Deus é justo e santo. Então o que acontecerá a você no Dia do Juízo quando estiver diante desse Deus justo e santo?" O estudante replicou: "Espero que Ele me perdoe. Arrependo-me de meus pecados todos os dias e peço perdão a Deus".

Você percebeu? Esse estudante mudou seu discurso sobre Deus ser justo e passou a falar sobre o Deus que perdoa, embora negando em todo o tempo o fundamento bíblico para o perdão de Deus, que é a morte vicária de Cristo na cruz.

Perguntei ao estudante: "Mas por que Deus deveria perdoar-lhe? Afinal, você mesmo disse que Deus é justo e santo. Então, se violamos a lei de deus, como seria justo que Ele nos perdoasse? Merecemos o julgamento, e não o perdão. Também precisamos perceber que o perdão tem um preço, e esse preço está além de nossa capacidade de

pagar. A religião do Islã não estabelece que ninguém pague o preço do perdão. Se Deus perdoa sem o pagamento do perdão, então sua santidade é diminuída. Mas no cristianismo, Cristo é o único que paga o preço em nosso favor".

Para dar-lhe um outro exemplo, um estrangeiro contestou o cristianismo dizendo: "É injusto que os cristãos sejam perdoados quando outros cujas vidas foram exemplares sejam julgadas". Percebeu a mudança? Observe cuidadosamente o que está sendo dito aqui. Essa pessoa, na verdade, está dizendo que "aqueles que vivem de modo exemplar merecem ser perdoados no mínimo tanto quanto os cristão, porém não mais que eles. "O que esse estrangeiro está fazendo é mudar de uma linguagem da graça ("perdão") para uma linguagem de mérito ("vida exemplar"). Ao apontar para a vida exemplar daqueles em outras religiões como o que os qualifica para o perdão, essa pessoa está vindo de uma noção errônea de que o perdão é algo para ser merecido. Mas os cristãos merecem ser perdoados? Não. Alguém merece ser perdoado? Não. Por que não? Porque o perdão não é algo a ser merecido ou não. O "perdão merecido" é uma contradição em termos. É a mistura de duas linguagens opostas — a linguagem da graça e a linguagem do mérito — pois uma dádiva só pode ser recebida, nunca obtida.

ALGUNS CONSELHOS FINAIS

Seja paciente. Como você pode imaginar, mudar a religião ou visão de mundo de alguém não é fácil, e com freqüência leva tempo. Pelo menos inicialmente, enquanto você desenvolve suas habilidades apologéticas e evangelísticas, concentre-se em um único seguimento da população estrangeira que vem de uma religião ou visão de mundo. Em outras palavras, se possível, concentre-se em budistas, hindus, muçulmanos ou secularistas. Por quê? Porque será um desafio suficiente para se tornar experiente ao lidar com as questões apresentadas por qualquer religião ou visão de mundo. Além disso, ao desenvolver habilidades no trabalho com um grupo, essas habilidades serão transferidas ao trabalho com outros grupos mais tarde.

Leia bastante sobre a religião ou visão de mundo em que está se concentrando. Leia tanto a literatura que promove essa religião ou visão de mundo quanto à literatura que se opõe a ela. Se você perceber que sua fé está sendo ameaçada por essas leituras, interrompa-as ou peça orientação a um cristão maduro para continuar.

Ore com fervor. Embora como seres humanos possamos tratar de questões intelectuais e emocionais, a batalha mais profunda tem a ver com o coração e a vontade da pessoa, e somente o Espírito Santo pode tocar essas áreas.

Declare ao seu amigo estrangeiro que sua amizade é incondicional e nunca dependerá do que ele ou ela faça em relação a Jesus Cristo.

Apresente seu amigo estrangeiro a outros cristãos. É mais provável que o estrangeiro venha ao Senhor quando vê a obra que tem realizado na vida de vários cristãos em vez de na vida de apenas um.

Questões para Reflexão e Debate

1. Se não estamos procurando conscientemente os estrangeiros entre nós, com freqüência falhamos em notá-los. Fale sobre os estrangeiros com quem você convive. Onde eles estão? Eles podem estar em seu trabalho, em sua vizinhança ou nas escolas. Qual é a nacionalidade deles? Quais são suas religiões? Mencione também os estrangeiros que você conhece pessoalmente.
2. A amizade é o primeiro passo na evangelização de estrangeiros. Quais são algumas formas de você construir pontes de amizade com os estrangeiros ao seu redor?
3. Discuta a respeito dos pontos de atração mencionados na seção "Apologética como Atração". Você pode pensar em outros pontos de atração no evangelho? Que outros filmes ou livros seriam bons recursos para se chegar à discussão e ilustrar o evangelho?
4. Além das duas objeções tratadas na seção "Apologética como Defesa" (ataques contra a Bíblia e contra o Criador), que outras objeções você tem enfrentado? Que sugestões você tem para se lidar com elas?
5. Se alguém persiste em crer na teoria da evolução, você acha que tal crença impede que ela aceite o evangelho?
6. Que objeções você tem enfrentado que envolvem formas errôneas de raciocinar semelhantes às encontradas na seção "Apologética como Ofensa"?

Notas

Capítulo 2
Quatro Desafios para Líderes de Igreja

[1] Peter Kreeft, *Three Philosophies of Life* (São Francisco: Ignatius Press, 1989), p. 54.

Capítulo 3
A Igreja como o Coração e a Alma da Apologética

[1] Citado em Kenneth L. Woodward, "Gospel on the Potomac", *Newsweek* (10 de março de 2003), p. 29.

[2] Dorothy Sayers, *Creed or Chaos?* (Nova Iorque: Harcourt Brace, 1949).

[3] Allan Bloom, *The Closing of the American Mind: How Higher Education Has Failed Democracy and Impoverished the Souls of Today's Students* (Nova York: Simon & Schuster, 1987).

[4] C. S. Lewis, *Mere Christianity* (Nova Iorque: HarperCollins, 2001, reedição; primeira edição, 1952), p. 52.

[5] Lee Strobel, *The Case for Christ* (Grand Rapids: Zondervan, 1998).

[6] Phillip E. Johnson, *Darwin on Trial*, 2ª ed. (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1993); Michael J. Behe, *Darwin's Black Box* (Nova Iorque: Free Press, 1996).

[7] C. S. Lewis, *Mere Christianity* (Nova York: HarperCollins, 2001, reedição; primeira edição, 1952).

[8] Josh McDowell, *More Than a Carpenter* (Wheaton, Ill.: Tyndale House, 1987).

Capítulo 4
A Prioridade da Apologética na Igreja

[1] Veja, por exemplo, Atos 1.3; 5.40; 6.9,11; 15.7; 16.15; 17.2,4,17; 18.4,13,14,19; 19.8,9,26; 23.9; 24.12; 25.14,16; 26.9,25,26,28; 28.20,23—24.

[2] Há alguns anos, começamos um ministério na Cumberland Community Church chamado "Reasons for Faith" (Razões para a Fé). Esse ministério realiza aulas e palestras em nível popular e de seminário, além de patrocinar debates.

[3] Jim Petersen, *Living Proof: Sharing the Gospel Naturally* (Colorado Springs: NavPress, 1989), pp. 188,189.

[4] Veja a figura 4.1 George Hunter, reitor da E. Stanley Jones School of Evangelism and World Mission, Asbury Theological Seminary, faz uma lista com dez características de pessoas não-crentes que explicam o tipo de questões difíceis que freqüentemente temos: (1) Pessoas não-crentes são essencialmente ignorantes do cristianismo básico; (2) pessoas não-crentes estão buscando a vida antes da morte; (3) pessoas não-crentes estão mais cientes da dúvida do que da culpa; (4) pessoas não-crentes têm uma imagem negativa da igreja; (5) pessoas não-crentes têm várias inimizades; (6) pessoas não-crentes não são confiáveis; (7) pessoas não-crentes têm baixa auto-estima; (8) pessoas não-crentes conhecem as influências na história como "fora de controle"; (9) pessoas não-crentes conhecem as influências na personalidade como "fora de controle"; (10) pessoas não-crentes não conseguem achar a "porta" da igreja (George G. Hunter III, *How to Reach Secular People* [Nashville: Abingdon, 1992], pp. 44-54. Esse "abismo cultural" também pode ser aplicado às experiências dos estrangeiros quando começam a ir à igreja — cultos "monótonos", linguagem que não é familiar, músicas antiquadas. Eles experimentam uma cultura diferente da que estavam acostumados — e questões como afeto, "bajulação", credibilidade, criatividade e conforto tornam-se barreiras.

[5] Uma forma desse diagrama veio à atenção do autor primeiramente por meio do ministério da Reaching the Unchurched Network no Reino Unido.

[6] C. S. Lewis, *Mere Christianity* (Nova York: HarperCollins, 2001, reedição; primeira edição, 1952), p. 39.

[7] Esse tratamento da dúvida é dirigido ao que procura; para um tratamento relevante para o crente, veja o capítulo 1 da obra de William

Lane Craig *No Easy Answers: Findind Hope in Doubt, Failure and Unanswered Prayer* (Chicago: Moody Press, 1990), pp. 29-41.

[8] Gary Habermas, *Dealing with Doubt* (Chicago: Moody Press, 1990), p. 10.

[9] Os Guinness, *Doubt: Faith in Two Minds*, 2ª ed. (Glasgow, Scotland: Collins, 1983), p. 27. (Reimpresso como *God in the Dark* [Wheaton, Ill.: Crossway, 1996)]).

[10] David Watson, *My God Is Real* (Eastbourne, Inglaterra: Kingsway, 1985), p. 78.

[11] Em João 5.24 diz: "Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida".

[12] Veja Tiago 1.2-18, sobre como provações edificam a nossa fé para trazer perseverança, maturidade e aperfeiçoamento. Na verdade, Tiago sugere que, se alguém não pode ver isso, deve pedir a Deus sabedoria para ver como as provações nos edificam: "Peça-a, porém, *com fé, não duvidando*; porque o que duvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento e lançada de uma para outra parte" (Tg 1.6, grifo do autor). Em Mateus 14.31 nos relata a repreensão de Jesus a Pedro por causa de sua falta de fé durante uma tempestade: "E logo Jesus, estendendo a mão, segurou-o e disse-lhe: Homem de pequena fé, por que duvidaste?" Em outro exemplo, Abraão é testado em relação ao seu filho Isaque. Deus diz em Gênesis 22.12: "... agora sei que temes a Deus e não me negaste o teu filho, o teu único".

[13] Larry Crabb, *Finding God* (Grand Rapids: Zondervan, 1993), p. 71.

[14] Uma aplicação da verdade de 2 Coríntios 1.3-7.

[15] C. S. Lewis, *The Problem of Pain* (Nova Iorque: HarperCollins, 2001, reedição; primeira edição, 1940), p. 68.

Capítulo 5
Flechas e Espadas na Igreja

[1] Citado em Michael Green, *Evangelism in the Early Church* (Grand Rapids: Eerdmans, 1983), p. 203.

[2] C. S. Lewis, *The Screwtape Letters* (Nova York: HarperCollins, 2001. reedição; primeira edição, 1942), p. 135.

[3] Arthur Peacocke, "New Wineskins for Old Wine: A Credible Theology for a Scientific World", em *Science & Spirit*, v. 10 (1999), p. 32.

[4] William Barclay, *The Letters to the Corinthians*, Daily Bible Study Series, edição revisada (Filadélfia: Westminster, 1975), p. 2.

[5] William Temple, *Readings in St. John's Gospel* (Londres: Macmillan, 1940), p. 68.

Capítulo 6
Criando um Clima Apologético no Lar

[1] *The Ressurrection Debate with Dr. Dale Miller*, disponível em http://www.waltermartin.com.

[2] Lee Strobel, *The Case for Christ* (Grand Rapids: Zondervan, 1998).

[3] J. P. Moreland, *Love Your God with All Your Mind* (Colorado Springs: NavPress, 1997), p. 131.

Capítulo 7
Quando Vão para a Faculdade: Podemos Protegê-los?

[1] Meu assunto acadêmico é ética e filosofia política, com ênfase na lei natural e na religião na vida pública.

[2] A coluna "Office Hours" aparece em *Boundless Webzine* (http://www.boundless.org).

3 John R. W. Stott, *You Can Trust the Bible* (Grand Rapids: Discovery House, 1982), p. 14.

[4] Os três parágrafos seguintes são uma adaptação do meu artigo "O que É Bom acerca do Sexo?", na revista *Citizen* (Novembro de 1999).

[5] Algumas reflexões úteis sobre essa combinação são oferecidas em Bem Young e Sam Adams, *The Tem Commandments of Dating* (Nahsville: Nelson, 1999).

[6] "Porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, também vós vos manifestareis com ele em glória" (Cl 3.3,4). "Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos" (1 Jo 3.2). "Ao que vencer darei eu a comer do maná escondido e dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe" (Ap 2.17).

[7] John Bunyan, *The Pilgrim's Progress* (Nova York: Simon & Schuster, 1957), pp. 54,55.

[8] Veja, por exemplo, Michael J. Behe, *Darwin's Black Box: The Biochemical Challenge to Evolution* (Nova York: Free Press, 1996);

William A. Dembski, *Intelligent Design: The Bridge Between Science and Theology* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1999); e as muitas obras de Phillip Johnson.

[9] Richard Lewontin, "Billions and Billions of Demons", *The New York Review of Books* (9 de janeiro de 1997), p. 31.

[10] Escrevi sobre essas testemunhas em diversos trabalhos, apesar de algumas vezes classificá-las e enumerá-las de forma bem diferente.

[11] Em Romanos 1.26,27, por exemplo, condena o pouco caso para com a evidência do projeto sexual.

Capítulo 8
Questões e Abordagens no Trabalho com Estrangeiros

[1] Diane Schmidley e Herman Alvarado, "The Foreign-Born Population in the United States: March 1997 (Update)", Census Bureau, Departamento de Comércio dos E.U.A. (março de 1998), disponível on-line em http://www.census.gov/population/www/socdemo/foreign.html

[2] Bill Mitchell, International Students, Inc., equipe em Greensboro, Carolina do Norte; correspondência pessoal.

[3] Esclarecimento partilhado por Bill Mitchell; correspondência pessoal.

[4] Carl Sagan, *Contact* (Nova Iorque: Pocket Books, 1985), p. 153.

[5] Contado por Bill Mitchell; correspondência pessoal.

[6] Bill Mitchell; correspondência pessoal.

[7] Dean Halverson, ed. *The Compact Guide to World Religions* (Minneapolis: Bethany House, 1996), p. 170.

[8] Dick Innes, "The Art of Using Appropriate Vocabulary", em *The Art of Sharing Your Faith*, ed. Joel Heck (Tarrytown, NovaYork.: Revell, 1991), p. 125.

[9] Dwight Goddard, ed., *A Buddhist Bible* (Boston: Beacon Press, 1966), p. 86.

[10] Maulana Muhammad Ali, *The Holy Quran* (Chicago: Specialty Promotions, 1985), p. 918.

[11] Halverson, *The Compact Guide to World Religions*, pp. 19,20.

[12] Kenny Barfield, *Why the Bible Is Number One* (Grand Rapids: Baker, 1988), p. 12.

[13] William Cairney, "Biomedical Prescience 1: Hebrew Dietary Laws", em *Evidence for Faith: Deciding the God Question*, ed. John Warwick Montgomery (Dallas: Probe Books, 1991), p. 128.

[14] Barfield, *Why the Bible Is Number One*, pp. 102,103.

[15] Ibid., pp. 103-106.

[16] Ibid., p. 107.

[17] Ibid., pp. 169,170.

[18] Ibid., pp. 171,172.

[19] Veja uma discussão sobre como a ciência está apoiando mais o modelo criacionista do que o evolucionista nos capítulos 6 a 10, Chuck Colson e Nancy Pearcey, *E Agora Como Viveremos?* (Rio de Janeiro: CPAD, 2000).

[20] Patrick Glynn, *God: The Evidence: The Reconciliation of Faith and Reason in a Postsecular World* (Roseville, Califórnia: Prima, 1997), p. 26.

[21] Colson e Pearcey, *E Agora Como Viveremos?*, p. 84.

[22] Charles Darwin, como citado em Percival Davis e Dean Kenyon, *Of Pandas and People: The Central Question of Biological Origins*, 2ª ed. (Dallas: Haughton, 1993), p. 23.

[23] Colson e Pearcey, *E Agora Como Viveremos?*, p. 114.

[24] Ibid., p. 113.

[25] Ibid., p. 96.

[26] Michael Behe, *Darwin's Black Box: The Biochemical Challenge to Evolution* (Nova York: Touchstone, 1996), p. 172.

[27] Glynn, *God: The Evidence*, p. 29.

[28] Ibid., p. 29.

[29] Ibid., p. 30.

[30] Colson e Pearcey, *E Agora Como Viveremos?*, p. 89.

[31] Glynn, *God: The Evidence*, p. 28.

[32] Ibid., p. 22.

[33] Behe, *Darwin's Black Box*, p. 39.

[34] Ibid., p. 39.

[35] Ibid., p. 204.

[36] Ibid., pp. 39,73,194.

[37] Colson e Pearcey, *E Agora, Como Viveremos?*, p. 102.

[38] Ibid., p. 67.

[39] Paul Copan, *"True for You, but Not for Me": Defeating the Slogans That Leave Christians Speechless* (Minneapolis: Bethany House, 1998), cap. 1.

[40] Ibid., p. 4.

[41] Ibid., capítulo 5.

[42] Ibid., capítulo 13.

[43] Ibid., p. 71.

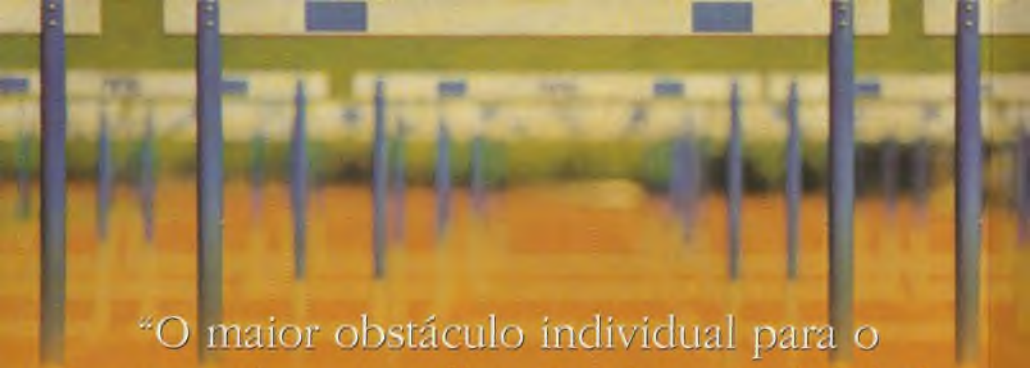
[44] Ibid., p. 66.



Ravi Zacharias tem falado em diversos lugares do mundo e em várias universidades, incluindo Harvard, Cambridge e Princeton. Seu programa de rádio semanal *Let my People Think* é transmitido por mais de mil estações em todo o mundo. Ele é presidente do Ravi Zacharias International Ministries, com sede em Atlanta, Geórgia, com escritórios adicionais no Canadá, Índia, Cingapura e Reino Unido. É autor de vários livros, incluindo *Can Man Live Without God?* E *Cristo, entre outros Deuses*, publicado pela CPAD.



Norman Geisler é presidente do Southern Evangelical Seminary em Charlotte, Carolina do Norte, e autor e co-autor de mais de cinqüenta livros. Tem apresentado palestras ou participado de debates nos cinqüenta estados americanos e em vinte e cinco países.



"O maior obstáculo individual para o impacto do evangelho não é sua inabilidade de fornecer respostas, mas a falha de nossa parte em vivê-lo completamente."

Ravi Zacharias

As pessoas em sua igreja estão superando os obstáculos de integrar apologética em suas vidas? Ou a apologética é irrelevante no século XXI, quando as pessoas ouvem com os olhos e pensam com as emoções?

Ravi Zacharias e Norman Geisler reúnem uma equipe de pensadores cristãos altamente qualificados que defendem a causa em prol do lugar da apologética na igreja local, no lar e na escola. Usando exemplos pessoais e ilustrações, eles chamam a atenção para necessidades como:

- De que maneira devemos ouvir a verdadeira pergunta por trás da pergunta?
- Qual é o papel dos líderes da igreja em estimular um estilo de vida apologético?
- Como os pastores devem usar "flechas e espadas"?
- Como os pais podem preparar os filhos em casa para a apologética?
- Por que tantos cristãos universitários perdem a fé?
- Como podemos alcançar o coração e a mente de estrangeiros?

ISBN 852630860-2

9788526308602

Apologética